

VICCA - VARESE

.....
1.....
.....
.....

BIBLIOTECA CIVICA - VARESE

M.F.

571

Mod. 347

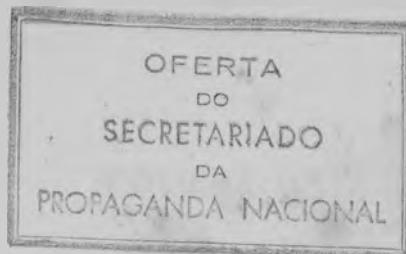
122

~~1244~~

Mo

Lod 111
L 318 / II

O MUATA CAZEMBE



O MÁTIA CÁSSEME



REPÚBLICA PORTUGUESA
MINISTÉRIO DAS COLÓNIAS

O MUATA CAZEMBE

E OS POVOS MARAVES, CHEVAS,
MUIZAS, MUEMBAS, LUNDAS
E OUTROS DA ÁFRICA AUSTRAL

*DIÁRIO DA EXPEDIÇÃO PORTUGUESA COMAN-
DADA PELO MAJOR MONTEIRO E DIRIGIDA
AQUELE IMPERADOR NOS ANOS DE 1831 E 1832.
REDIGIDO PELO MAJOR A. C. P. GAMITO,
SEGUNDO COMANDANTE DA EXPEDIÇÃO. COM
UM MAPA DO PAÍS OBSERVADO ENTRE TETE
E LUNDA*

VOLUME II



DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E BIBLIOTECA
AGÊNCIA GERAL DAS COLÔNIAS

1 9 3 7

*Colônia
Portuguesa*

YUNA-CASEME

20 7

18000 20000 18000

18000 20000 18000

C A P I T U L O VIII

Retirada da Expedição até aos limites
do Cazembe. Descripção d'este paiz
e de seus habitantes.

gabinete de Pequedona, que nos mostrou
que Cansape também tem suas
e que é impossível



I.

Maio 20. — Às oito horas e quinze minutos da manhã começámos a marcha, vindo eu na frente; e chegando á grande praça, e defronte da porta de leste da Ganda mandei dar uma descarga pela guarda da vanguarda, e entramos na grande rua que vae aos Maxamos, e andando com o rumo de L. chegámos á margem do rio Lunde, onde, com tres legoas de marcha, formámos o campo, proximo aos Maxamos. Este rio corre aqui para o S. com grande quantidade de agua, em rasão das copiosas chuvas que tem havido, o que o fez engrossar e sair do seu leito, vindo assim a fertilisar uma grande campina, e depois vae despejar no Mofo.

As cinco horas da tarde caiu sobre nós uma trovoada com tanta chuva que nos alagou completamente.

Maio 21. — No mesmo sitio, por assim ter sido requerido pelos mensageiros que vem acompanhar-nos a fim de effeitarem as ceremonias de despedida nos Maxamos, as quaes consistiram em o Muine-Maxamo implorar sobre a sepultura do Canhembo que este nos desse boa viagem, depois do que nos pôz na testa um signal de Impemba, como fez o Cazembe, e pediu que se dessem dois tiros em frente da porta do Maxamo,

o que sendo feito, dirigimo-nos em seguida á sepultura do Muata Lequeza, onde o respectivo Muine-Maxamo praticou o mesmo que o antecedente.

Fez-se hoje o termo n.º 12, em que se mencionam os negros mortos e extraviados desde a saída de Tete até hoje, notando o seu numero e indicando a quem pertencem.

Maio 22. — Pela manhã prosseguimos a nossa marcha para SSO., e depois de ter andado duas legoas passámos o riacho Chitambo, de que já havemos feito menção á vinda, e a pouca distancia ao S. d'elle chegámos ao acampamento, que estava feito pelo commerciante Paulo, o qual deu parte de não ter havido novidade.

Julgamos escusado mencionar todos os dias a hora da partida, e por isso omittiremos esta circunstancia d'aqui em diante.

Maio 23. — No mesmo sitio. Sendo mais as cargas do que os carregadores, é forçoso fazer Intutira, principiando-se amanhã este enladonho modo de marchar.

Maio 24. — Pela manhã segui para a frente com uma escolta e parte das cargas, com o rumo de LSO., e tendo andado uma legoa principiámos a subir a serra Chimpire, passando pela povoação do Fumo-Inspio; continuando a marcha, com o mesmo rumo por duas legoas, passámos o regato Mombereze, que corre para O. sem largura nem altura consideravel, e àquem d'elle formámos o campo, mandando voltar a gentes das cargas e ficando só com a escolta. Fugiram dois escravos, dados pelo Cazembe a dois soldados.

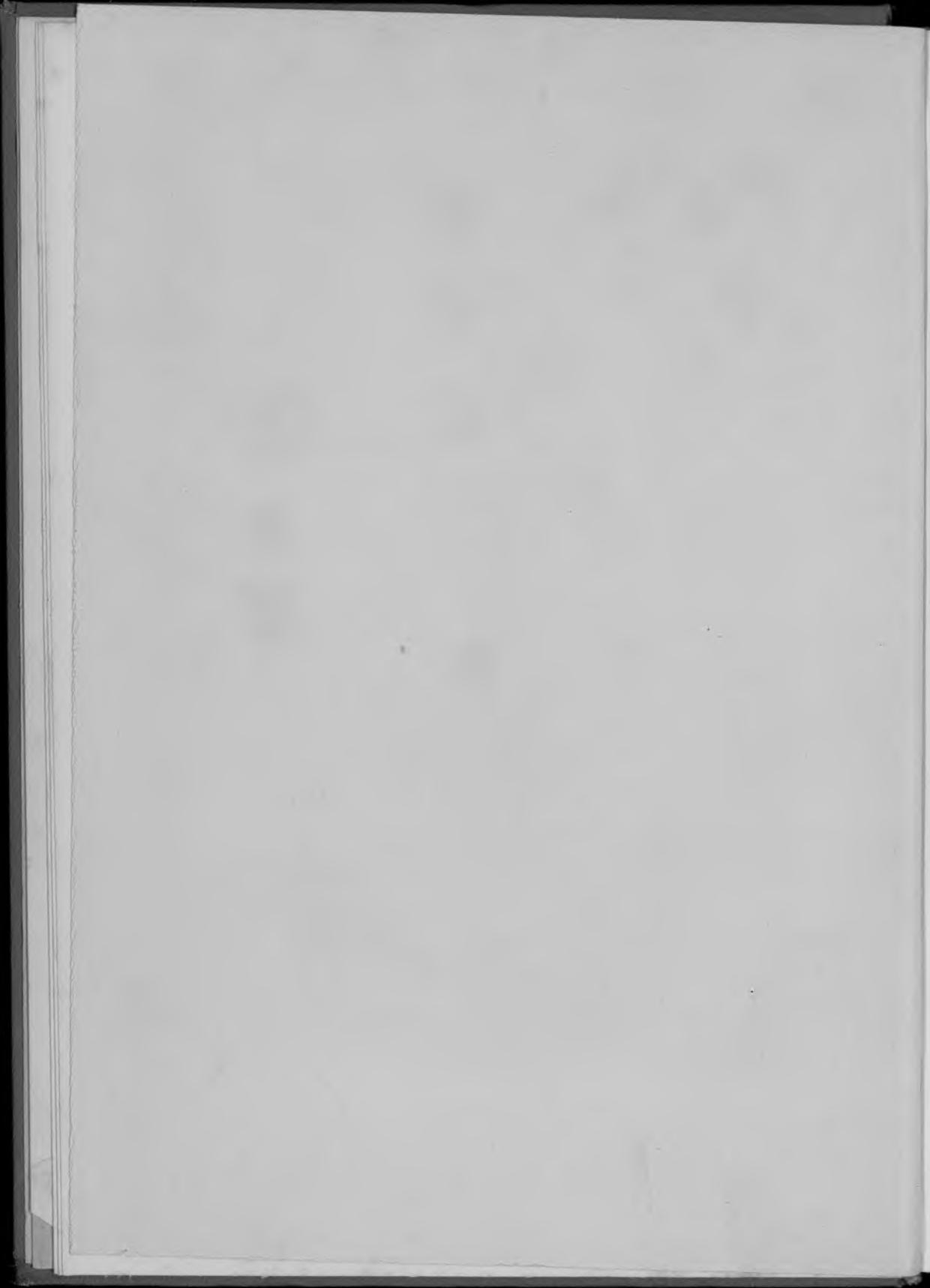
Maio 25. — Às dez horas da manhã começaram a chegar os carregadores, e ao meio dia estava já reunida toda a expedição. Despediram-se os mensageiros do Cazembe que nos vieram acompanhar até aqui.

Maio 26. — Pela manhã seguiu para a frente o commerciante Paulo Leonardo.

Maio 27. — Levantámos o campo, e seguindo para a



CAZEMBE OU LUNDA COM O POCUÉ DESEMBAINHADO, E COM O CABELO
PRESO ANTES DE PENTEADO.



fronte, com o rumo de SSO. meia legoa, passámos o riacho Cacalué, que corre para O. com alguma agua, e tem de largo quatro braças e de alto tres; e à ante d'elle meia legoa subimos um pequeno outeiro pedregoso, mas logo entrámos n'un Dambo, e no fim d'elle, depois de termos andado duas legoas desde o outeiro, chegámos ao campo, onde estava o comerciante Paulo, que deu parte de não ter havido novidade. Todo o caminho tem sido despovoado.

Maio 28. — Seguimos para OSO., e tendo caminhado uma legoa passámos o riacho Gúeuna, que corre para O. com quatro braças de largo e duas de alto: d'aqui tomámos o caminho de ESO., em que andamos uma legoa, e passámos o riacho Muenzi, que corre para O. com duas braças de largo, e uma e meia de alto, e à ante d'este ponto meia legoa, mas na margem do mesmo riacho, formámos o campo, voltando os catreadores.

Maio 29. — Às onze horas chegou a expedição.

Maio 30. — Seguiu o comerciante Paulo.

Maio 31. — Seguimos a marcha para SO., e tendo caminhado tres legoas encontrámos uma povoação abandonada, da qual fizemos caminho de S. meia legoa, e passámos o riacho Cassumba, com agua, que corre para O. com tres braças de largo e uma e meia de alto; e depois de have-lo passado chegámos ao acampamento do dito comerciante. Continua o despovoado. Ha aqui uma insignificante povoação, e por isso sem cousa alguma para vender. Morreram dois negros do comerciante Paulo.

Hoje serviu-nos o passaro Issai para nos mostrar abundancia de mel, mas a maior parte dos favos estavam cheios de vermes ou larvas, o que não foi embaraço para se comerem juntamente com o mel e cera.

Junho 1. — Seguimos para SO.; e tendo caminhado legoa e meia encontrámos uma insignificante povoação, a qual nos disseram que pertence ao irmão do Muanempanda; e prose-

guindo a nossa rota, a meia legoa d'ella chegámos á margem O. d'um grande Dambo, proximo ao qual ha um Mucito, ou matta densa, e encostado a elle mandámos formar o campo, e voltar os carregadores.

Junho 2. — Pela manhã mandámos observar se na povoação do Muanempanda ha falta de viveres, como dizem, o que infelizmente se verificou, perdendo assim as esperanças que tinhamos de abastecer-nos alli.

Junho 3. — Mandou-se á povoação do irmão do supradito pedir um guia para conduzir a expedição á povoação do Chembelenguezé, onde dizem que ha mantimentos, o qual veiu; e logo eu e o comerciante Paulo continuámos a marcha com o rumo de ENE., e apenas havíamos andado meia legoa, quando o guia se retirou, indicando o caminho que devíamos seguir, e dizendo que não havia outro: principiámos então a atravessar o grande Dambo, e tendo caminhado por elle em agua lodosa, que nos chegava até à cintura, pelo espaço meia legoa, que tanto gastámos em o atravessar, caminhámos depois para SE.; e tendo andado legoa e meia, entrámos n'outro Dambo, e na margem d'àquem do regato Caperembe formámos o campo. Continua o caminho a ser despovoado.

Junho 4. — Ao meio dia e vinte minutos chegou a expedição.

Junho 5. — Pela manhã segui para a frente com o mesmo comerciante, e atravessámos o regato que corre para o N. com duas braças de largo e uma de alto; fazendo caminho de SE. e tendo andado legoa meia, encontrámos culturas de milho, e a uma legoa à frente d'ellas chegámos à margem do regato Chitare, onde acampámos.

Junho 6. — Às onze horas da manhã chegou a expedição.

Junho 7. — Pela manhã levantámos o campo com toda a expedição, deixando uma escolta de guarda a vinte e duas cargas de marfim que ficaram no acampamento: passámos o regato que corre para o N. com duas braças de largo e meia

de alto, e fizemos caminho de ENE., e tendo andado meia legoa passámos o riacho Pambale, que corre para o N. com oito braças de largo e dez de altura de barreiras, e ávante d'elle uma legoa atravessámos o riacho Cantica, que corre para O. com cinco braças de largo e duas de alto, e a cem passos d'elle passámos pela povoação do Chembelenguezé, e a meia legoa de marcha do riacho formou-se o campo.

Junho 8. — Pela manhã mandaram-se buscar as cargas que ficaram no acampamento, as quaes vieram sem ter havido novidade. Mandou-se um quarto de Zuarte ao Chembelenguezé.

Junho 9. — No mesmo sitio, tanto para fazer fornecimento de viveres, como para esperar a cáfila Cazembista que vem a Tete. Veiu o Chembelenguezé visitar-nos ao acampamento.

Junho 10. — Fez-se o pagamento do mez de Janeiro ao destacamento, o qual importou em cento setenta e tres panos e um quinto.

Junho 11. — Mandaram-se dois soldados para a retaguarda a saber noticias da cáfila de Cazembes, e abreviar-lhe a marcha.

Junho 12. — Tem-se feito algum fornecimento de viveres, mas em pouca quantidade, por nao haver quem os conduza, e nao podermos comprar escravos para nao aggravar o mal que precisamos remediar.

Junho 13. — No mesmo sitio.

Junho 14. — Ao toque d'alvorada houve parte de ter desertado o soldado ferreiro Manoel da Rosa. Para o capturar mandou-se uma escolta pelo caminho direito a Lunda e outra ao Muanempanda, ambas em seu alcance; a primeira levou uma Ardian para dar de boca ao Muata para o mandar entregar: mandou-se igualmente dar parte ao Chembelenguezé para manda-lo procurar, promettendo-se-lhe uma boa peça de fato para elle e outra para quem o apanhar, bem como se prometteu uma peça de Zuarte á escolta, soldado ou negro que o prender.

Junho 15. — Recolheu a escolta que foi ao Muanempanda sem notícia alguma do desertor.

Junho 16 e 17. — Sem novidade. Morreu no dia 16 um escravo.

Junho 18. — Chegou um dos dois soldados que tinha ido saber dos Cazembes, e deu parte de ter encontrado o Cazembe-Ampata, ou enviado, nos Maxamos, que alli estava á espera dos contingentes; e disse que para abreviar a sua partida fôra elle pedir ao Muata a despedida dos mesmos; e que elle juntara os Quilôlos, por quem repartiu o marfim que devem fazer conduzir pela sua gente, que ha de formar a cífila do Cazembe-Ampata; e tendo sido assim despedidos, o outro soldado ficara com o dito enviado para instar pela sua marcha.

Deu parte o mesmo soldado que em Lunda lhe disseram que o soldado ferreiro não vinha para Tete e que ficava lá; e que, segundo o que percebera, o desertor fôra desencaminhado pelo Cazembe.

Junho 19, 20 e 21. — Sem novidade. Morreu um negro.

Junho 22. — Por uma extraordinaria fortuna podemos salvar as fazendas que nos restam e dois caixotes, cada um com quinhentos cartuxos embalados, do meio das chamas que queimaram a barraca onde estavam: felizmente nada se perdeu; todavia o perigo foi excessivo, e valeu-nos o ignorarem os negros que estava o cartuxame debaixo da fazenda, pois que fugiram se o soubessem.

Junho 23. — Recolheram ao campo os doentes que estavam em Casdro-Mulanda.

Junho 24. — Recolheu a escolta que foi a Lunda em procura do desertor, e participou que o Cazembe, bem longe de o entregar, lhe dissera: «Que se apperecesse o mandaria para Tete, mas não agora; e que se alguém da expedição quizzesse lá ficar, elle o convidava para isso, garantindo-lhe a mesma segurança que em Tete, e que quando se não desse bem o mandaria pôr lá».



TANGEDOR DE CLINCUFO



Informou mais que dissera um filho do Cazembe, que o soldado já alli estava com o Muata, e que seria inutil toda a diligencia que a escolta fizesse por elle. E que por este motivo ella se tinha retirado. E que passando pelos Maxamos, onde está a Mussassa dos Cazembes, soubera que o enviado tinha ido para a sua povoação, levando consigo o soldado que alli tinha ficado, e que uma grande parte da gente da cílha também estava dispersa pelas suas povoações; o que indica haver ainda muita demora.

Junho 26. — Espera-se a gente que anda comprando viveres.

Junho 27. — Visto a Real Fazenda não ter já fazenda alguma para as despezas que só a ella lhe cumpre fazer, tive ordem do commandante para receber, e lançar em conta de receita quatrocentos pannos de fato de lei, que existem, pertencentes ao commerciante Cândido José da Costa Cardoso, fazenda que lhe havia sido dada pelo governador.

Como a gente que anda procurando viveres se demora, o commandante deu ordem e tomou as providencias para marchar amanhã, para o que pediu-se um guia. Lavrou-se um termo em que se mostra a falta que ha de fazenda real, e a preciso de toma-la por emprestimo.

Junho 28. — Deixou-se aqui uma escolta á espera dos que faltam, que fazem o numero de dezoito; e andando para ESE, duas legoas, atravessámos o regato Chembarebare, que corre para O. por um pequeno Dambo, e tem de largo uma braça e de alto um palmo, e avante d'elle legoa e meia chegámos á margem de outro, por nome Pambale, que corre para L., mas sem altura sensivel, sendo apenas um arroio que corre á superficie da terra. Aqui formou-se o campo. Principia o grande deserto.

Junho 29. — Continuando a marcha para o S. uma legoa, passamos o riacho Macanga-Mábué, que corre para o S. com oito braças de largo e duas de alto; d'aqui caminhámos para

ESE. meia legoa, e passámos o regato Macanga, que corre para O. com duas braças de largo e uma de alto; d'aqui andámos para o S. tres legoas, e chegámos a um pequeno regato, na margem do qual se formou o campo.

Junho 30. — Seguindo a marcha para o S., e tendo caminhado meia legoa atravessámos o regato Campemba, que corre aqui para o N. com duas braças de largo e cinco de alto, e tomamos o rumo de L., com o qual caminhámos legoa e meia, e atravessámos um Dambo coberto de agua lodosa, pelo meio do qual corre um arroio com excellente agua, e a uma milha d'elle tomámos a direcção do S., deixando o Dambo, e avante uma legoa passámos uma povoação abandonada, onde o guia perdeu o caminho, pelo que se fez alto em quanto o foi procurar. Meia hora depois voltou, e marchámos, fazendo caminho de L., passando o regato Inhacampangara, que corre para L. com uma braça de largo e meia de alto; tomámos a direcção de SO., e avante meia legoa da povoação formou-se o campo na margem do mesmo regato.

II.

Achando-se agora a expedição na proximidade da fronteira dos estados do Muata, e a ponto de deixar este paiz, julgo ser esta a occasião de referir as notícias que tenho podido colligir acerca da nação Cazembe.

O territorio em que domina o Muata Cazembe tem por limites, segundo parece, ao Noroeste, Nascente e Sul, os territorios que obedecem aos Muembas, Auembas, ou Moluanes; e ao Poente o rio Lualao, celebre na historia Cazembiana. Este rio serve de fronteira aos dominios do Muatianfa ou Murôpue, dominios a que os Cazembes chamam Angola.

A extensão da sua superficie não posso calcula-la; sei, contudo, pelas informações dos mesmos Cazembes, que elle é de

consideravel numero de milhares de legoas quadradas. Este grande estado tem adquirido tal celebridade na Cafraria, que é respeitado como o unico poderoso entre as nações do Sul. Mais proximo da costa oriental do que da occidental, não é desconhecida alli a lingua dos povos que lhe ficam ao Nascente; mas a que se falla na corte do Cazembe é o Campocôlo. O titulo de Cazembe poderia, talvez, traduzir-se pelo de imperador, e é d'este titulo que o territorio, em que este soberano domina, tomou o nome de Cazembe.

O Muata Lequeza havia estendido os limites do seu imperio pelo territorio dos Muizas, desde a serra Chimpire até ao rio Chambeze; mas o seu successor tem perdido esta parte dos estados de seu pae, que se acha hoje conquistada sobre os Muizas (como já dissemos) pelos Muembas ou Moluanes, que parece terem vindo de uma região do Noroeste, onde elles dizem que reside o seu Mambo, Chiti-Muculo, e parece tambem terem avançado até ao dito rio, costeando na sua marcha as fronteiras do Norte e de Leste dos dominios do Cazembe, e que sao hoje senhores de todo o paiz, que têem invadido, continuando a obedecer ao dito Mambo.

Entre os limites antigos do estado do Muata, desde o rio Chambeze até ao rio Lualao, poderá calcular-se haver cento e cincuenta a duzentas legoas, segundo as mais particulares noticias que pude obter. Quanto, porém, à largura do mesmo estado não posso fazer calculo algum provavel: direi, comtudo, que, pelas informações incompletas que obtive, supponho que poderá ser de metade do seu comprimento.

O territorio do Cazembe é plano e cortado de rios. Está dividido em districtos, e estes sao governados pelos Quilôlos, que têem o uso-fructo dos mesmos districtos. O Muata, porém, tira-os a uns e dá-os a outros a seu bel prazer. Raras vezes acontece que um Quilôlo perca o dominio sem haver tambem perdido a vida, que lhe é tirada sem forma alguma de processo.

A capital d'esta nação é Lunda, cidade situada na margem

oriental da lagoa, ou rio, Mofo. Ela tem duas milhas de extensão; as suas ruas são largas, direitas e mui limpas.

A Ganda, Mossumba, ou Chipango, que por qualquer d'estes tres nomes se conhece a residencia do Muata, está na margem do Mofo, e na extremidade N. de Lunda. (¹)

III.

Os povos do Cazembe ignoram totalmente a arte de escrever, nem têm algum outro meio pelo qual possam transmittir as suas ideias. Elles têm uma religião absurda e gosseira. Sacrifcam os prisioneiros de guerra, e na falta d'estes os seus mesmos compatriotas, aos Muzimos, ou manes, dos finados Muatas, e tambem nos seus supostos encantamentos.

Entretanto ha nos estados do Muata uma rigorosa policia. Elle não contrahe aliança com outros potentados. É a sua politica manter-se em estado permanente de hostilidade com os pequenos Mambos seus vizinhos, de quem espera, por este meio, tirar proveito; ou em quem intenta exercer vinganças, ou satisfazer caprichos.

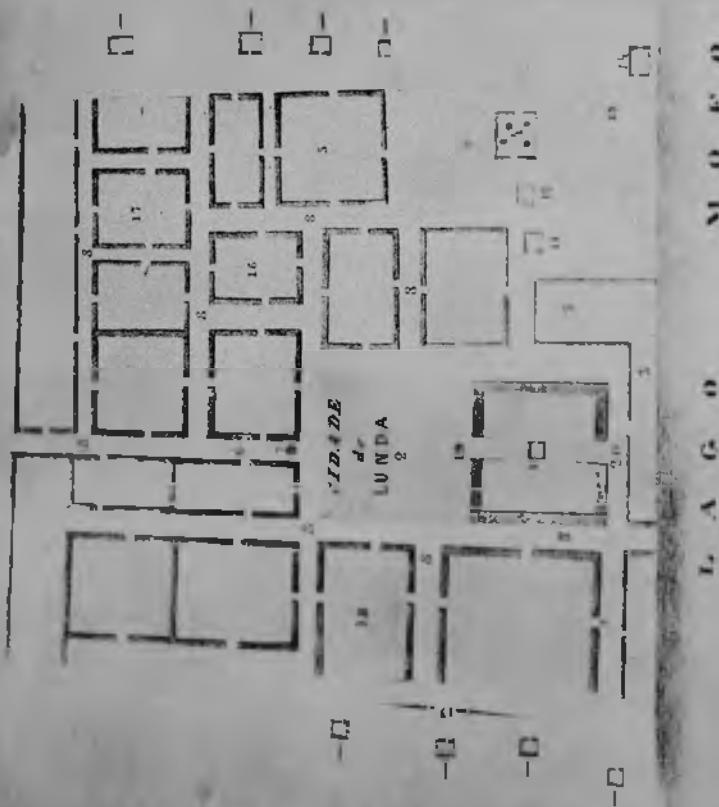
IV.

O governo é despotico e absoluto tanto quanto é possivel sé-lo. O soberano tem o titulo de Muata (senhor). Os seus cortezãos mais lisongeiros tambem lhe dão o tratamento de Muationfa, que recebe com gosto, mas isto não é geral. Tem tam-

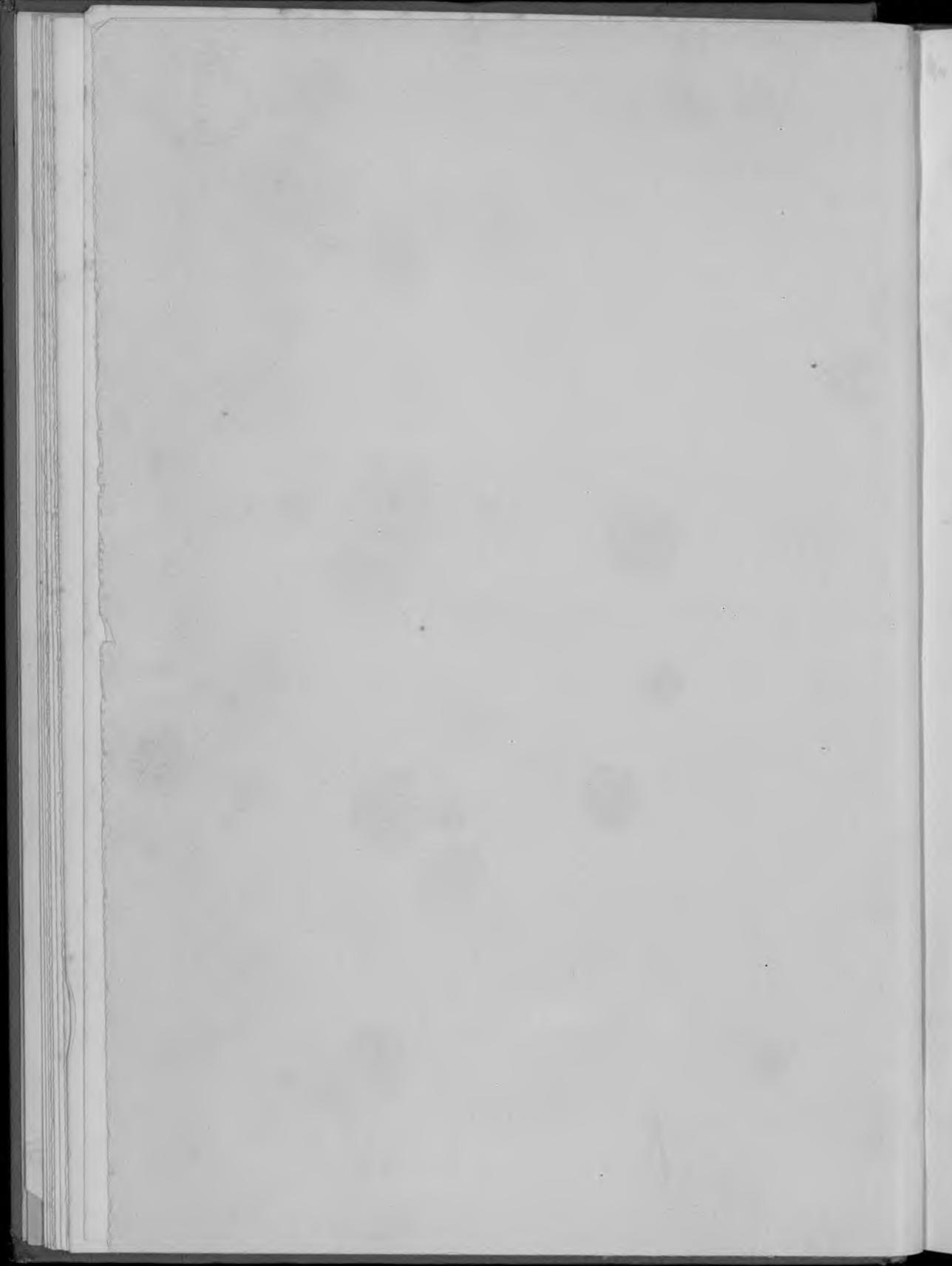
(¹) Explicação da Estampa XV:— Mossumba — 2 grande praça — 3 Mazembe — 4 acantonamento da expedição — 5 casa da Calulua — 6 grande rua que vem dos Maxamos a Lunda — 7 barraca no fim d'ella, onde está a figura — 8-8-8 Ruas — 9 bosque horrivel onde habitam os Gangas — 10 rio Canengos — 11 casa do Fumo-Anseva — 12 dita do seu predecessor — 13 parte pouco povoadas — 14 casa do enviado de Angola — 15 um grupo de quatro palmeiras de Incoma, as unicas que ha em Lunda; uma foi destruida por um raio à nossas vista — 16 casa de Muanianella — 17 casa do Muanempanda — 18 dita do Suana Murópue — cccc casas do povo meuda.



Lx 15



PLANTA DA CIDADE DE LUNDA



bem o tratamento Muané, palavra que não sei a que corresponde na lingua portugueza, mas julgo ser synonimo de senhor, porque para affirmar alguma cousa ao Muata dizem = Eiô, Muané:= a primeira quer dizer = sim. Para perguntar ao Muata, ou para lhe responder, dizem tão sòmente = Muané. =

A vontade e capricho do Muata é lei suprema; e por isso elle dispõe das vidas e bens dos seus vassallos, os quaes domina e governa como escravos. A sua menor vontade não ha reflexão a fazer, mas sòmente prestar uma cega obediencia.

O governo é hereditario, mas é preciso que o successor do Muata seja filho de Cazembe e de mulher de Angola; isto é, dos dominios do Muatianfa, cujos vassalos são os Campocolos. Logo que o successor ao throno é reconhecido pelo Muata, toma o titulo de Muana-Buto. Na falta de filho que tenha esta essencial qualidade, é eleito o mais proximo parente do rei-nante, com tanto que possua a mesma origem; se, porém, não ha quem reuna estas circumstancias, deverá ser nomeado Muata-Cazembe um subdito do Muatianfa.

V.

A côte do Muata-Cazembe é composta de Quilôlos, ou Vambires, que constituem a nobreza, os quaes são respeitados pelo povo como elles respeitam o Cazembe.

Os Quilôlos da primeira ordem são:

O Muana-Buto, principe herdeiro do throno.

O Califlua, tio do Muata.

O Suana-Murôpue, sobrinho do Muata.

A Nine-Amuana, mãe do Muata.

A Nine-Ambaza, irmão do Muata.

(Estes dois ultimos titulos são apenas honorarios).

O Muanempanda, general em chefe das forças de guerra.

O Muaniancita, intendente das estradas e encarregado de dar guias: tambem lhe compete entender e sentencear os Mi-

landos antes de serem julgados em ultima instancia pelo Muata.

Os mais Quilôlos, cujos titulos são precedidos da palavra = Fumo = pertencem á segunda ordem.

Todas as peças que servem de vestuario ou ornamento ao Muata estão em arrecadação e a cargo dos Quilôlos da segunda ordem, e cada classe de peças tem seu thesoureiro, o qual toma o titulo d'ellas, como = Fumo-a-Muconzo = o que guarda e veste o Muconzo ao Muata; = Fumo-a-Tunseco = o que guarda as missangas; = Fumo-a-Mábué = o que guarda as pedrarias, etc., etc.

Estes Quilôlos são obrigados a estar sempre proximos da Mossumba, em lugar onde possam ouvir o toque do Môndo. Além d'estes ha os tangedores de instrumentos, que têm o mesmo titulo que os instrumentos que tocam, e são igualmente considerados Quilôlos de segunda ordem.

VI.

A auctoridade suprema é a do Cazembe, e a immediata é a do Muanempanda, que commanda em chefe, quando toda, ou a maior parte da nação, pega em armas, e só deixa de faze-lo quando o Cazembe assume o commando.

O Muaniancita, como intendente dos caminhos, tem a seu cargo ordenar os itenerarios quando marcha qualquer cäfia, dando para ella um contingente commandado por um delegado seu, a quem dá instruções para o transito, e o qual tem a sua representação e toma então a sua denominação. Elle marcha sómente com a pessoa do Mambo.

O Fumo-Aluvinda é o inspector das obras do Muata, e tem a seu cargo concertar e arranjar as ruas de Lunda, os reeintos e casas da Mossumba, Mazembe, Maxâmos, etc.; elle é subordinado ao Muaniancita.

O Fumo-Anseva, tem a seu cargo vigiar os estrangeiros,



transmitir-lhes as ordens de seu amo, e é quem responde por elles ao Cazembe.

O Caquata, cujo titulo significa litteralmente, o que agarra e conduz, não tem o caracter de Quilôlo; todavia é uma auctoridade que respeitam, mas a quem ao mesmo tempo odeiam. É o chefe dos Quatas ou esbirros, que têem a mesma representaçao que entre nós. Estes têem por insignias, sobre o Poucué que lhes pende ao lado, umas cordas enroladas, das quaes se servem quando necessitam amarrar alguns presos, o que raras vezes sucede, porque quasi nunca resistem á voz de prisão. O seu numero é indeterminado, e quando os vimos juntos seriam uns trinta. Todos elles, com o seu chefe, obedecem ao Fumo-Anseva, que os emprega, segundo julgo, na vigia dos estrangeiros. Subordinado ao Caquata, e seu immediato é o Cata-Mata, nome que litteralmente significa Corta-orelhas. Este é o algoz-mór, e em dias de Tentamação, ou audiencia, o Cata-Mata fica em pé na frente dos Quatas, que igualmente estão em pé e em columna serrada, a dez ou doze passos á direita do Cazembe, e o Caquata fica proximo a elles, mas sentado.

Em cada rua ha um Muhiné, especie de juiz, que é responsável por tudo quanto acontece n'ella, sendo todas as pequenas questões que ocorrem na rua respectiva julgadas por elle; porém as partes podem appellar para o Muaniancita, a quem os Muhines são subordinados; mas d'este tambem podem recorrer para o Cazembe, de quem não ha recurso, e cuja decisão não se atreveriam a censurar. Estes Muhines têem por insignia uma pequena enxada cravada na extremidade inferior de um comprido bastão, com uma pequena argola de ferro, posta de tal forma na espiga da enxada, que quando se apoiam n'ella faz algum artuido.

Em cada Maxâmo ha um Muhine-Maxâmo, que tem a seu cargo receber e offerecer os donativos e offertas aos Muzimos, e em tudo mais são os servidores dos Maxâmos.

O Cazembe, que é o senhor absoluto de tudo, recebe os tributos que impõe aos senhores de terras segundo o seu capricho. Ele não tem despesa fixa a fazer, nem outras, senão o que distribue como donativo e mercê.

A vontade do Muata é a lei; as suas sentenças diversificam em casos identicos e circunstancias similhantes, segundo o seu capricho e vontade.

Não ha legislação conhecida, e apenas o que existe de tradicional é relativo ao ramo policial; mas tudo se decide segundo o proveito, segurança e commodidade do Cazembe, e em quanto ao mais, o que elle hontem absolveu, hoje o condenou com a morte, etc.

VII.

A nação Cazembiana é dividida em feudos, que o Muata dá e tira como lhe apraz, sem forma alguma de processo; e a maior parte das vezes o feudatario perde a vida com o feudo, que dá o Muata a quem quer, e mesmo accumula em outros; todavia elle não possue directamente terreno algum.

Os meios de que dispõe, tanto para a guerra como para outras emprezas, sao empregados segundo as forças do potentado a quem vae fazer a guerra, nomeando d'entre os feudatarios aquelle ou aquelles que julga sufficientes, os quaes, com a gente das suas terras, marcham, depois de serem inspeccionados ou mandados inspeccionar pelo Muanempanda: e sendo preciso, marcham todos os feudatarios com a sua gente, sem que a agricultura se resinta d'esta falta, porque o trabalho é feito por mulheres.

O Cazembe não tem boje potencia alguma visinha que possa temer, porque desde muito tempo está reconhecido como um dos potentados cafres de primeira ordem, que, a uma força respeitável, reune a cega obediencia que lhe têm os seus vassallos. As suas fronteiras são abertas, e não se faz uso algum de for-

tificação, além de um fosso. Em caso urgente o Cazembe dispõe de tudo e de todos como propriedade sua, e elles, sem murmurar, prestam-se promptamente á mais pequena vontade do soberano, o que sempre é de grande recurso em lances apertados, mas estes aqui são mui raros.

Em tempo de paz não ha força armada, e apenas em Lunda existem uns tres mil homens, que em occasioes de grande audiencia, e n'aquellas em que o Cazembe recebe enviados estrangeiros, apparecem armados, mas sem apparencia de disciplina nem ordem alguma militar, formando tumultuosamente na praça um semicírculo, e ficando como guarda em quanto dura a ceremonia, e acabada ella destroçam tambem sem ordem

Quando ha guerra, marcham, sem excepção, todos os homens que podem servir. Elles são distribuidos em corpos, ou Mangas, que sao formados pelos feudatarios com a sua gente, e cada um d'estes, segundo as circumstancias, opera por si só, ou une-se a outro ou outros, e n'este caso commanda o Muanempanda ou outro Quilôlo da primeira ordem, mas isto só tem logar em guerras geraes; d'estas, porém, não tem havido desde a morte do Muata Lequeza. As pequenas guerras são feitas por meio de correrias no paiz inimigo.

As armas defensivas de que usam os Cazembes são unicamente um escudo quadrilongo feito de uma madeira branca muito leve e porosa como cortiça, e toda passada com tiras de casca de um rotim a que chamam Mama, que se cria nas lagôas do paiz; e quando se preparam a entrar em lide molham o escudo, que, dilatando-se a substancia que o forma, torna-o impenetravel aos golpes do inimigo. As armas offensivas são o arco, flecha, azagaia, machadinha e Poucué. Usam tambem de algumas espingardas que lhes fornece o Muata, mas servem apenas para metter medo, por serem carregadas sómente com polvora.

Estes corpos não recebem fornecimento algum desde que entram em campanha. Então é á pilhagem que recorrem para

obterem mantimentos e munições de guerra. A tactica de que usam contra o inimigo é particular. Buscam sempre vencer por ardil, porém se o não podem conseguir por este meio, então avançam rapidamente sobre os adversarios, que derrotam se sao felizes; achando, porém, forte resistencia retiram-se em desbandada, e repetem esta operação até vencerem, ou perderem toda a esperança d'isso.

VIII.

A povoacão do paiz Cazembe deve ser muito numerosa. O pequeno espaço que visitámos é, segundo nos informaram, o menos povoado, por ser proximo da Ganda, onde habitam somente os que são obrigados a estar na corte, porque todos fogem de viver na sua vizinhança. Disseram, porém, que este estado, em comparação ao que foi, está hoje um deserto.

Nao nos foi possivel calcular com probabilidade o numero de individuos por legoa quadrada, porque na parte do paiz que atravessámos, encontrámos em diversas partes uma serie de pequenas povoações muito vizinhas e cheias de gente, e apóz isto uma grande extensão de terreno totalmente deserto. Disseram-nos que o numero de nascimentos é maior do que o dos óbitos; e nós observamos, durante a nossa estada em Lunda, que eram mais os canticos de alegria pelos nascimentos do que o choro pelos mortos, que foram raros, salvo pelo Poucué do Muata. Em todas as povoações avultam as povoações, os anciãos e os mancebos.

Como todos os mais povos cafres, este segue a lei da poligamia. Nao ha individuo algum dos dois sexos que não seja casado. Homens e mulheres são dados á incontinencia, e por isso é muito familiar o adulterio entre este povo.

A primeira classe da nação, como havemos dito, são os Quilôlos, e a segunda e ultima são os Muzias, ou servos: nesta comprehendem-se os cultivadores, artistas, etc. Uns e outros,

Quilôlos e Muzias, são considerados escravos do Muata; e este ameaça os primeiros de os vender, mas não ha exemplo de assim ter praticado.

Todas as povoações são conhecidas com o nome de Mui; mas aquella onde habita o senhor do distrito, quando lá se acha, dão o nome de Ganda.

O caracter phisico que distingue os Cazembes é cor preta, cabello comprido e lanoso, cabeça piramidal, testa proeminente, olhos salientes e geralmente muito vivos, faces abatidas, nariz recto, beiços delgados, estatura mediana, mas robusta, posição do corpo erecta.

Os Cazembes descendem dos indigenas chamados Messiras, e dos Campaúlos, conquistadores provenientes do occidente da Africa; e por isso ainda hoje são tratados por Messiras os puros descendentes do Mambo conquistado, os quais vivem numa ilha do Môfo, isolados, e sem enlace algum com os Cazembes, e somente apparecem na corte em dias festivos, por serem obrigados a isso.

IX.

A religião destes povos consiste em uma superstição grosseira. Elles crêem que o Pambi é um ente auctor de tudo, porém ao mesmo tempo acreditam que elle obedece promptamente á virtude dos seus feitiços. O Cazembe julga-se immortal pela virtude dos mesmos feitiços; e quando se lhe traz o exemplo da morte dos seus antepassados, elle o impugna, dizendo que morreram por descuido e falta de vigilancia que tiveram nos ditos feitiços, mas não por sua natureza mortal, porque o Pambi creou o Mambo para mandar os povos, e que por isso elle não pode morrer senao por obra dos feitiços. Este Muata está tão convencido d'este absurdo, que ainda não nomeou Muana-Buto, para não ser enfeitiçado por elle, apesar de estar já avançado em idade.

Os logares onde foram sepultados os Muatas são reverenciados como logares sagrados; contudo não rendem culto algum aos mortos, somente dão aos seus Muzimos a consideração que tiveram em vida. O Cazembe é o único que possue uns bonecos de pão, que toscamente imitam a figura humana, e que são adornados com pontas, ossos e outros despojos de animaes, os quaes são reverenciados como medianeiros do bem e do mal.

Quando ha alguma guerra a emprehender sempre invocam um dos fallecidos Muatas, que geralmente é o Lequeza; e todas as caveiras que trazem da guerra são offerecidas no seu Máxâmo, e os prisioneiros são-lhe sacrificados.

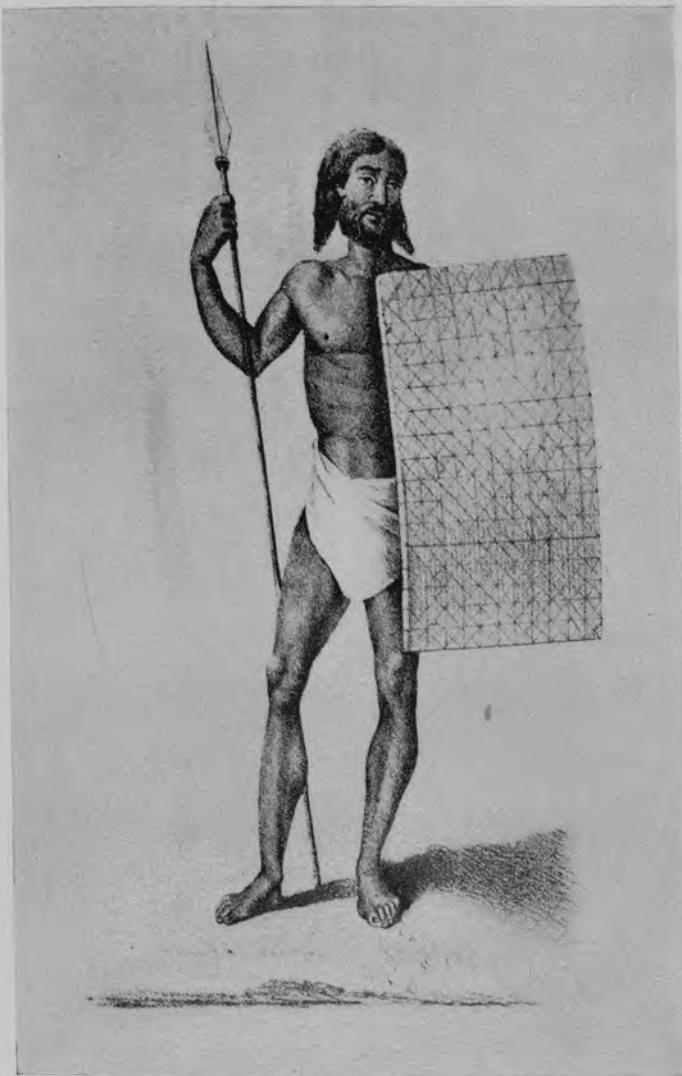
Os seus oraculos são sempre exhibidos por Ombezação.

As grandes festividades são celebradas pelo Cazembe, que é a suprema authoridade religiosa; elles consistem em danças e toques, e, no fim d'ellas, encerra-se no interior do Maxâmo, onde lança comer e Pombe, e quando se retira deixa algumas peças de fazenda como offerenda aos Muzimos.

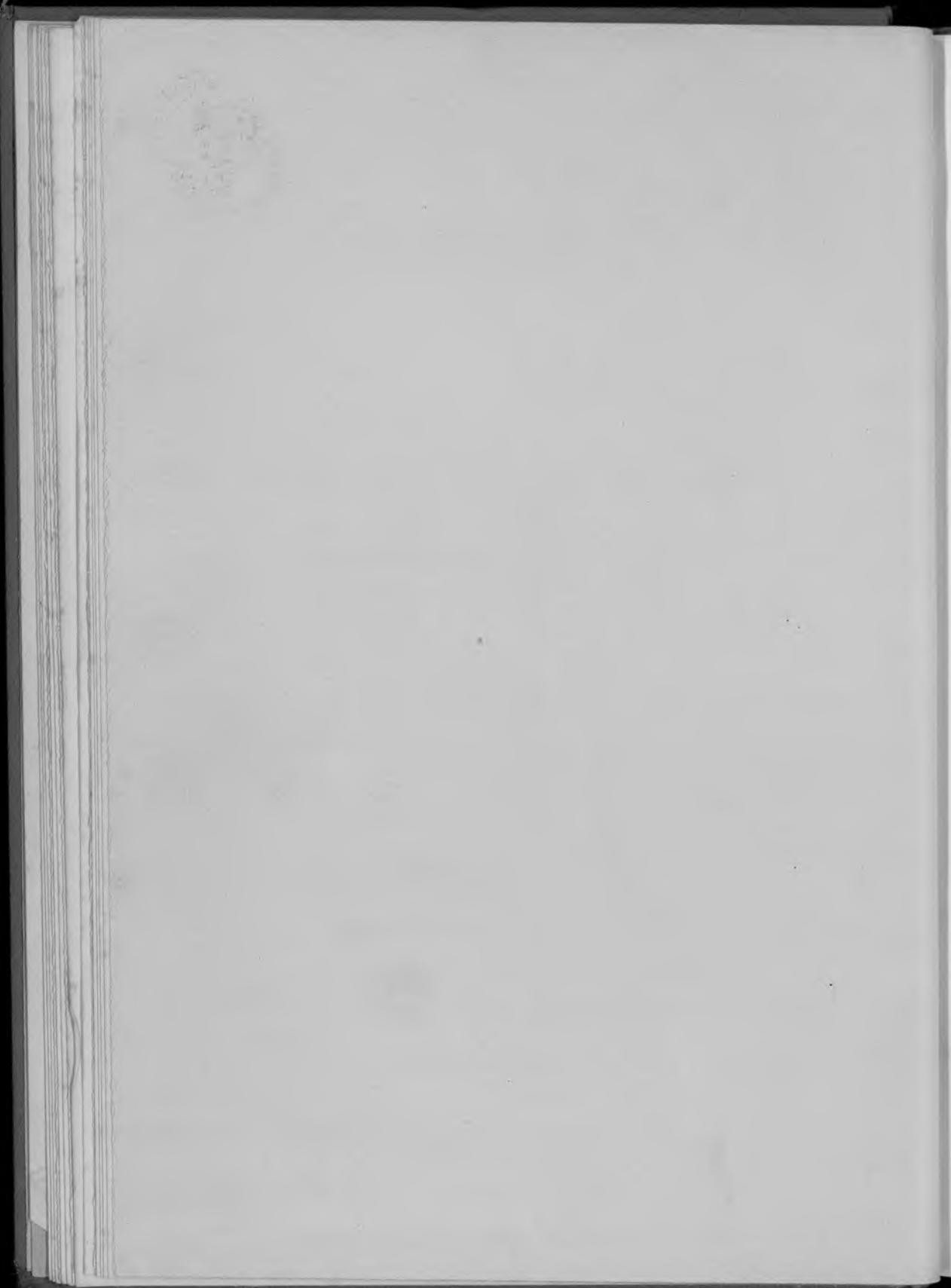
Crêem que os Muatas-Cazembes mortos se communicam com os vivos, e que experimentam as mesmas paixões e necessidades que os vivos, e que de noite andam em passeios, e que fazem deboxes. A data d'esta grosseira crença é immemorial, e dizem que ella foi trazida pelo primeiro Cazembe que veiu de Angola.

X.

A lingua vulgar é a primitiva lingua Messira, a qual é muito semelhante á Muiza, mas a da corte é a chamada de Campocolo. Durante seis mezes que residiu a expedição em Lunda, não houve um só individuo que pudesse entender-a, sendo sempre para nós, os brancos, totalmente estranha, e ainda para o mesmo interprete, que falla correctamente todas as linguas do sertão. Parece ser de grande dificuldade a aprende-la. Ela



LUNDA OU CAZEMBE COM ESCUDO E AZAGAIA,
E PENTEADO A SEU MODO





é toda guttural, e parece entender-se mais pelos sons do que por articulação de palavras; é agradavel ao ouvido e harmoniosa, e julgo que é muito abundante em termos, porque a fallam sem accionado. É em Campocolo que se dão as ordens por sons tirados no Môndo. D'esta lingua sei apenas as duas palavras: Cupso e Mame; a primeira significa fogo, e a segunda agua.

XI.

De todos os povos que tenho visitado é este, sem contradição, o mais industrioso, tanto em objectos necessarios á vida como em outros de luxo. A agricultura é o principal trabalho em que os Cazembes se occupam, o que fazem com todo o cuidado. É ella que lhes dá a abundancia, sendo na cultura da mandioca que quasi exclusivamente empregam toda a attenção. A sua industria fabril ou mecanica não tem delicada perfeição, mas preenche completamente os fins para que é destinada.

As carnes e peixes de que fazem provimento, são, depois de secos ao fumo, guardados para servirem quando carecem deste alimento. Preparam as pelles dos animaes como os outros povos de que tenho fallado, e d'ellas fazem o seu principal vestuario, á excepçao do Muata, que não se veste senão com faendas de lã ou de algodão estampado.

Do reino vegetal tiram a maior utilidade, e é nos trabalhos que fazem sobre os seus productos que mais se distingue a sua industria. Toda a baixela e vasos proprios para conter líquidos, de que fazem uso domestico, são feitos de pão, assim como as suas Galáuas, ou almadias, de que se servem nos rios; e todas estas obras de madeira são acabadas com perfeição e segurança. Das fibras de grande variedade de especies de arbustos, de que abunda toda a Africa oriental, extrahem linho; e tanto d'elle como do algodão, mas d'este têm mui pouco,

tecem pannos grosseiros e fazem cordas, redes, linhas para cozer e pescar, etc., etc.

Da mandioca, milho fino e grosso, e do Náxenim fazem farinha, servindo-se para isso de piloes, e d'esta farinha fabricam a massa a que chamam Buáli, que constitue o seu usual alimento. E como sabem que a raiz verde de mandioca é venenosa, e que o veneno provém do seu succo, é por isso que logo que desenterram a raiz a mettem em cestos que mergulham em um rio, onde a conservam por dois dias ou mais, e depois de tirada da agua é posta ao fumo, e quando está bem secca é guardada para ser reduzida a farinha.

O preparo que dão á mandioca faz com que a Buáli adquira um gosto azedo e repugnante, de que os Cazembes gostam muito. Nós achavamos-lhe bom ou máo gosto, segundo as occasiões em que nos serviamos d'este alimento; e n'aquellas em que não havia outra cousa parecia-nos delicioso.

Da gomma elastica, de que abunda o paiz, servem-se apenas para os seus instrumentos de musica de pancada. Tiram oleos de diferentes especies de fructos, grãos e sementes. Para a comida fazem uso do azeite de palma, a que chamam Coma, e para as luzes servem-se do pinhão da arvore a que, em Rios de Sena chamam Grao-maluco, e em Cabo-Verde Purgueira, (*Jatropha curcas*) e de outras especies de sementes. E direi aqui, que este é o unico povo cafre que me conste fazer uso de luzes.

O Muata reserva para si o direito exclusivo de fabricar e usar do Pombe preparado com mel, a que chamam Casoulo. Esta bebida tem um gosto agradavel em quanto não principia a fermentar, para o que basta o espaço de vinte e quatro horas; então adquire um gosto acido desagradavel. Bebida no primeiro estado causa o effeito da agua-ardente. Entretanto a embriaguez nao é tão vulgar entre os Cazembes como entre os outros povos cafres.

Nao sabem fazer uso de tintas vegetaes. Da cinza de certas

plantas que põem d'infusão, e que depois evaporam extrahem sal.

Dos vegetaes tiram varios remedios de que usam nos seus curativos; mas é principalmente com uma sorte de quina que fazem curas prodigiosas.

Do reino mineral empregam o antimonio, que desfazem por meio de fricção com azeite; do que resulta uma tinta roxa com que as bellezas cazembianas untam o corpo.

Sabem servir-se do barro para fazer louça de cosinha e vasilhas para agua, Pombe, etc.

Do ferro fazem os seus instrumentos de guerra, e as suas enxadas para a lavoura.

Além do sal tirado dos vegetaes, sabem-no extrahir de certa terra que se mostra branca pelo salitre, a qual lançam em panelhas cheias de agua para a filtrarem, e depois d'isto põem-na a evaporar ao lume, até que obtêm o sal que contém.

O Muata faz do commercio um monopolio para si, quer seja com os mercadores que vêem aos seus dominios, quer seja mandando fora os seus generos para os vender onde sabe que poderão ter compradores. As nações da parte oriental da África que frequentam o Cazembe são os Muizas e os Impóanes: nome este que dão aos arabes da costa de Zanzibar.

No dia 19 de Novembro do anno passado, em que entramos em Lunda, vimos dois negros de cor baça e de Côfió na cabeça, que facilmente reconheceremos serem moitros; elles estavam entre a multidão de cafraria que nos estava esperando, e quando chegámos ao abarracamento que nos estava destinado, os vimos outra vez, e posto que de relance, tive occasiao de fallar com elles em lingua Macua. Elles queixaram-se de «Que logo que aqui chegaram, o que, segundo a sua conta, havia uns seis mezes, o Cazembe exigira d'elles toda a fazenda que traziam, e que desde então os retinha sem lhes dar nada, promettendo todos os dias despedi-los; accrescentando que com a nossa vindia tinham todas as esperanças de partir, porque já

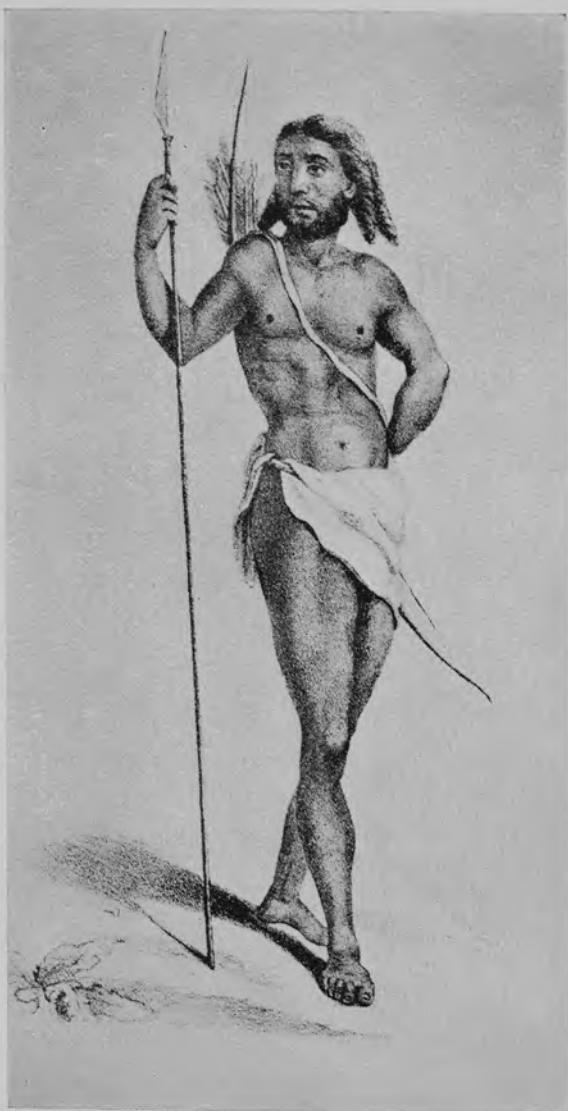
para isso foram intimados...» Perguntando-lhe qual era a terra d'onde tinham saído, responderam que «do Impóane». Como eu não sabia onde é tal paiz, fui-lhe nomeando os que conhecia; e elles principiaram a dar noticia da cidade de Moçambique e das povoações d'ahi para o Norte; e não souberam dar outra explicação senão, que da sua patria vão muitos d'elles as ilhas de Querimba, d'onde não fica muito distante; e que o marfim que compram no sertão, o levam para vende-lo aos outros arabes de Zanzibar, o que effectuam no continente, de frente da ilha d'este nome. E que a sua terra fica entre as ilhas de Querimba e a de Zanzibar, mas no interior. Como eu tinha muito que fazer não pude entreter mais tempo; e no dia seguinte depois da audiencia de recepção do Cazembe, perguntando por elles ao Fumo-Anseva, disse este que elles, havendo recebido a recompensa da sua fazenda, tinham-se retirado. E nada mais pude saber.

XII.

A riqueza d'esta naçao seria de muita importancia para a Europa senão estivesse tão internada no sertão, ou se se descobrisse alguma via de transporte por agua. Abunda em marfim, possue ricas minas de cobre, onde pouco se trabalha hoje, por causa da cobiça d'este Cazembe, nas quaes se encontram com profusão Malaquites (Chifuvia) de todos os tamanhos. Tem minas de vermelhão ou almagre, assim como de gesso (Impemba). A serra Chimpire abunda em antimonio, que apanham á superficie da terra

XIII.

Os seus usos mais notaveis, e que differem dos outros povos descriptos n'este Diario, são os seguintes. A comida faz-se secretamente sem que ninguem os veja; a hora em que tem



LUNDA OU CAZEMBE COM ARCO E AZAGAIA



logar é logo depois do pôr do sol, e o principal alimento que consomem é Buáli com carne ou peixe secos, cozidos com agua e sal, ou assados.

O povo veste-se geralmente de pelles de differentes animaes, pondo um pedaço na frente a cobrir as partes sexnaes, e outro atraç para cobrir os contornos das nadegas, e ambos seguros ao cordão da cintura. As mulheres usam ordinariamente de Nhanda, ou trazem um pequeno panno em torno da cintura que lhe deixa descobertas as nadegas e a extremidade superior do orgão sexual; e a este panno chamam Mucuta. Os Quilôlos vestem-se á similarança do Cazembe, porém, com mais simplicidade.

Todos os Cazembes de ambos os sexos usam o cabello comprido, de um palmo e mais, que trazem atado em uma, tres e mais tranças, ou sómente em uma borla, como se vê nas figuras 1, 2 e 3 (').

Não põem pintura alguma na cutis, nem fazem n'ella lanhos com ferro, nem furam as orelhas ou beiços para lhe porem enfeites; e em nada contrariam a natureza.

Os seus especiaculos publicos são sómente os que lhes dá o Muata nas suas Tentamações, para receber estrangeiros, ou os seus guerreiros, ou para sacrificios e ceremonias religiosas.

As habitações em que vivem são formadas dentro de recintos, sendo a sua primeira peça uma camara de forma cylindrica feita de bambu entretecido como as canastras (*) (1), do diametro de dez palmos ou mais, e de ordinario com a altura de trinta palmos, e n'esta peça deixam uma abertura sufficiente para servir de porta (2). Na distancia de uma braça em torno d'esta primeira peça vão firmando estacas de uns seis palmos de alto, as quaes ficam com um palmo de intervallo

(1) Veja-se estampa XVI.

(2) Veja-se estampa XVII.

umas das outras, e na extremidade superior de cada uma ageitam-lhe uma forquilha, se a estaca a não tem (3-3). Em separado constroem com bambus uma cobertura ou tecto em forma de cone (4), cuja base é muito aberta, o qual assentam sobre a peça cylindrica em (a-a), servindo-lhe de ponto central um prumo cravado na terra, que a ella sobressae (5), e o dito cone vem descansar nas estacas (3-3); depois de assim posto, cobrem-no de colmo, o qual é arranjado debaixo para cima, e este colmo chega até tocar no chão; e em um dos espaços entre as estacas aparam o colmo quanto baste para fazer a porta (6), a qual não excede quasi nunca a tres palmos de altura e tres de largura.

Segundo o uso d'este povo, todas as portas exteriores são mui pequenas, e nao pode entrar por elles um homem, ainda mesmo que seja baixo, sem se curvar muito. A figura 7 mostra a casa de um Cazembe. O intervallo que ha das estacas á peça acanastrada em (b-b) é onde recebe as vizitas, e onde faz a sua habitual assistencia, e a camara interior é para dormir, e guardar os seus mantimentos e o que tem de precioso.

As suas alfaias sao como as dos mais povos, enxadas, machadas, esteiras, panellas, pilões, armas, etc. N'esta mesma estampa XVII se vê uma rua de Lunda cujos alinhamentos são formados pelos tapumes de palha de que fallámos: sendo (ooo) as casas ou palhotas, e (cc) as portas das mesmas.

Para os casamentos se effectuarem entre a gente ordinaria, practica-se o seguinte: o noivo entrega um Pande, ou fundo de buzio, ao seu futuro sogro, o que é a declaração de que quer casar com uma filha sua; e retira-se sem dizer uma só palavra. Entao o pae da moça, convocando os parentes, determina o dia do consorcio, o que faz saber ao pretendente; o qual se apresenta, e lança no pescoço da noiva um rosario de missanga, e feita esta unica ceremonia toma conta d'ella: em seguito ha um banquete que consta de Buáli, carne e peixe secco, cosido e assado, e Pombe, findo o qual retiram-se os

noivos para sua casa, se a têem; senão ficam na mesma povoação do sogro.

Os Quilôlos têem grandes serralhos, quasi tão povoados como o do Cazembe, compostos geralmente de mulheres que apanham ou tomam nas suas terras, sem que para isso haja formalidade alguma, mais do que serem-lhes entregues pelos paes ou parentes.

As praticas, quanto aos nascimentos e funeraes, não oferecem nada de notavel, á excepção de taparem a cabeça no fim dos oito dias que duram as formalidades do funeral.

As suas regras de civilidade são as seguintes: entre individuos de igual condiçao saudam-se mutuamente pelo toque de palmas com pequeno estrondo; mas havendo diferença de gerarchia; isto é, entre um Quilôlo, seja de que ordem fôr, e um homem do povo, este põe ambos os joelhos em terra e assenta-se sobre os calcanhares; e n'esta posição vae batendo palmas pausadamente em quanto aquelle passa, andando com passo grave, sem corresponder, nem d'elle fazer caso algum. Quando um inferior recebe do superior mercê, favor ou presente, toma com ambas as mãos terra, e com ella esfrega a testa, faces, sangradouros, peito e barriga, e atira com a terra pelos hombros para as costas; mas se a mercê é feita pelo Muata, aquelle que a recebe, sem excepção de classe, retira-se, e volta logo barrado de terra molhada da cabeça até á cintura, sem exceptuar o cabello e rosto. E para isto procuram sempre terra vermelha.

Como crêem que a pessoa do Mambo não pode ser tocada por individuo algum, porque, pela virtude dos seus feitiços, se alguem o fizesse morreria sem remissão; e como não é possivel deixar de haver algum contacto com elle, recorrem para isso a um meio, quando elle o permite, o qual é o seguinte: aquelle que dá ao Muata, ou recebe d'ele alguma cousa, ou que, por qualquer forma, tem com elle o mais leve contacto, ainda mesmo que sómente seja nos vestidos, antes de retirar-se poem-se

deante d'elle de joelhos, descançando as nadegas sobre os calcanhares, que é a posição que sempre tomam quando fallam com o Mambo; e então este estende uma das mãos, e logo aquelle que está de joelhos chega a ella a sua mão direita, e com as costas d'ella toca as costas da mão do Cazembe, logo retira-a com promptidão e dá um pequeno estalo com os dedos pollegar e grande; e depois volta a tocar com a palma da mão do Muata, e retirando-a promptamente dá outro estalo com os mesmos dedos; e isto repete-se alternadamente palmas e costas de mão por quatro ou cinco vezes, e então o Mambo retira a mão, e o outro levanta-se e vae-se embora.

É crença entre os Cazembes que esta ceremonia é o unico preservativo da morte, e que sem ella seria inevitavel para quem tocasse na pessoa do Muata. E esta crença é devida, sem duvida, á sagacidade dos Mambos reinantes e dos seus Gangas, com o fim de tornar inviolavel a pessoa do soberano.

XIV.

Quanto aos monumentos que este povo possue, elles são os Máxâmos e o grande tambor Chambanqua, que o Muata apresenta nas suas solemnidades como um objecto de gloriosa recordação de seu pae.

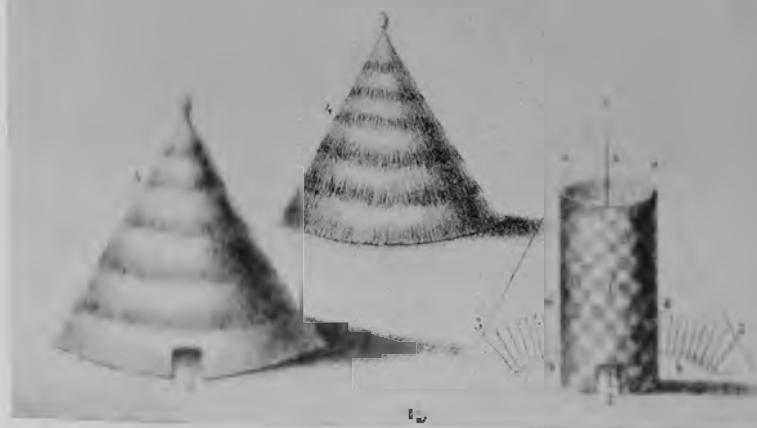
XV.

Uma das quatro primeiras mulheres do Cazembe deve ser Campocola, e o filho mais velho que d'ella tem é aquele a quem pertence a sucessão, e na falta d'ele ao parente mais chegado do Muata, com tanto que seja de raça pura dos Campocolos. A primeira mulher do actual Muata é d'esta raça, e é sua prima; e d'ella teve um filho unico, que mandou matar occultamente, com receio de que conspirasse contra elle. Direi

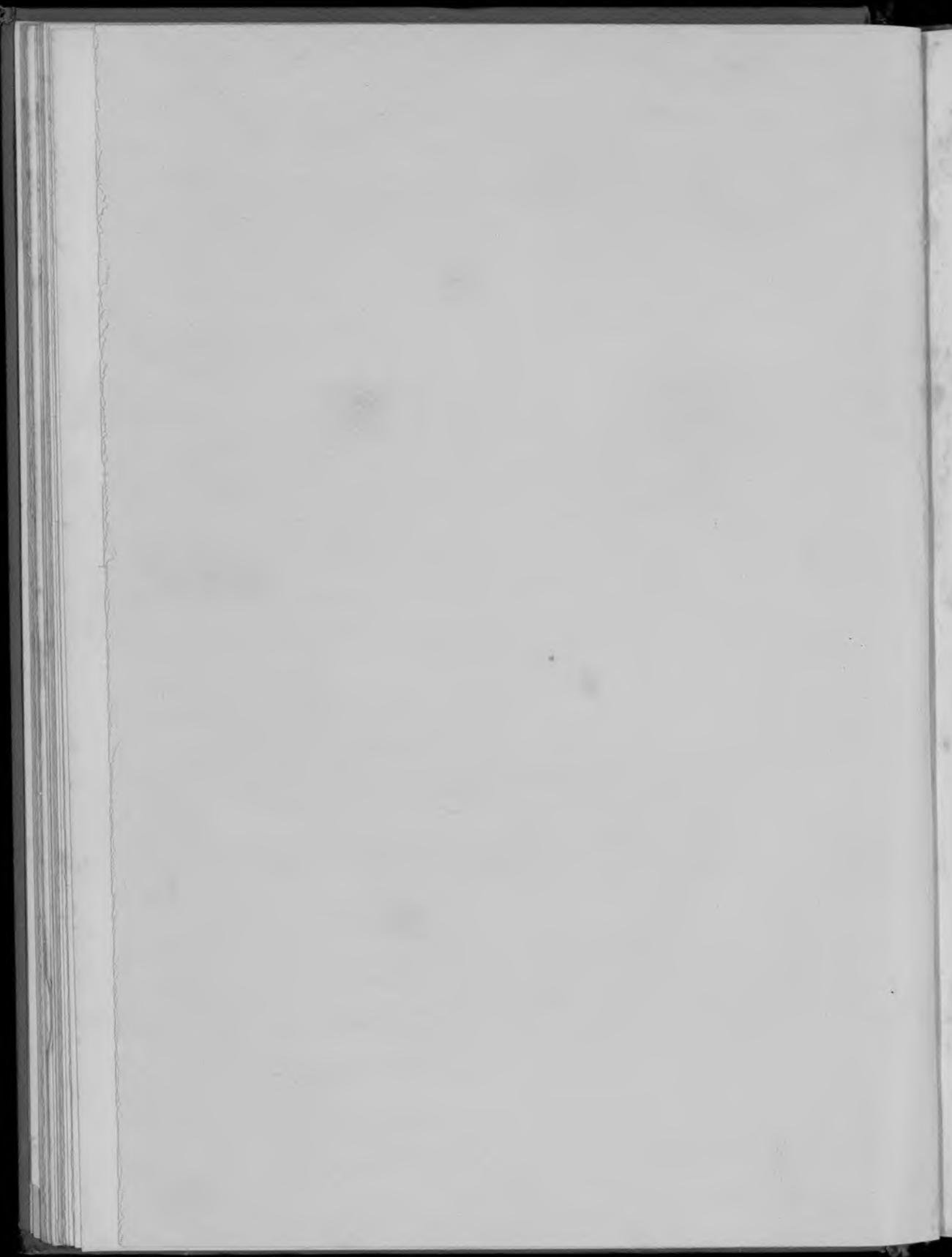
Fig. II.



Rua de Lunda.



CASAS DOS LUNDAS



aqui que entre os Cazembes o herdeiro de seu pae é geralmente o filho mais velho d'este.

Quando o Cazembe vê alguma mulher de quem se agrada, ou que ouvindo fallar de alguma, lhe dá vontade de a ter, manda-a buscar; e sendo recolhida na Gânda, é logo posta em confissão, dando-se-lhe tratos, se tanto é preciso, para que declare o que se quer saber; isto é, quem são os homens com quem tido comunicação carnal. E em quanto isto se passa, o marido, se o tem, é preso, e tudo quanto possue lhe é confiscado, e elle em seguida mandado matar. Depois, á proporção que a mulher vae confessando quaes são os homens com quem ella tem tido coito, assim vão elles todos sendo decapitados. A confissão prolonga-se por muitos dias, durante os quaes está ella totalmente incomunicavel, excepto com a Cata-Dôfo, ou executora mórla do serralho, que é quem lhe toma as declarações, e quem exclusivamente as communica ao Cazembe. Em quanto ella se lembra de denunciar victimas, ou em quanto dura a presumpção de existir alguma d'estas, é conservada n'este estado de reclusão; e é sómente quando o Mambo se persuade de que não existe nenhuma mais, que saé da prisão e vae reunir-se ás outras mulheres d'elle. Se não tem marido, segue-se, apesar d'isso, a mesma prática logo que é recebida na Gânda; e nunca, em caso algum, deixa de haver mortes, em maior ou menor quantidade, porque em geral as mulheres Cazembes, seja qual fôr o seu estado ou classe, não se distinguem pela compostura dos costumes.

Estas ocasiões são sempre aproveitadas para se exercerem actos de vingança; sendo facil o pretexto para isso, visto que não ha outro algum exame além da confissão ou declaração das mulheres encerradas, as quaes não costumam occultar cousa alguma a tal respeito; e tambem se inventa o que não disseram, quando isso faz conta.

A actual segunda mulher do Muata; isto é, a Inteména, foi muito formosa e muito lasciva; era mulher de um Quilôlo que

fez relevantes serviços ao Cazembe, e que foi a Tete em 1814, levando-a consigo. Ali prostituiu-se muito, e passava como certo o ter tido commercio durante a viagem com a maior parte dos Cazembes da cágila; e em Tete com brancos, mulatos e pretos, e o marido que já era velho, não fazia caso de bagatelas: mesmo em Lunda, esta mulher dissoluta nunca perdeu occasião de saciar os seus appetites. Finalmente o Cazembe, ouvindo fallar n'ella e gabar a sua formosura, mandou-a recolher á Ganda; e pelas declarações que lá fez, foi a causa de uma mortandade espantosa. Nós todos estamos persuadidos de que o máo tratamento que tem recebido o nosso interprete, e nós tambem, tem sido em parte por motivo de recordações d'essa época, apesar de terem decorrido já muitos annos desde entao. Ella é de cor bronzeada ou fula, e hoje (1832) mostra ter quarenta e cinco a cincuenta annos, mas ainda tem vestígios de formosura, sobre tudo nos seus grandes olhos muito vivos e insinuantes.

O numero das mulheres do Muata sobe a seiscentas, as quaes estão repartidas como criadas pelas quatro primeiras, que são as que têm representação e estado; cujos titulos são, segundo a sua ordem, os seguintes: a 1.^a Muári; a 2.^a Intemena; a 3.^a Casaléuca; a 4.^a Fuama. Estas estão sempre reclucas na Mossumba, e não saem senão em estado: todas as mais andam vestidas como as mulheres do povo e escravas; e como taes são empregadas em todos os serviços de cultura, condução de agua, de lenha, etc., mas se uma d'estas mulheres, que só a muita pratica ensina a distinguir, se encontra em um caminho, hombro com hombro, com um negro, este é logo condenado a ser amputado de todas as extremidades já referidas; e por isso, logo que avistam ao longe uma d'estas negras, ou retrocedem ou tomam outro caminho, correndo quanto podem. E se acontece estarem alguns descuidados a conversar em um caminho, e apparece repentinamente uma d'estas mulheres, logo que a reconhecem ou vêem, fogem desordenada-

mente, sejam elles de que classe ou condição fôrem, porque a ninguem é permittido fixar a vista, nem mesmo de longe, em uma mulher do Muata, por mais insignificante que ella seja.

XVI.

Na margem do Mofo, e proximo á parte OSO. do Chippango, mas separado d'elle por uma rua de dez braças de intervallo, está situado o Mazembe, que é um recinto quadrado com umas quarenta braças de face, dentro do qual estão quatro barracas compridas feitas de madeira, rebocadas de barro e cobertas de colmo; cada uma das quaes pertence a uma das principaes mulheres; e é onde ella se recolhe com as mulheres que lhe pertencem, quando têem as suas molestias mensaes, porque lhe é prohibido estar na Ganda, durante esse periodo, para não corromper os encantamentos do Cazembe; e logo que acaba o incommodo volta outra vez a ella.

O Mazembe é guardado por eunucos; sendo castigado com a pena de morte todo aquelle que se aproxima, ou pára, ao pé d'elle, ou que, ainda mesmo de passagem, olha para dentro por alguma abertura que accidentalmente haja no recinto, o que raras vezes sucede. E n'este logar nem o mesmo Muata entra jámais.

XVII.

Quando o Cazembe fallece, reunem-se todos os Quilôlos; e depois de vestido o cadaver em grande galla, é posto na praça principal da Mossumba sentado no throno, em grande estado e no maior apparato, sendo cercado pelos Quilôlos e pelo povo, pela mesma forma como se estivesse vivo, no acto de Tentamar. Logo que tudo está prompto sáe da Ganda o novo Mambo; e chegando defronte do morto, e em distancia conveniente, ajoelha e cumprimenta-o pondo pitadas de terra

nos seus proprios sangradouros; depois levanta-se e vae ajoelhar aos pés do finado, e com a mão direita toma a direita d'este, e une as duas mãos, palma com palma, e com a esquerda vae fazendo passar do braco do defunto para o seu, uma argola da grossura de meia pollegada forrada de pelle de cobra, de modo que não esteja um só momento separada do braço do morto ou do do seu successor. Esta argola é a insignia do poder real, e é inseparavel do braço do reinante. Logo que esta ceremonia se conclue, e que o novo Cazembe tem a argola posta no braço acima do cotovelo, levanta-se e toma o caracter de Cazembe, e como tal é saudado, e acclamado com as palavras = Muané = Averié = repetidas muitas vezes pelos Quilólos; e quando isto tem acabado, é elle quem dá todas as ordens e dirige o enterro.

XVIII.

Em um andor, a que chamam Chololo, põem uma cadeira igual á do throno, ou esta mesma, e n'ella sentam o defunto, que, depois de bem seguro, é conduzido com muitos toques de instrumentos e grande acompanhamento até ao logar dos Maxâmos, onde se lhe tem feito o que lhe é destinado, o qual tem uma abertura espaçosa feita em rampa, e no fim d'ella ha uma camara quadrada, no meio da qual depositam o cadaver sentado na mesma cadeira em que foi conduzido, com todos os seus vestidos e insignias. Esta camara é forrada toda de bons pannos, e depois tapam a abertura por onde se entrou, ficando, comtudo, a camara sem ser cheia, mas sómente entai-pada. Na parte central do terreno superior á mesma, abrem um furo perpendicular de uma pollegada de diametro, em cujo extremo externo fazem um friso de barro de um palmo de diametro, que é destinado a impedir que se espalhe a bebida e a comida, que por cima deitam para o morto. Quanto, porém, ás fazendas e objectos que lhe são offerecidos, são depositados

no chão, dentro da grande casa que edificam sobre a sepultura, e que fica sendo o Maxâmo. O novo Cazembe nomeia um Muine-Maxâmo, que ordinariamente é um dos servidores do defunto, e cujo cargo fica pertencendo aos seus descendentes.

XIX.

Todos os dias á entrada da noite, e algumas horas ainda depois, ouvem-se em Lunda continuados gritos, á maneira de pregão, de = Mulilô = que quer dizer = fogo = com que advertem os habitantes de que apaguem o lume. Ora, como as casas do Chipango estao muito juntas, e unidas umas ás outras pelos recintos de palha, se acaso pegasse fogo, tudo arderia sem remissão; é por isso que ha a previdencia do pregão nas primeiras horas da noite para que haja cautela.

Todas as noites o Muata tem reunião, que se annuncia por toques de marimbás e tambores, que começam logo depois do sol posto, sendo este o signal para concorrerem os Quilôlos á Gânda, e ahi são introduzidos na grande casa onde o Mambo ordinariamente se acha fumando desde que principia o toque para esta assembléa, á qual chamam Bálua, por constar sómente de beber, e d'elle conversar familiarmente com os concurrerentes.

Quando o Muata pede Pombe, servem-lh'o em um copo ou taça de louça, e quando o leva á boca lançam-se os circumstantes por terra, desviando os olhos do bebedor. Cada vez que bebe manda-os servir, mas em vaso separado, porque, como fica dito, ninguem pode tocar cousa em que elle toca. Os que bebem voltam as costas para o Cazembe para que os não veja beber. Esta reunião dura regularmente até depois da meia noite, e muitas vezes até pela manhã; mas todas as noites ha assembléa, e toca sempre a musica em quanto ella dura.

Os Cazembes são de estatura mediana, mas fortes e ro-

bustos; são ferozes e traidores para os estrangeiros. O seu divertimento favorito é o juntarem-se a beber Pombe, ainda que não são ebrios; e muito poucas vezes cantam e dançam.

Têm em tanta veneração o rio Lualao que o respeitam como um Maxâmo; e nos tempos passados, todos os annos, na estação das colheitas, ia o Muata em grande gala com os seus Quilôlos e muita concorrência de povo, em romaria fazer as suas ceremonias em honra do fallecido Muata Canhembo. O Mambo hoje reinante ha alguns annos que se deixou de ir; e apenas manda lá algum dos seus funcionários, porém, isso mesmo sem apparato nem formalidade alguma; e é a esta falta que o povo attribue as calamidades de fome e bexigas que tem soffrido.

O tratamento de Muané que os Cazembes dão ao soberano, posto que seja privativo para elle, é, todavia, dado em particular aos Quilôlos. Quando fallam d'aquelle na sua ausencia designam-o simplesmente pelo titulo de Muata; mas quando fallam de um Quilôlo ou pessoa de distincção, pospoem o seu nome proprio ao titulo honorífico; por exemplo, dizem: Muata-Calulua, Muata-Muanempanda. Tambem os palacianos dão ao Mambo por uma lisonja, de que elle gosta, o titulo de Muatianfa; mas em geral elle não é tratado por tal denominação.

XX.

A historia d'este povo é tradicional. De alguns Cazembes pude obter a informação seguinte; disseram: «Que ao Noroeste do seu paiz existe o grande potentado Murópue ou Muatianfa ('); e que um dos seus antecessores, que tinha com-

(') Este potentado mandou em 1808 uma embaixada ao governador d'Angola. Elle é conhecido n'esta colonia pelo título de Murópue, e de Muata Hianvo ou Muata Yambo, e como rei dos Moluas. N'aquelle tempo o Cazembe era considerado como tributário do Murópue.

mercio com os Mozungos que havia em outras terras mais ao Poente, soube por elles que tambem existiam Mozungos da mesma nação em outro paiz situado a Leste do estado do mesmo potentado; e que este, querendo certificar-se d'esta informação e abrir correspondencia com elles, determinara mandar uma expedição para esse fim; o que poz em pratica, dando o commando d'ella a um Quilôlo seu, por nome Canhembo, o qual era dotado de muitas virtudes e valor, e a quem entregou um filho seu, que não podia soffrer pelo caracter turbulento e sanguinario que possuia; e para o corrigir, de tal forma o sujeitou ao Canhembo que lhe tirou todos os meios de poder exercitar a sua perversidade impunemente.

Que a expedição marchara sem obstáculo até ao territorio onde hoje existe Lunda, mas que aqui achara uma resistencia vigorosa e uma guerra cruel, até que finalmente os Campo-colos (nome dos povos conquistadores, que ainda hoje conservam) triumpharam, mas não prosseguiram mais, com o receio de acharem novos obstáculos, ou de experimentarem algum revez, e serem destituídos. Que no mesmo tempo encontraram aqui Muizas, a quem pediram informações sobre o principal objecto da sua missão, e por elles souberam que existiam brancos na parte oriental, mas que para chegar a elles tinham muito caminho que andar. Que attendendo a esta informação, e á grande inimizade que aos invasores mostravam os Messiras, que eram os povos do paiz submetido; e á descoberta de uma conspiração feita pelo filho do Murôpue contra o seu chefe, que somente foi malograda pelo amor e respeito que os seus lhe tinham, pelo que se declararam em seu favor; o mesmo chefe julgava necessário voltar á corte de seu amo, levando consigo o filho d'este, e deixando, entretanto, a sua gente sob o commando de outro Quilôlo da sua confiança, a fim de dar parte ao Murôpue do acontecido, e de lhe expôr que muito convinha conservar a terra conquistada, que ficava a meio caminho dos outros brancos.»

«Que sem sucesso algum notavel chegara o Canhembo á presençā do Muatianfa, de quem foi muito bem recebido, e que pouco lhe custara destruir as intrigas e ciladas que lhe armara o principe seu inimigo; e que por fim fôra novamente despedido com reforço e poderes amplos para governar o que tinha conquistado, e para ir continuando a conquista, não perdendo a occasião de procurar a correspondencia com os brancos, sendo acompanhado pelo principe, que apparentemente se tinha reconciliado com elle. Que tambem trouxera n'essa occasião o grande tambor Chambançua. Que quando chegaram ao grande rio Lualao, que fica para Oeste d'aqui um mez de jornada, segundo dizem; rio que não se passa senão embarcado; tratara o perverso de por em execucao o plano que tinha projectado, o que conseguira, fazendo com que o Canhembo embarcasse com alguns dos conspirados, os quaes quando chegaram a logar proprio o afogaram; dizendo depois que se tinha virado a embarcação, o que effectivamente succedera. Que quando os Campocolos souberam a sua morte tiveram grande pesar, e recusaram dar ao traidor o poder que ambicionava, tanto por ser de um genio cruel, como por suspeitarem ser elle o auctor da catastrophe; e que elle, como não achasse o apoio que esperava, julgara que chegaria aos seus fins levando pessoalmente a noticia ao pae; e que este reconhecendo então o seu erro, ainda que tarde, cheio de indignação o mandara matar.»

«Que entretanto os Campocolos foram alargando a conquista, e já tinham os Messiras inteiramente subjugados, quando chegou um outro Quilôlo, filho do primeiro, que tinha, como o poe, o nome de Canhembo, o qual fôra mandado pelo Murô-pue para tomar o commando. Que os Messiras, que estavam submetidos, e que eram governados pelo seus proprios chefes, aproveitaram a occasião da chegada do novo commandante para se sublevarem, o que deu motivo a haver uma nova guerra para os subjugar, o que se effectuou. E que fôra desde então



que nunca mais teve auctoridade individuo algum que não fosse Campocolo.»

«Que pela morte d'este succedeu-lhe um filho, que tomou tambem o nome da Canhembo, o que os seus successores têem continuado a fazer em honra do primeiro, de quem a memoria é tida em grande veneração. Que todos estes imperantes nunca perderam a occasião de procurar a correspondencia com os brancos da costa oriental, como no principio o Murôpue havia recommendedo. Que elles, logo que se acharam na posse pacifica da conquista, trataram de dar uma forma regular á administração, e a governar por si sos; e que o terceiro Canhembo principiara a fazer-se independente do Murôpue, mas de tal modo que nunca faltara a todas as formalidades de vassallagem, mandando-lhe algum tributo a titulo de presente, até que acabara, creando uma corte com os mesmos cargos, atributos e etiquetas que havia na de seu amo, onde elle era Fumo-Anseva.

«Que o Murôpue, tanto pela distancia, como pela pouca falta que lhe fazia esta conquista, não fizera caso, ou dissimulara a independencia de facto, que ainda mesmo hoje não está declarada de direito, porque o Cazembe em público confessa-se vassallo d'aquelle potentado.»

«Que o Murôpue, tanto pela distancia, como pela pouca falta que lhe fazia esta conquista, não fizera caso, ou dissimulara a independencia de facto, que ainda mesmo hoje não está declarada de direito, porque o Cazembe em público confessa-se vassalo d'aquelle potentado.»

«Que morrendo o terceiro Canhembo lhe succedéra seu filho, que estava em Angola; isto é, na corte do Murôpue, o qual, além do nome de Canhembo que tomou, conservou sempre o de Lequeza, que antes tinha, pelo qual foi sempre mais conhecido. D'elle recordam-se os Cazembes com saudade, porque era guerreiro e humano, e sobretudo muito generoso; e contam, quando mencionam as suas virtudes, que estando em

uma ocasião ebrio de Pombe, mandara matar injustamente um negro, o que foi logo executado, como é costume; mas que depois, conhecendo a injustiça que tinha feito, prohibira que se executasse ordem nenhuma sua quando elle a desse achando-se no estado de embriaguez, ou mesmo quando estivesse bebendo, ainda que não parecesse achar-se ebrio; e isto debaixo da responsabilidade de quem o fizesse. E que desde essa ocasião estabelecera o costume de não beber Pombe senão á noite, fazendo para isso as reuniões que deixamos mencionadas; as quais depois continuaram somente por etiqueta, sem que elle bebesse; e que dizia: «Que o Mambo deve estar sempre prompto para poder ouvir e deliberar por si só.»

«Que fôra o Lequeza o primeiro Muata que vira os brancos, e que recebera o Geral de Tete (o Dr. Lacerda).»

Elle falleceu no principio d'este seculo, e sucedeui-lhe seu filho, Canhembo o quinto deste nome, Mambo actual, o qual forma um perfeito contraste com seu pae, porque é o mais barbaro e covarde que a tradição Cazembista recorda, sendo um fac-simile do assassino do primeiro Canhembo.

Eis-aqui a historia que os Cazembes contam da sua nação, e da origem que ella teve. É este o unico povo d'esta parte da Africa, dos que tenho visitado, que conserva uma tradição similar, posto que simples e resumida.

C A P I T U L O IX

**Continuação da marcha de regresso
para Tete**



Continuation of my letter
to you.



I.

Julho 1. — Pela manhã começámos a marcha com o rumo do SE., com que andámos duas legoas para subir a serrinha Chimpire, que corre LO., a qual não tem altura considerável, mas é bastante extensa, e serve hoje de limites entre os domínios do Muata-Cazembe e os dos povos Muembas. E quando a tinhamos já atravessado viram-se dois negros que corriam pelo matto, por cujo motivo o guia mandou fazer alto á expedição, e foi-lhes fallar; e voltando, com pequena demora, proseguimos a marcha. Pouco havíamos andado quando encontramos oito Muembas bem armados, e soubemos então que os que vimos correndo iam dar parte aos seus de que avançava gente de guerra; porém como o guia os preveniu de que era a expedição, ficaram descançados; contudo, estes, que agora encontrámos, vieram certificar-se d'isto.

Passada a serrinha, tomámos o rumo de SSO. e ao nosso guia juntou-se um dos Muembas para melhor dirigir a marcha, e tendo caminhado meia legoa, passámos o riacho Luenque, que se dirige para L. com seis braças de largo e duas de alto, e tem muita e boa agua; corre em leito de pedras. Aqui disse-nos o guia que estávamos proximos á povoação de Fumo-

Cabungo, da nação Muemba, e que era necessário que elle guia fosse com o Muemba que nos acompanhava, e mais outro negro da expedição, preveni-lo da nossa chegada, e que lhe era preciso levar um signal da expedição, como é costume. Para isso entregou-se-lhe um rosario de avelorio, e mandei fazer alto á espera do commandante, que vinha na retaguarda; e logo que chegou dei-lhe parte do ocorrido, e como eram duas horas, e os guias não voltavam, mandou formar o campo. De tarde voltaram os portadores acompanhados de dois Muembas da povoação, que vinham por ordem do Fumo para acompanharem a expedição.

Os escravos novos que vinham em uma gargalheira, tendo ido buscar lenha tiveram occasião de abri-la para desertarem; mas como se lhe acudiu logo, apenas fugiram tres.

Julho 2. — Pela manhã continuámos a marcha para SSO., e tendo avançado legoa meia, passámos pela antiga povoação de um Fumo Muiza Cacômue, a qual é hoje habitada pelo dito Cabungo, conquistador Muemba; e a quinhentos passos ao SE. d'ella formou-se o campo. Mandou-se de Chipata ao Fumo um quarto de Zuarde e meia Ardian; mas elle pediu um panno encarnado, que foi preciso dar-lhe pela dependencia de que nos forneça um guia, e entregou-se-lhe uma coberta ingleza estampada, por não haver outra fazenda d'esta côr. Pediu o Fumo a demora da expedição aqui amanhã, para os seus poderem vender mantimento; ao que se annuiu em rasao do deserto que se segue, e de ser preciso esperar a gente que vem na retaguarda.

De tarde apresentou o intérprete um negro seu com a ferragem de uma Maxila que achara no logar onde foi o acampamento da expedição na vinda para o Cazembe, e contou que com os fragmentos da Maxila estava uma ossada humana. A dita Maxila era minha, sendo os ossos provavelmente de algum dos negros que n'estes sitios ficaram detidos pela fome.

Julho 3. — No mesmo sitio. Mandou o Fumo uma porção

de milho, que seria alqueire e meio, e um cestinho cheio de gafanhotos secos, com o recado de que era um presente para os Mozungos, a quem pedia que fossem á sua Mui, porque nunca tinha visto gente branca, e que elle não vinha visitar-nos porque não podia. Soubemos que a causa de não vir eram as bexigas que ainda temos na expedição.

Tendo deixado tudo prevenido no acampamento, fomos vêr o Fumo, que achámos sentado em um banco de pão muito similar ao Quite dos Maraves, e estava cercado por uns trinta Muembas. A povoação está fechada por uma estacada que terá uns duzentos passos de diâmetro, porque é circular, e terá quarenta palhotas. A nossa primeira conversa foi sobre o caminho que temos a seguir.

Depois o Fumo pediu que veria vêr o Mozundo que carrega gente (o Chimancata), ao que se satisfez mandando buscar o jumento; ao qual logo que entrou, como toda a negraria e o mesmo Fumo faziam muita bulha de risadas e palmas, começou a zurrar, e o interprete teve a lembrança de dizer ao Fumo que elle estava pedindo de comer; e este imediatamente mandou dar-lhe uma porção de milho, que elle engoliu com promptidão. Quando acabou, disse o Fumo ao interprete que lhe pedisse que fallasse outra vez, porque o queria tornar a ouvir. Querendo nós obsequiar o Fumo e não sabendo o modo de fazer zurrar o animal, fizemo-lo largar, esperando que se poria em retirada para o acampamento, e que n'essa ocasião fizesse ouvir a desejada musica da sua voz: não sucedeu, porém, assim, mas fez melhor do que se esperava, porque vendo-se solto foi espojar-se n'un monte de cinzas que estava fronteiro ao Fumo, e levantando-se depois precipitadamente, partiu ao galope para o acampamento. Em quanto o burro se espojava, tanto o Fumo como os que o cercavam fizeram-lhe com entusiasmo um cumprimento de palmas.

Entre estes povos o modo de saudar os Mambos e Fumos consiste em deitar-se de costas no chão espojar-se quem faz o

cumprimento; e em quanto este acto dura, aquelle a quem é feito, e o seu sequito corespondem com palmas. E por isso, quando o jumentou se espojou, o interprete disse ao Fumo que era agredecimento do comer que lhe tinha dado, e foi este o motivo por que elle e os seus corresponderam com admiração e entusiasmo.

Nós tinhamos ido armados todos, e levámos o tambor com a caixa e o pifano, deixando ordem no campo para todos estarem com cuidado, e que, se ouvissem tocar a chamada, acudisse o destacamento, e que os negros ficariam em armas guardando o campo. Com o fim, pois, de exercitar a nossa gente, e de dar uma idéa vantajosa da sua disciplina a estes selvagens, depois de termos satisfeito a muitas perguntas que nos fizeram, recaiu a conversa sobre as guerras e conquistas que os Muembas têm feito; e dissemos que a povoação seria cercada logo que se desse um signal, o que elles mostraram não acreditar; e para os convencer mandou-se tocar a chamada, e immediatamente o destacamento veiu com a maior rapidez formar-se no meio da povoação. A primeira vista ficaram aterrados, e de tal forma tomados de medo que não davam uma palavra, nem fizeram o mais pequeno movimento, julgando ser o caso muito serio; mas logo que se lhes assegurou que nenhum mal se lhes fazia, cobraram animo; parecia que não podiam conter a admiração que sentiam; contudo não se mostraram contentes senão depois que nos retirámos para o campo; e fomos despedidos com muitas palmas e aplausos.

Não houve mais novidade alguma.

Julho 4. — Estando para se levantar o campo, deu parte o commerciante Paulo de que lhe tinham fugido tres escravas, e que por isso pedia licença ao commandante para ficar hoje aqui, a fim de fazer diligencia para as recuperar, mandando com a expedição tudo quanto lhe pertence, o que lhe foi concedido.

O guia que deve acompanhar a expedição, tendo ido á po-



voação em procura das fugidas, e achando lá Pombe não quiz sair d'ali; e não convindo demorar-nos mais tempo n'este sítio, marchámos, sendo dirigidos somente pela agulha, e caminhámos para SSO. legoa e meia, atravessando o riacho Rutuvo, que corre para SE. com oito braças de largo e quatro de alto, e à ante d'ele meia legoa principíamos a caminhar para SE.; e com meia legoa n'este rumo passámos o regato Fungo, que corre para SSO. com uma braça de largo e meia de alto, e da parte d'àquem d'ele, a cem passos de uma pequena povoação de seis palhotas, mandei fazer alto até que chegou o commandante, o qual mandou formar o campo para se tomarem informações a respeito do caminho.

Adoeceu o commandante com uma grande febre.

Mandámos procurar um guia, o qual veiu, e demos-lhe meia Ardian.

Julho 5. — Pela manhã appareceu o commandante com o rosto inflammado, mas já livre de febre.

Levantámos o campo, e andando para SSO. uma legoa, atravessámos o ribeiro Cávissungo, que corre para O. com dez braças de largo e tres de alto, e corte sobre pedras, e uma legoa avante d'ele atravessámos o regato Chiuussi, que corre para o S. com duas braças de largo e uma de alto; d'aqui tomámos a direcção de SSE., com que caminhámos uma legoa, e logo passámos o regato Vissango, que corre para o S. com duas braças de largo e uma de alto, e à ante d'ele uma legoa atravessámos o regato Xita, que corre para o S. com duas braças de largo e meia de alto, e àquem d'ele formámos o campo.

O commandante chegou com o rosto mais inflammado, e queixou-se de fortes picadas. Eis-nos pois entregues á Providencia, sem auxilio ou remedio de qualidade alguma para o doente, em um paiz quasi deserto e obrigados a marchar.

As cinco horas da tarde reuniu-se á expedição o commerçante Paulo. Desapareceu o guia, deixando a meia Ardian

que lhe tinhamos dado em paga, e foi-se com o que veiu, e com o dito commerciante, que tambem desappareceu.

Julho 6. — Pela manhã continuámos a marcha para SSO., e pouco havíamos andado quando encontrámos uma pequena povoação de Muembas, d'onde obtivemos um guia, a quem demos um quarto de Zuarde; e continuámos a marcha para L. tres legoas, e passámos o regato Maburi, que corre para o S. com uma braça de largo e meia de alto; e uma legoa avante d'elle passámos o riacho Muzizia, que corre para L. com seis braças de largo e duas de alto, e àquem d'elle formámos o campo.

Era noite quando se apresentaram dois mensageiros do Fumo Cabungo com duas escravas, umas das que tinha fugido ao commerciante Paulo, e a outra para trocar por uma que do Cazembe trazia o commandante, a qual era sua parenta. Fez-se o que queria, retirando-se os mensageiros satisfeitos.

De noite fugiu o guia que trazíamos, e ao mesmo tempo ouviu-se bulha de gente no matto, e os negros que flanqueavam o campo deram parte de sentirem gente emboscada; em consequencia d'este aviso pegou a expedição em armas, e mandou-se reconhecer a causa do alarme. Verificou-se serem os negros do commerciante Paulo que estavam na retaguarda, e tendo-se perdido por ser noite, gritavam para saberem se estavam longe ou perto.

O commandante vae peior.

Julho 7. — O doente appareceu pela manhã com a cabeça e rosto inflammado extraordinariamente, e julgámos ser uma fortissima erysipela.

Levantou-se o campo, e seguindo o rumo de SSE. uma legoa, passámos o riacho Cabunga, que corre para o N. com seis braças de largo e quatro de alto, e tomámos a direcção de L., e tendo avançado meia legoa passámos pela povoação, outr'ora do Mambo Muiza Chirando-Chinhimba, onde estivemos na ida para o Cazembe. Então estava povoada e cercada

de forte estacada, mas hoje está deserta e completamente arrasada, e todas as estacas cortadas a machado. Consternámo-nos com este espetáculo, e muito mais pela recordação de ser aqui onde a expedição, depois de tantos dias de rigoroso jejum, havia obtido algum socorro; e agora ainda trazíamos esperança de poder fazer algum fornecimento, mas toda desapareceu á vista da sua completa ruina. Viu-se, entre outros, um cadáver mirrado, e pelo arco que tem ao pé de si, conheceraõ os negros ter sido um escravo do comerciante Cardoso.

Deixando este triste lugar, tomámos o caminho de SSE., andando n'este rumo legoa e meia; depois caminhámos para SSO. legoa e meia, e passámos o rio Ruena, que corre aqui para OSO. com dez braças de largo e seis de alto, e à quem d'elle formámos o campo.

Durante toda a marcha de hoje encontrámos povoações arrasadas e desertas, havendo na maior parte d'ellas apenas vestígios de terem existido. Assim este paiz devia ser muito povoado antes da invasão. Tomámos para guia um negro dos que andam errantes pelo sertão, ao qual demos um quarto de Zuarre.

Em toda esta parte da África paga-se sempre adiantado todo o serviço corporal que hão de fazer os cafres livres.

Julho 8. — O commandante continua a passar peior, e tem a falla tomada.

Levantou-se o campo, e caminhando para SSO. tres legoas, entrámos n'um extenso Dambo, que costeámos pelo lado esquerdo, tomando a direcção de O.; e tendo andado assim meia legoa, seguimos para o S. meia legoa, e então, tomando a direcção de SO., atravessando o Dambo, no qual andámos uma legoa, e quando chegámos à borda d'elle formou-se o campo. Reuniram-se á expedição os negros que tinham ficado no Chembeleguezé. Quando atravessámos o grande Dambo apareceram dois Muembas, que disseram virem mandados pelo Fumo Londâmo, em busca da expedição para convidar os brancos a irem

á sua povoação, porque nunca tinha visto Mozungos, e acompanharam a expedição até ao acampamento; e logo que este se formou pediram que se lhes desse alguém para ir com elles ao Fumo; ao que não annuimos por a gente estar cançada, mas assegurou-se-lhes que, visto ficar no caminho a sua Mossumba, por lá passariam; e elles retiraram-se sós.

Julho 9. — De noite fugiu um escravo antigo do commer-
ciante Cardoso com uma escrava Cazembe que me pertencia.

A molestia do commandante parece querer ceder. Os reme-
dios que se lhe tem feito são a batatinha desfeita com agua, e
assim continuamente applicada á parte inflammada, e banhos
de malvas.

A batatinha é uma raiz similar a uma batata, mas geral-
mente comprida; encontra-se nas terras dos Chevas e para o
Norte, e pertence a um arbusto muito parecido com o funcho.
As suas propriedades são calmantes e resolutivas; applica-se
com resultado efficaz nas inflammações. É remédio dos Cafres.

Pela manhã continuámos a marcha para ESE, costeando
o mesmo Dambo, e tendo caminhado uma legoa deixámo-lo,
tomando a direcção de SSE, a qual marchamos legoa e meia,
e passámos um regato de que ignoro o nome; corre para o N.
com uma braça de largo, mas sem profundidade notável; de-
pois andámos para L. meia legoa, e depois mudámos para
SE., e pouco avante chegámos a uma pequena povoação nova-
mente feita, mas sem vestígios de cultura; aqui encontrámos os
dois Muembas de hontem, que disseram ser preciso mandar
dar parte ao Fumo da nossa chegada, pelo que se lhe manda-
ram dois quartos de Zuarde e meia Ardian, e como se demo-
rava a resposta seguimos para a frente, tomando o rumo de
SSO. em que andámos legoa e meia; logo depois passámos o
rio Rucuto, que corre para o N. com vinte braças de largo e
seis de alto, e á quem d'elle formou-se o campo.

Quando se estavam fazendo as barracas deram parte os ne-
gros de terem morto um bufalo, o que causou grande prazer.

porque a fome já se principia a fazer sentir. Depois de formado o campo mandou-se gente para conduzir a carne.

Junho 10. — No mesmo sítio. Pela manhã chegaram os negros que tinham ido ao Fumo, e disseram que ficara satisfeito, e que pedia que fossemos pela sua povoação onde daria os guias pedidos, que nos levariam por caminho povoadão. À noite chegou a gente com a carne. .

Julho 11. — O commandante, posto que não esteja melhor, com tudo não está peior.

Repartiu-se a carne, e ficámos como d'antes, porque chegou para muito pouco.

Levantámos o campo e caminhámos para SSE. meia legoa, e chegámos á Mossumba do Fumo Londâmo, e a cem passos d'ella formou-se o campo, por ser indispensável um guia que elle prometteu dar. A povoação é pequena, e novamente feita, e tem mui pouca gente. A fome já vae apertando. A força de donativos temos podido obter algum alimento, ainda que caríssimo. Uma porção de milho igual a uma oitava custou um Capotim.

Pedindo-se o guia ao Fumo, respondeu que estava prompto, mas que a sua gente corria grande risco em ir pelo sertão, porque muitos Muizas estão por lá escondidos, e que por elles podiam os seus filhos ser mortos; motivo este pelo qual era preciso que se lhe pagasse bem.

A primeira lembrança que tivemos foi de continuarmos a marcha amanhã, mesmo sem guia, mas a molestia do commandante, a perspectiva do deserto, da escassez e da fome, apresentaram-se como ideias aterradoras que nos suscitavam reflexões mais prudentes, para não tomarmos uma resolução que nos pode perder a todos. Attendendo pois às circunstâncias ponderadas, mandaram-se ao Fumo dezesseis peças de fazenda; que elle não quiz receber, dizendo ser pouco. Ouvindo esta resposta mandámos pegar em armas, e com ellas na mão ameaçámos de lhe arrazar a Mossumba; mas elle sem se

alterar disse: «Que não nos tinha feito mal algum, e que senão lhe queríamos dar nada, lh' o não déssemos, e podíamos seguir o nosso caminho.»

A vista d'este proceder, determinámos comprar-lhe escravos para guias, em lugar de lhe pagar o aluguer d'estes, porque por força nada podíamos conseguir. E com efeito concluiu-se o negocio dando-se-lhe trinta peças de fazenda.

II.

Julho 12. — Quando estavamo levantando o campo, caí morta de fome uma escrava minha, e foi preciso pagar o chão em que caí, como é prática no serfão, o que fizemos dando nove peças de fato. Finalmente partimos, e fizemos caminho para SE., em que andámos quatro legoas, e formou-se o campo proximo a uma povoação deserta. A fome vae apertando, e receiamos ter de abandonar todas as cargas e escravos presos para nos podermos salvar. Quando se pergunta aos guias pelas povoações, respondem; que estão adiante, e que para procurar outro caminho é preciso dar grande volta.

O commandante continua no mesmo estado.

Julho 13. — O doente pela manha apareceu com melhoras.

Continuámos a marcha para SSE., e avante uma legoa entramos n'um grande Dambo coberto aqui de agua lodosa, e tomámos o rumo de SSO. com que andámos duas legoas e meia, e passámos a lagôa Mafuzi, que terá umas trinta braças de largo, mas o comprimento, que é de L. a O., fica a perder de vista. Passou-se com dificuldade, porque a agua muito grossa pelo lodo, chegava, em partes, ao peito. Para mim foi de maior trabalho por ter que levantar em peso e puchar ou arrastar o jumento em que venho montado quando o caminho é firme, mas que quando chega a terreno pantanoso, a que tem uma antipatia natural, me força a mudar a scena.

Logo que passámos esta lagôa andámos para SSE. conti-

nhuando a atravessar o grande Dambo, que é um dos maiores que tenho visto, e tendo andado uma legoa encontrámos um pequeno bosque isolado que está no meio do Dambo; e não se descobrindo agua alli, seguimos para a frente, e à vante meia legoa, como a achámos, formou-se o campo ainda no Dambo, o qual é o mesmo da lagoa Rucuto, onde passámos na ida para o Cazembe, mas em distancia consideravel d'aqui, porque o Dambo que do logar em que estamos se perde no horizonte em todas as direcções, não apresenta n'este logar indícios nenhuns da existencia de lagoa alguma.

A fome vae crescendo, e já principia a fazer estragos.

Julho 14. — Continua o commandante a ter melhoras.

Seguimos a marcha para SSE., e a duas legoas atravessámos o Dambo, e à vante duas legoas e meia chegámos à margem de uma pequena lagoa chamada Ruanceze-Tunino, e antes de a passar formou-se o campo.

A fome é cada vez maior.

Julho 15. — As melhoras do commandante vão em progresso.

Levantámos o campo e atravessámos a lagoa, à qual não percebemos signal de corrente; ella tem umas vinte braças de largo e uma de altura de agua no centro, donde diminue progressivamente para as suas margens, nas quaes é insignificante. Estou persuadido de que é antes um rio do que uma lagoa, posto que os guias affirmem o contrario. Andámos para SSE. quatro legoas, e chegámos á margem do rio Ruanceze, que os guias não quizeram passar sem primeiro saber onde dá váo, porque aqui não o ha. Fez-se pois alto em quanto um d'elles o foi procurar, mas como se demorasse o commandante mandou formar o campo. A guarda da retaguarda deu parte de ter ficado no caminho morto de forme um escravo do commandante. Ha quatro dias que faltam quatro negros do comerciante Paulo, que pelo seu estado de magreza não carregavam nada, e julga-se tetem morrido. De tarde apareceram dois

Muembas mandados pelo Fumo Cabaza, d'esta terra ou districto, dizendo: «Que tendo passado Mossambazes pela sua terra não tinham ido á sua povoação, nem lhe tinham mandado Chipata, pelo que a mandava pedir.» Deram-se-lhes seis peças de fato, pela dependência de nos mostrarem o váo. Julgamos que elles estão mancommunados com os guias, que dizem descaradamente que o não mostram sem lhes pagar, apesar de se lhes ter já dado algum fato, porém, querem mais. Lembrou então alguém da expedição que seria conveniente mandar castigar um dos guias, para assim os obrigar a conduzir-nos; mas sendo um similhante conselho não só barbaro mas imprudente, foi desaprovado.

Emfim, aqui estamos na margem de um rio que não dá váo, com a gente toda exausta pela fome, e por isso sem possibilidade de emprehender cousa alguma por força, tornando-se as armas inuteis pelo estado de debilidade de quem tem de as manejar. E estamos em paiz quasi deserto.

Julho 16. — Pela manhã depois de varias impertinencias dos guias e das suas exigencias, que em parte foram satisfeitas, a fim de que nos mostrassem o váo, pozemo-nos em marcha para o N. costeando o rio; e tendo avançado legoa e meia, recebi ordem do commandante para retroceder, o que fiz, e fui achar toda a expedição reunida no mesmo acampamento que tinha deixado.

O commandante referiu-me, que por acaso encontrara dois Muizas, e que fallando com elles sobre o caminho que temos a seguir, disseram-lhe que o logar onde o rio dá váo fica na distancia de dois dias de boa jornada, e que por isso era melhor fazer aqui um Oraro, isto é, uma ponte. Já tinha eu tido essa lembrança e desejo, porém, a grande distancia em que fica a madeira, e o deploravel estado em que está a gente, fez desistir do plano, porém, agora o desespero deu força, e aproveitámos o momento da influencia, porque o conselho dos Muizas foi recebido com applauso geral. Immediatamente poz-se em exe-



cução, e todos foram ao corte da madeira, que fica a meia legoa de distancia, na orla do Dambo. N'este sitio, onde vamos fazer a ponte, o rio tem oito braças de largo e duas e meia a tres de profundidade de agua; mas a corrente que é para SE. não é consideravel.

As quatro horas da tarde apresentou-se no acampamento o Fumo Cabaza, e disse: «Que vinha ver os brancos, e que pedia alguma cousa.» ao que se satisfiz mais pelas circumstancias do que por vontade propria; e depois de receber o presente retirou-se. A ponte apromptou-se, e a forma porque se fez foi a seguinte: atravessaram-se páos parallelos á largura do rio, e sobre estes outros mais delgados formando o estrado d'ella.

Julho 17. — Logo de manhã principiaram-se a passar as cargas, e estando n'isto appareceu novamente o Cabaza com novas impertinencias; e depois de muita altercação, deu-se-lhe mais algum fato com que se retirou; e nós tendo concluido a passagem cortámos a ponte.

Continuamos a marcha com o rumo do S. uma legoa, sempre pelo mesmo Dambo, e chegámos a um pequeno bosque que parece uma ilha no meio do Oceano. Este Dambo é todo semeado de pequenas lagdias, e n'ellas achámos a raiz que os cafres chamam = Nhica = cuja planta é uma sorte do golfão, (*Nymphaea*). Esta raiz serve de alimento em tempos de escacez, porém, aqui foi para nós o maná do céu, porque ha dias não temos comido de ordinario senão hervas cosidas e raizes silvestres, e entre estas as que têm aparecido com mais abundancia são umas batatas esbranquiçadas, que, depois de muito bem lavadas e cortadas em rodas, cosem-se, e assim se comem; mas é o mesmo que mastigar aréa, tanto pela qualidade da massa, como pela resistencia que esta faz aos dentes, e são completamente insipidas. Apenas se descobriu a Nhica, todos, sem exceção, entrámos nas lagoas, e por isso forçoso foi acampar aqui.

Pelo que deixo referido pareceria que o commandante da

expedição commettêra uma cobardia deixando-se roubar, ou dando tanta fazenda, sem ter opposto resistencia, quando ainda ella conta mais de cem homens, ao passo que os ladrões se nos têem apresentado com pequena força, pois que o Fumo Londâmo apenas tinha umas quarenta pessoas de ambos os sexos; e o Cabaza, quando veiu ao acampamento, somente trazia dez pessoas. Deve-se, porém, advertir que a gente da expedição se acha reduzida ao ultimo apuro pela fome; que não sabemos o caminho certo que nos convém seguir; e que estamos no centro de um vasto deserto, onde, sem guia, não podemos caminhar sem o perigo de sermos conduzidos a uma perda total; que para saír de tão aspero sertão ainda nos restam a fazer vinte e cinco a trinta dias de jornada, ou talvez mais, antes de podermos chegar ás terras dos Chevas; e que se tivessemos algum conflicto, o resultado provavel seria cairmos em ciladas, ou termos que abandonar tudo, porque o uso que podemos fazer das armas seria de pouca duração, para o que não teríamos mais do que vinte e cinco homens, que tantos são aquelles que, pela sua constituição physica, ainda estamos em estado de fazer algum esforço. Taes têem sido as nossas reflexões, e o que praticámos foi o resultado da discussão dos pareceres de todos os interessados da expedição, sendo este proceder considerado como o unico meio e podermos obter mais vantagens, e de evitar maiores prejuízos.

Logo que acampamos apresentaram-se dois Muizas, os quaes disseram: «Que ouvindo bulha de gente temeram que fosse guerra, e que vieram com cautela observar o que era, e que quando reconheceram ser a expedição, perderam o medo.» Pediu-se-lhes que nos servissem de guia, ao que annuiram, prestando-se a irem somente até ao rio Chambezé; o que muito estimámos.

O commandante continua com tão rápidas melhorias, que isso pareceria efeito de um prodigo, pois que não tem tomado medicamentos, nem feito uso de alimentos apropriados; tem

vivido, como os mais, somente com hervas e raizes silvestres, apesar do que se acha quasi restabelecido, mas está ainda no ultimo grão de debilidade.

Julho 18. — Antes de levantar o campo pediram os Muizas que se lhes desse agora alguma cousa, e que a paga do seu trabalho se lhes fizesse quando chegássemos ao Chambeze. Satisfazendo ao pedido, deu-se a cada um um rosario de avelorio. E logo continuámos a marcha para ESE., atravessando o Dambo, a cujo extremo chegámos depois de termos caminhado uma legoa; e abi encontrámos uma povoação de cinco palhotas de Muizas errantes, mas sem vestígios de culturas nas suas imediações. E andando depois para o S. tres legoas e meia, chegámos á margem do rio Chambeze, onde fizemos alto para esperar a retaguarda. N'este sitio corre para O., e tem cem braças de largo, e as suas barreiras têm oito de altura; dá vâo aqui, e a agua não chega à cintura; porém a velocidade da corrente, sobre um leito de rocha lisa e limosa torna a passagem impraticavel, pelo que formou-se o campo.

Quando na ida para o Cazembe passámos este rio, foi mais a L., comtudo nao posso calcular a distancia a que estamos d'esse ponto; supponho, porém, que não será pequena, porque o terreno onde effectuámos a primeira passagem era montuoso, e aqui, pelo contrario, é uma planicie que se estende até onde se pode descobrir com a vista. Lá tivemos um socorro de ostras, e aqui, por mais que se tenham procurado, não se acham vestígios d'ellas.

As cinco horas da tarde recolheu a guarda da retaguarda, e deu parte de terem ficado mortos de fome no caminho quatro escravos novos de differentes donos. Os que aqui estão quasi que se acham proximos do mesmo estado por igual motivo. Pagueu-se a cada um dos guias um quarto de Zuarde, e mandaram-se além do rio para procurarem alguma embarcação em que o possamos passar. A fome vae cada vez tornando-se mais insupportavel.

Julho 19. — Pela manhã vieram os Muizas com cinco almadias muito pequenas, pelas quaes foi preciso dar-lhes de aluguer dez quartos de Zuarte, e ás nove horas da manhã principiaram a passar as cargas, concluindo-se a passagem de toda a expedição ás cinco horas da tarde; porém morreram afogados dois escravos do commandante, que foram arrebatados pela corrente quando tentaram passar a vâo, e todos os esforços que se fizeram para os salvar foram inuteis, sendo preciso renunciar a isso para não fazer mais victimas.

Julho 20. — Enviam-se dois negros da expedição com um guia Muiza dos das almadias, que obedecem aos Muembas, para levarem parte ao Mambo Muemba-Chifunso da ida da expedição, porque estes Muizas dão noticia de haver alli viveres.

Levantamos o campo e andamos para SSE, tres legoas; passámos o riacho Ruinguira, que corre para O. com oito braças de largo e tres de alto de barreiras, e seguindo o rumo de SE. uma legoa, passámos por uma povoação de Muizas, onde está o Fumo Muemba Chifuanfanta, sobrinho do Mambo Chifunso, e ponco ávante passámos o regato Cotontora, que corre para o S. com duas braças de largo e meia de alto, formando-se àquem delle o campo. Veiu o Fumo pedir a Chipata; e deram-se-lhe quatro peças de fato, com o que se retirou. Faltou um negro, de que não ha noticia.

Os negros de Cândido Cardoso, tendo-se extraviado do caminho, foram roubados pelos Muembas, que, além dos pequenos objectos que lhes tiraram, levaram duas espingardas. N'esta povoação não achámos mantimentos alguns.

Julho 21. — Pela manhã, mandando-se pedir um guia ao Fumo, que não quiz envia-lo sem que se lhe desse mais alguma cousa. Entregaram-se-lhe quatro peças, e depois de te-las recebido pediu mais um panno encarnado para elle vestir; e assim que o recebeu mandou o guia, com o qual seguimos a marcha para SSE.; e tendo andado legoa e meia passámos o regato Chifuiza, que corre para O. com duas braças de largo e duas de

alto, e á ante d'elle legoa e meia chegámos á povoação do dito Mambo Chifunso, onde formámos o campo. Ella é grande, e tem muita gente, e muitas culturas nos seus contornos.

Apresentaram-se os portadores que se tinham mandado, e disseram que o Mambo queria que lhe dessemos a sua Chipata sorrente de noite e sem que ninguem visse. Houve parte de estar morto o negro que faltou hontem. A noite mandou-se a Chipata, constante de trinta e quatro peças de fato. Lavrou-se um termo, no qual se refere em detalhe qual é o fato que nós, obrigados pelas circumstancias, temos dado indevidamente aos Mambos e Fumos.

Julho 22. — Ficámos no mesmo sitio para diligenciar a compra de viveres. De madrugada ouviu-se um grande arruido na povoação, e em seguida vieram entregar um negro pertencente a Candido Cardoso, o qual foi apanhado roubando na Mossumba do Mambo. Para accommodate o Milando foi preciso dar-se um quarto de Zuarde e uma Ardian; e foi n'esta occasião que conhecemos ser sincera a amisade do Mambo aos brancos, porque se não fosse isso, teríamos, segundo o costume, que pagar muita fazenda, por ter sido apanhado o ladrão em flagrante, e de mais a mais na Mossumba. O negro foi castigado com chibatadas, e mettido na gargalheira com mais dois que o capitão dos mesmos escravos designou como socios; e este é o mesmo que foi castigado em Lunda por ter sido apanhado furtando milho na varzea do Muata.

Mandou o Mambo uma porção de mantimento e dois escravos pequenos, a que se recompensou com cinco quartos de Zuarde. Em virtude da representação do destacamento pagou-se aos quatro soldados europeus o mez de Fevereiro, e ao resto do destacamento seis pannos a cada praça por conta do mantimento dos meses de Fevereiro até Abril inclusive, que se lhes deve. A carestia de viveres é muito grande, temos por isso gasto muita fazenda; todavia já cessou a fome: entretanto não é possível acabar fornecimento para o caminho.

Apesar da vigilancia que tem havido na distribuição e uso dos alimentos, ella tem sido illudida, resultando d'isto que os imprudentes têm pago cara a sua impaciencia, porque, devorando o milho meio cosido, ou apenas molhado, este produziu nos seus estomagos debilitados fortes colicas, e alguns dos individuos atacados estão em perigo.

Julho 23. — Continuamos no mesmo sitio. Mandaram-se ao Fumo Intuca quatro peças de fato, para ver se alli se pode comprar algum mantimento. Os portadores chegaram de tarde, e deram parte de que o Fumo era morto de bexigas, e trouxeram uma pequena porção de mantimento. Mandaram-se dois quartos de Zuarte de despedido ao Mambo.

O commandante vai com rapidas melhorias.

III.

Julho 24. — Continuámos a marcha para L., e a meia legoa tomámos o rumo de SSE.; passámos o regato Cufifi, que corre para O. com duas braças de largo e uma e meia de alto, e á avante uma legoa perdeu-se o caminho, e tiveram de andar a corta-matto, e depois de marchar uma legoa achámos o caminho trilhado, que seguimos com o rumo de L. por meia legoa; e foi então que achámos o verdadeiro caminho, que seguimos para SSE. uma legoa, e chegámos à margem do rio Ruareze; continuando a jornada costeando-o meia legoa, chegámos á Mossumba do Fumo Muemba Carumbo, que está na margem do mesmo rio; e próximo a elle formou-se o campo. Esta povoação é grande, mas é a unica que aqui se encontra, e o Fumo é subordinado ao Chifunso. Enviou-se a Chipata, constante de duas peças de fato, e mandou-se pedir um guia, que veiu logo, e a quem se deu um quarto de Zuarte. Houve parte de terem ficado na Mossumba do Chifunso cinco escravos, sendo dois com cargas, que todos se esconderam durante a marcha, e disseram a um negro que os encontrou e deu a parte, que ficavam alli por-

que não periam morrer de fome no caminho. Comprou-se hoje alqueire e meio de milho por quatro peças de fato.

Julho 25. — Chegou um dos negros com carga que hontem faltaram, e diz que não sabe dos mais. Mandou-se gente para a retaguarda em procura dos que faltam, e levaram duas peças de fato de boca ao Mambo, e fazenda para as despezas que fôrem precisas.

De tarde chegou a gente da diligencia com o negro e carga que faltara, e uma negra de um soldado; porém esta, quando já vinha com a escolta, poude-se evadir segunda vez, e foi, correndo, quebrar Mitete, fazendo em bocados uma panella e uma cabaça de um Muemba, pelo que foi-nos mister dar mais meia Ardin para accommodar este Muemba, com o que se contentou por ser da Mossumba do Mambo, e este mesmo ter mandado que se lhe desse sómente esta porção de fazenda.

Explicarei agora o que se chama quebrar Mitete. Em toda esta parte da Africa oriental é costume dar protecção ao negro, livre ou escravo, que a procura, no caso de ser opprimido por um perseguidor, ou por um senhor de quem não quer ser escravo, ou por qualquer poderoso, ou de achar-se exposto a morrer de fome. Para obter esta protecção basta que quebre algum utensílio, ou que rasque qualquer panno, por mais insignificante que seja, pertencente àquelle de quem espera soccorro; e isto faz sem proferir palavra. É o novo senhor quem pergunta ao que a elle se acolhe se é escravo ou forto, e o motivo por que quebrou Mitete. E então o antigo senhor, ou perseguidor, já o não pode haver á mão sem que pague um resgate, que geralmente é equivalente a mais do dobro do seu valor; isto é, do valor de um escravo. Os usos cafríes protegem o novo senhor.

Nos nossos estabelecimentos de Rios de Sena acontece muitas vezes virem os negros livres quebrar Mitete aos portuguezes para serem seus escravo. Entao o novo senhor manda ao Dumpse uma peça de fato, uma braça de Samater, e um frasco

de aguardente, para lhe dar parte da occorrecia: com isto adquire o direito de propriedade, com a unica condiçao de não poder vender o novo escravo para fora do nosso territorio. Entretanto tem-se abusado d'este costume, vendendo-se os que assim se apresentavam da mesma forma que os comprados no sertão.

N'esta parte da Africa as fomes são muito frequentes, e fazem estragos terríveis, que se experimentam em umas terras mais do que n'outras, e então affluem gentes dos territorios que soffrem àquelles onde ha mantimentos, os quaes compram por tudo quanto possuem, inclusive pela propria liberdade, fazendo-se escravos de quem lhes dá sustento. A final este mesmo concurso vem a produzir alli a fome, porque os habitantes, cegos de ambição pelo lucro, vendem tudo que têm, e depois, sentindo falta, vao comprar mantimentos a outras partes. É n'estas circumstancias, principalmente, que acontece frequentes vezes que negros numerosos de ambos os sexos vão procurar a protecção do dono de uma povoação onde ha alimentos, a qual imploram, dizendo que têm fome, e que querem ser seus escravos. Se elle os accepta e os quer sustentar, ficam sendo escravos, e os parentes d'elles, ou o senhor, se já o tem, deixam de ter d'alli em diante dominio algum sobre elles, porque são julgados mortos pela fome; porém, se os querem haver, é preciso resgatá-los a contento de quem os sustentou, cujo resgate é avaliado segundo o grão da fome que houve. Chamam a estes, escravos de fome.

O Mambo mandou dizer que se por lá apparecessem alguns negros os mandaria entregar. Compraram-se quatro alqueires de milho por quinze pannos e meio, que são sete mil setecentos e cincuenta réis fracos, ou tres mil e cem réis fortes. Este mantimento, com muita parcimonia, pode chegar para tres dias.

Julho 26. — Esta noite fugiram cinco escravos novos pertencentes a diferentes pessoas. Por este motivo o commerciante Paulo pediu para demorar-se aqui, o que lhe foi concedido.

Continuámos a marcha para SSE. duas legoas, e passámos o rio Ruanceze, que corre para O. com quatro braças de largo e tres de alto, e a uma legoa à vante d'elle passámos pela Mossumba do Fumo Luanga, a unica que ha n'este sitio: tem umas quarenta palhotas; e à vante d'ella meia legoa passámos o regato Nongue, que corre para o N. com duas braças de largo e meia de alto, e d'àquem d'elle formou-se o campo. Tem-se comprado algum mantimento, mas mui pouco e carissimo.

Formou-se aqui o campo, por dizerem os guias que não havia agua senão a grande distancia, e posto que aqui mesmo a não houvesse, todavia appareceu quando se abriram covas no leito do regato. Chegou o commerciante Paulo.

Julho 27. — Continuámos a marcha para SSE. tres legoas, e passámos o regato Mandoe, que corre para o N. com duas braças de largo e dois palmos de alto, e a legoa e meia à vante d'elle passámos o regato Chifuiza, que corre para O. com duas braças de largo, mas sem profundidade notavel; e a uma legoa d'elle encontramos uma povoação com umas cinco palhotas de Muizas, e proximo a ella formou-se o campo.

Depois que saímos dos dominios do Cazembe e entramos no deserto, principiou a fome a fazer-se sentir. Os escravos novos que trazemos vêm pela maior parte em gargalheiras, conduzindo cargas que se lhes distribuem cada dia pela manhã, e marcham escoltados até se acampar. Muitos dias se têm passado sem que tenhamos nada para comer, tanto aquelles que marchamos soltos, como os que vêm presos, mas n'estes ultimos são mais sensiveis os effeito da fome: nos primeiros dias, os de constituição mais fraca, e os mais debilitados, quando o calor os apertava, deitavam-se no chão pedindo com instancia que os matassemos. Estas scenas cortavam o coração. Se os largassemos no deserto, tinham a morte certa; mata-los, seria barbaridade; alimenta-los, não havia com quê: por fim assentámos em os abandonar, porque de todos os males era o menos cruel.

Entre estes escravos havia um bastante forte e robusto, o qual, desde que se abandonaram os primeiros, entrou a deitar-se no chão sem querer andar, e assim embaraçava absolutamente a marcha. Para o fazer caminhar foram-lhe dadas varadas, mas sem resultado. Elle não queria outra cousa senão que o largassem. Por fim, não se contentando só com o máo exemplo que dava, por-se a dizer aos mais que fizessem o mesmo; e lançou a mão á bayoneta de um soldado que estava desapercebido, e com ella o teria atravessado a não se acudir com promptidao, e com dificuldade se lhe tirou a bayoneta, sendo preciso para isso dar-lhe algumas chibatadas. No mesmo dia, porém, deitou-se com os mais da gargalheira em que ia. Enfao, depois de muitas ameaças, sem fructo algum, não houve outro meio senão o de manda-lo fusilar á vista de todos para exemplo; que effectivamente foi efficaz, porque nunca mais se deitaram senão os que realmente não podiam andar pelo seu estado de fraqueza.

Estes acontecimentos têem sido dos mais horrorosos que na minha vida tenho presenciado. Gente inocente e sem culpa alguma, conduzida presa, carregada, e sem alimento. E nós não tendo meio algum de lhe poder valer, por não ser possivel abandonar as cargas que transportam. E obrigados ainda a ouvir continuamente gemidos e ais dolorosos, que aumentavam os nossos proprios sofrimentos, causados por tantas tribulações, pela fome e pelo cansaço. Nada ha que se possa comparar com estas scenas de angustia e afflictão.

Julho 28. — Pela manhã houve parte de terem desapparecido os guias. Continuamos a marcha, dirigidos pela agulha, com o rumo de SSE., e a duas legoas e meia passámos o rio Canxevia no mesmo logar da ida, e não achámos outra diferença senão a de levar mais cabedal de agua; e adiante d'elle uma legoa passámos o riacho Cabulambuça tambem no mesmo sitio, e achámos-lhe a mesma diferença; ávante d'elle meia legoa, na sua margem, formou-se o campo.

Julho 29. — Prosseguimos a nossa rota para SSE. duas legoas, e passámos o riacho Canuampungo no mesmo sitio da ida; ávante d'elle duas legoas passámos outro, por nome Pongo, que corre para NNO. com duas braças de largo e tres de alto; e tendo marchado meia legoa, passámos o rio Ruitiquira no mesmo sitio da ida, o qual agora vae muito mais caudaloso e corre com grande força, e atravessámo-lo com agua pela cintura. Na sua margem vimos rasto de cavallos marinhos. N'este sitio estao algumas palhotas de Muizas, os quaes tñem uma vida nomada, sustentando-se de fructos e raizes silvestres.

De tarde ouviram-se Tunguros da outra banda do rio, e mandando-se indagar a causa d'elles, soubemos serem dados pela chegada do Fumo Simucamba, da nação Muembas, o qual voltava ao seu districto depois de ter ido levar o tributo ao Mambo Chiti-Muculo. Elle, tendo noticia de que a expedição estava aqui, mandou pedir alguma cousa, e tambem que àmanhã fossemos ficar á sua Mossumba. Somente se lhe enviou um quarto de Zuarde. Faltou um negro do commandante, que conduz um Quitundo com cem pannhos de fato, tres peças de Lopa, uma peça de chita portugueza e um capote; tudo do mesmo commandante.

N'este lugar fazem os Muizas e Muembas sal, que vendem carissimo, e que extrahem de certas plantas muito similhantes ao perrexil (chritinum), que nascem nas margens dos rios de agua doce, e com grande abundancia nas d'este. O processo da extracção faz-se pela maneira seguinte. Colhidas as plantas, mesmo verdes, são queimadas e depois reduzidas a cinza; lança-se esta em água, onde se conserva de infusão alguns dias; depois filtra-se a agua em panellas rachadas, e é posta ao lume, sobre o qual se conserva até ter sido sufficientemente evaporaada, do que resulta um resíduo cor de rosa, que é deitado em vasilhas de barro, onde crystallisa passados alguns dias. Depois quebram-se as formas e apparece o sal em pedras massicas e rigissimas, que com muita dificuldade se podem quebrar.

Este sal é muito fino ao tacto e muito claro, todavia as suas qualidades salinas são muito fracas, precisando-se proporcionalmente maior porção d'elle que do sal commun para produzir igual efecto; por exemplo, uma salga, que se faz com uma libra de sal marinho ou mineral, precisa de tres libras, sendo feita com o dito sal. O sal mineral é extraido da terra que rapam da superficie do solo nos sitios onde apparecem manchas brancas salitrosas que resumbram d'ella. O processo de fazê-lo é o mesmo, com a diferença, porém, de que em vez de cinza se faz uso da terra mencionada, e segue-se o mesmo methodo. Este ultimo sal é o que se consome mais em toda esta parte da Africa, onde não ha o marinho; é sofrível para tempero, e para as salgas optimo.

Juho 30. — Pela manhã mandou-se uma escolta em procura do negro e Quiaundo que falta; e a expedição, prosseguindo a marcha para SSE. duas leguas e meia, chegou á Mossumba do Fumo Simucamba, que está cercada de trincheiras e assentada á margem do riacho Mufutize. Ella é de pouca importancia. A cento e cincuenta passos ao S. d'ella formou-se o campo. As quatro horas da tarde chegou o Fumo á Mossumba, e foi recebido com toques de tambores e Tunguros. À noite voltou a escolta que foi em procura do negro e Quitundo, de que não houve noticia alguma. Mandou-se de despedida ao Fumo um quarto de Zuarte. Fugiram nove escravos do commerciante Paulo, que estavam presos n'uma garralheira, e com elles um dos guardas que tambem era escravo do mesmo.

Vae apertando a fome.

Juho 31. — Pela manhã deu parte o Muanamambo de terem fugido cinco escravos, e procedendo-se á investigação do costume, colhemos d'ella o seguinte. Ha umas poucas de noites tem-se feito pequenos roubos no acampamento, e ultimamente furtaram ao sargento do destacamento, entre outros objectos, dois pares de meias: um dos fugidos esta noite foi visto por

outros negros com uma meia, com que queria comprar manti-
mento, e perguntando-lhe elles onde a tinha ido buscar, des-
culpou-se dizendo que era um sacco e não meia; porém isto foi
divulgado entre elles, e o ratoneiro fugiu com receio de que o
caso chegasse á noticia dos commandantes, que têem prome-
tido uma peça de Zuarte a quem descobrir um ladrão. E sup-
pomos que os companheiros fugiram por serem conniventes
nos roubos. Todas estas circunstancias souberam-se hoje pelas
indagações que se fizeram.

Felizmente hoje mesmo compraram-se sete alqueires e meio
de milho por trinta e sete pannos e meio de fato de lei.

Continuando a marcha para SSE. por uma legoa, repassá-
mos o riacho Mufutize no mesmo sitio da ida, e tendo prosse-
guido avante, passámos mais tres pequenos regatos, de que
ignoro os nomes, porque na nossa vinda estavam secos; e
avante d'aquelle tres legoas chegámos á Muia Chinto-
Capenda, onde estivemos na ida. Este saiu-nos ao encontro
e correu a abraçar-me, levando-me para a sua palhota; e com
uma alegria ingenua apresentou-me uma grande gamela cheia
de Buale (massa), e n'uma tijela de barro uma posta de carne
de elephante cosida na gordura da mesma carne, que nao tinha
menos de quatro arrateis; comi um bom pedaço da massa mo-
lhada na gordura, mas, apesar da boa vontade e diligencia que
empreguei para comer carne, iguaria que ha muito não pro-
vava, não me foi possivel tomar-lhe o gosto, pela sua natural
rigeza, e fui obrigado a renunciar a tal desejo. Quando acabei
de comer pediu-me o nosso amigo Muia que desse o que ficava
aos soldados que vinham comigo, que eram os que formavam a
guarda da vanguarda da expedição. Estes não a acharam dura,
porque toda foi tragada, mas estou bem persuadido de que não
foi mastigada. Por mais diligencias que fiz para que o Chinto-
Capenda aceitasse uma peça de fato que eu lhe offerecia, não
foi possivel faze-la receber; e disse que tendo noticia da nossa
chegada, mandara fazer aquelle comer para nos dar, porque

ouvira dizer que vinhamos com muita fome; que era a amizade que o impelia a isso, e não o interesse; e que se eu era seu amigo, bastava que lhe prometesse lembrar-se sempre d'elle, que esta era a recompensa que queria.

Contei ao commandante e aos nossos companheiros a generosa amisade e hospitalidade d'este Muiza, o que a todos interneceu de reconhecimento.

A expedição acampou no mesmo sitio onde esteve á ida para o Cazembe. Tem-se comprado pouca porção de mantimento, mas caríssimo.

IV.

Agosto 1. — Pela manhã despediu-se para a frente o famulo do interprete e tres negros com cinco peças de Zuarte, e vinte meias Ardians, para, nas povoações dos Muizas que estão sobre a serra Muxinga, e onde ainda não chegou a guerra, diligenciarem a compra de mantimentos, porque, segundo as notícias e informações que nos deu o nosso amigo, pelo caminho que nos indicou ha povoações e mantimentos. Levou mais um quarto de Zuarte para dar de boca ao Mambo Muiza Calavica. Todas estas providencias são necessarias, porque os cafres, estando reunida toda a expedição, vendem o mantimento muito caro pelo numero da gente que conhecem ter precisão d'elle.

Pela manhã prosseguimos a marcha para OSO., e costeando a serra Muxinga pelas suas faldas duas legoas e meia, passámos um regato, de que ignoro o nome, que corre para NE. com duas braças de largo e uma de alto, e tomámos o rumo de SSO., com o qual marchámos uma legoa. Principiámos então a subir a serra, atravessando montanhas, por uma passagem de trilho suave, em cujos lados se eleva a serrania. Começámos a subida com o rumo de SSE., e tendo passado alguns pequenos regatos com agua e marchado em subida legoa e meia, passámos outro regato, que corre aqui para SE.

com dois palmos de largo e um de alto; e á quem d'elle formou-se o campo. Desde que entramos na serra tem sido o caminho por desfiladeiros e valles, mas sempre por deserto, e temos visto continuamente o rasto de Pemberes (Abadas ou Rhinocerontes).

Como a expedição chegou tarde e a gente muito cançada pela marcha da serra, não se fez trincheira, como é costume construir todas as vezes que acampamos, e por isso ficou o acampamento aberto. Esta trincheira é formada de abatizes, isto é, d'árvores cortadas e deitadas com a rama para fora, a qual deve ser bastante densa para resistir e obstar á entrada, tanto de gente como de feras, e deixam-se duas portas, onde ficam sentinelas. Ela é de forma circular, e pelo modo como é construída dá toda a segurança aos acampados.

Pela meia noite lancou-se um leão a um rancho de negros que estava na extremidade do acampamento, proximo ao regato, e que estavam cosinhando em torno do lume; mas como a esta hora ainda todos os negros se achavam acordados, logo que saltou houve uma grita geral, com a qual elle espantado se retrou, não se tendo podido apossar de um dos negros sobre quem saltou, porque, por acaso, no mesmo momento em que effectuava o salto, um outro negro passava entre o leão e o atacado, e foi o que passava quem recebeu o choque, de que apenas soffreu alguns rasgoes superficiaes pela barriga e verilha esquerda, sendo n'esta ultima parte mais profundos, todavia nenhum d'elles é perigoso. Pouco tempo depois sentiu-se o leão torneando o acampamento, e para prevenir novo ataque dobraram-se as sentinelas, e de espaço a espaço passavam palavra e davam um tiro de fusil. E não houve mais novidade.

Agosto 2. — Pela manhã prosseguimos a marcha, e eu recebi ordem para cobrir a retaguarda com a competente guarda. Caminhámos para SSE. duas legoas e meia, e depois mudamos para SSO.; e tendo assim andado meia legoa subimos outra cordilheira mais elevada da mesma serra, a qual aqui

corre Norte-Sul, e tomamos a direcção de SO., com a qual caminhámos meia legoa, e tornámos a andar para SSO. Um pouco mais adiante encontrámos uma pequena lagôa, e na margem d'ella formou-se o campo. Todo o caminho tem sido por desfiladeiros em subida.

Falta um negro pertencente ao commerciante Paulo. Dá cuidado o seu estravio n'esta terra por causa das feras.

Agosto 3. — Continuámos a marcha para SSO. tres legoas e meia; depois caminhámos para SSE., e pouco havíamos andado quando passámos um pequeno regato sem importancia, de que ignoro o nome, e na margem d'elle formou-se o campo. O caminho continua a ser e msubida e deserto.

Agosto 4. — Proseguindo a nossa marcha para SSE. uma legoa, encontrámos uma pequena Mui, mas n'ella não havia gente. Começa o caminho a atravessar a serra, e tendo andado no mesmo rumo meia legoa, seguimos depois para SO. outra meia legoa, e passámos o rio Mutinondo, que por um leito de rocha corre para o S. com dez braças de largo e seis de alto, e a legoa e meia ávante d'ella passámos um pequeno regato, de que ignoro o nome, e na sua margem formou-se o campo. Toda a marcha de hoje tem sido através da serra, por caminho desigual, em subidas e descidas, e a cumiada por onde marchámos tem terrenos bastante planos e extensos, mas não Dambos.

Agosto 5. — Pela manhã seguimos ávante para OSO., e tendo andado duas legoas passámos outra cordilheira pertencente á mesma serrania, e proseguindo com o mesmo rumo uma legoa, chegámos á Mossumba do Mambo Muiza Calavica, e a trescentos passos ao N. d'ella acampámos. A povoação é grande bastante, e proximo a ella ha outras muitas que estão pelos valles. Maudou-se a Chipata ao Mambo, que foi meia peça de Carlanganim e quatro quartos de Zuarte.

Foi-nos apresentado, para ser vendido, um dente de marfim com o peso de vinte e dois arrateis, o primeiro que vimos

desde que saímos do Cazembe, e pediam por elle vinte peças de fazenda, que, pelo menos, são cincuenta pannos, no minimo valor de vinte e cinco mil réis fracos, ou dez mil réis fortes, e por isso ninguém o quiz comprar. Faltou um negro do comerciante Paulo. Felizmente ha aqui abundancia de viveres, e não são demasiadamente caros, mas por elles querem somente fato. Reuniu-se á expedição o famulo do interprete com a gente que o acompanhou, e deu parte de ter comprado uma Quitura (tulha) de milho em espiga. Graças á Providencia, que por em quanto cessou o flagello da fome.

Agosto 6. — No mesmo sitio para restaurar as forças.

Agosto 7. — No mesmo sitio. Mandou o Mambo tres cestos de milho e uma cabra, o que se lhe agradeceu com um quarto de Zuarte e meia Ardian.

Em toda esta parte da Africa usa-se da carne de cabra como de outra qualquer. É muito boa, principalmente estando a cabra prenhe ou sendo esteril.

Agosto 8. — No mesmo sitio. Mandou o Mambo ao commandante um dente de marfim, o qual é o mesmo que viera a vender, com o recado que era em signal de amisade e correspondencia que queria tem com os Mozungos, a quem offerecia os seus dominios, e onde elles achariam toda a franqueza e segurança.

Como o commandante já não tem fazenda, deu-lhe de recompensa quatro quartos de Zuarte e meia Ardian, tudo pertencente ao comerciante Cardoso, para quem deu o marfim. Note-se que os negros, a maior parte das vezes, não levam em conta o tamanho das peças de fazenda, e só sim o seu numero; motivo por que, havendo de dar-lhes duas peças de fazenda, tanto contam duas meias Ardians, como dois Zuartes, e por isso aquellas se partem ao meio, e estes em quatro.

Este Mambo é um dos melhores que temos encontrado. Tem-nos feito muito bom acolhimento, e dado boa hospitalidade.

Mandou-se um quarto de Zuarde ao Mambo de despedida, com a participação de que a expedição marcha ámanhã. Não é possível fazer fornecimento de viveres por não haver quem os conduza; e o mais que se poude fazer foi sobre-carregar as cargas, aumentando cada uma com um pequeno taleigo de milho.

Agosto 9. — Pela manhã continuámos a nossa marcha para SSE. legoa e meia; depois andámos para NE. meia legoa; em seguida caminhámos para L. uma legoa, e depois seguimos a direcção de SSO., marchando legoa e meia; e chegando a uma povoação de Muizas, proximo a ella acampámos. O caminho continua a ser por cima da serra, atravessando-a; e estas voltas e mudanças de rumo são efecto da irregularidade do terreno. Faltou a recolher ao campo um soldado da guarda da retaguarda, que o commandante d'ella havia mandado á retaguarda procurar um negro doente que se tinha deixado ficar. Faltaram tambem tres escravos dos commerciantes.

Agosto 10. — Pela manhã foi mandado o commandante da guarda da retaguarda, que hontem esteve de serviço, e um soldado para procurarem o soldado que faltou. Continuámos a marcha para SSE., e caminhando duas legoas passámos um regato de que ignoro o nome; corre para O. com duas braças de largo e meia de alto. Começámos aqui repentinamente a descer a serra.

Sendo preciso gastarmos uns poucos de dias para sair do deserto, é necessário aproveitar o tempo para a marcha, a fim de que as provisões de viveres cheguem, se fôr possível, para o caminho. Se não houvesse este motivo acamparíamos aqui no mais alto da serra, onde o observador pode gosar do ponto de vista mais pittoresco e admirável que se pode imaginar. O sol já declinava quando aqui chegámos, e por isso não era a melhor hora de observar, porque os seus raios nos feriam quasi de frente. Entretanto dominavamo com a vista uma extensão immensa que se perdia no horizonte; não distinguímos os arvo-

redos, porque nos pareciam mattos rasteiros: esses extensíssimos Dambos, que ao passarem-se parecem o oceano, vistos d'este ponto assemelham-se ás eiras em que se debulha o trigo, de diversos feitos e grandezas; os corpolentos arvoredos que orlam os rios apresentavam-se como fitas de verdura, e apenas distinguiamos os cursos das aguas pelo nevoeiro que a força do sol fazia levantar em vapor. Não havendo, porém, tempo a perder, forçoso foi, posto que com pouca vontade, deixar este bello e variado ponto de vista. Continuamos, pois, a andar com o mesmo rumo de SSE. duas legoas, sempre em descida, e chegámos á planicie, ou antes a um valle; e na margem de um arroio formou-se o campo.

A serra Muxinga, n'este sitio, é muito ingreme; e talvez que não tenha menos de uma legoa de altura perpendicular acima do nível do mar. Ella é ainda hoje habitada nos seus planaltos, e disseram-me que em outro tempo fôra muito povoadas e cultivadas. Vi-a sempre coberta de nevoa, mas nunca lhe achei signal algum de neve ou de gelo.

A altura que lhe calculo parecerá, talvez, exagerada; todavia não me parece que o seja. Eu estava muito costumado a ver a serra da Lupata do Zambeze, que é uma das maiores cordilheiras que tenho visto, e estava persuadido de que não acharia n'esta parte da Africa outras mais altas; mas agora penso o contrario, porque esta é uma anã comparada áquella serra gigantesca.

A Lupata é uma massa de serranias que se ramificam pelas terras portuguezas de Tete, pelas dos Maraves, e pelas do Monomotapa, etc.; mas a serra Mexinga está só e isolada, e atravessa uma imensa extensão de sertão, geralmente com a direcção de Norte-Sul. Ordinariamente, quando nos aproximámos a uma montanha desde muito longe já principiamos a achar terreno desigual, porém quanto á serra Muxinga tanto de um lado como do outro o terreno a ella adjacente é plano, e de repente começa-se a subir com mais ou menos declive.

Na parte occidental d'esta serra só nas terras do Cazembe é que vi pequenas montanhas, que supponho não terem ligação alguma com esta, e d'este lado oriental ha nas terras dos Chevas a serra Muxingue: e posto que esta também seja isolada, contudo, tanto pela direcção como pela distancia em que está da Muxinga, pode fazer-se a mesma hypothese. Entretanto talvez que d'esta haja alguma ramificação para aquella, mas inclino-me ao primeiro caso.

A serra Muxinga é coberta de arvoredo; n'ella se vêem pedreiras, porém não rochedos escalvados: nos seus arvoredos não notei espécies novas, nem vi em toda ella palmeira alguma, planta que se acha mui frequentemente nas terras baixas, isto é, a palmeira tamareira silvestre, a que os cafres chamam Canjéza: esta espécie de palmeira é pequena, geralmente não excede a vinte palmos de altura; todavia algumas ha mui altas, mas isto não é vulgar; os seus fructos formam cachos, e são umas tamaras do tamanho de azeitonas, porém sem polpa alguma, e apenas têm a pelle sobre o caroço: em tempos de fome os cafres comem, ou antes roem este fructo, e em todo o tempo, comem o olho da palmeira, que não deixa de ter bom gosto. Ha outra espécie de palmeira brava no sertão, a que os cafres chamam Mediqua: esta espécie é geralmente muito alta e dá uns cachos de côcos mais pequenos que os cocos mansos, que os cafres não comem, mas chupam-lhes a casca, que é bastante grossa e toda composta de fios sobrecarregados de um succo gommoso amarello com o sabor doce; dentro ha uma noz rigíssima com uma amendoa branca e oca, que não tem prestímo algum. Os cafres, depois de terem chupado a casca, enterram a noz que tem dentro, e passados alguns meses, e antes que ella germine, cavam a terra e arrancam a noz com a sua raiz ou espigão, o qual tem ordinariamente palmo e meio de comprido e uma pollegada de grossura. Esta raiz serve-lhes de alimento, assada, cosida, ou frita em massa, e é bastante sabo-

rosa, porém é alimento muito indigesto, principalmente para os europeus: a esta raiz chamam Musalémue.

Tornando á serra Muxinga, direi que é a mais alta que tenho encontrado n'esta parte da África. Fora do trilho por onde caminhavamos ella tem em grande extensão precipícios de uma altura prodigiosa. Já fallei d'esta serra em outro capítulo d'este Diario.

Agosto 11. — Pela manhã continuámos a marcha para SE. já fora da serra, caminhando uma legoa por terreno ondulado, sendo por isso o caminho desigual, mas não ha montes, e passámos um riacho de que ignoro o nome, o qual corre para O. com quatro braças de largo e uma de alto: d'aqui andámos para L. uma legoa, e depois caminhámos para SSE. legoa e meia por um arido terreno; e chegando a uma pequena lagôa, ahi acampámos na sua margem.

Com a guarda da retaguarda recolheram os soldados que estavam em diligencia.

Desde a povoação do Chinto-Capenda tenho sido eu que com a agulha tenho guiado a expedição.

Agosto 12. — Pela manha seguimos a marcha para L. por tres legoas, e perdendo o caminho seguimos a corta-matto para SSE., e andando uma legoa chegámos á margem de um regato de que ignoro o nome, e na margem d'elle acampámos para mandar procurar o caminho.

Hoje encontrámos um elephante que descobrimos a trinta passos de distancia, estando com a cauda voltada para nós; porém sentindo movimento levantou a tromba, virou-se logo para o caminho por onde íamos, e vendo a guarda da vanguarda foi-se retirando a passos vagarosos. Se eu estivesse sómente com a guarda, ter-lhe-ia atirado sem receio algum, e devia esperar o melhor resultado; porém como estes quadrupedes nunca caem logo, e depois de receberem a bala avançam sempre sobre o logar onde vêem o fumo, e destroem tudo quanto encontram, foi esta a rasão por que não lhe atirei, com receio

do estrago que faria na expedição, e sobre tudo nos escravos que vêm presos nas gargalheiras.

Recolheram os soldados que tinham ido em procura do caminho, e deram parte de terem encontrado Muizas que lh' o indicaram.

Agosto 13. — Pela manhã prosseguimos a marcha para ESE. legoa e meia; depois mudámos para o S., mas perdemos logo o caminho por causa da altura da palha, que provém de uma sorte de graminea similar à especie a que em Portugal chamam Balanco, que aqui cresce muito. E tendo caminhado assim legoa e meia, chegámos á margem do rio Parmaze, e costeando pela sua margem tomámos então a direcção de SSE., com que fizemos duas legoas e meia, e acampámos na margem d'este rio, o qual tem um leito considerável, e no tempo das chuvas deve ser muito caudaloso, porém agora apenas tem uma pequena veia de agua, em que não pode navegar nem mesmo uma pequena almadia: as suas barreiras são bastante altas, e não mostram vestígios de que as aguas trasbordem muito nas enchentes, o que talvez seja uma das causas, reunidas á qualidade arenosa do terreno, que tornam estereis os terrenos adjacentes ás suas margens.

Estamos outra vez em um aspero deserto.

Agosto 14. — Continuámos a marcha, passando o rio que corre aqui para o N. com cento e cincuenta braças de largura e seis de altura de barreiras, e seguimos o rumo de SE., com que andámos cinco legoas, e fomos encontrar o mesmo rio, e na margem d'álém d'elle vimos pousadas nas arvores muitas Mugoras, que são os Urubús do Brasil, ou Abutres, de cabeça calva, o que indicava que havia no vizinho terreno algum animal morto pelas feras, mas que estas ainda o não tinham abandonado. Esperámos, pois, que se reunisse mais gente para irmos tirar a presa do poder dos apprehensores, que supozemos serem leões, do que bem depressa nos certificámos, porque lhes ouvimos os rugidos, que indicavam haver alli mais

de um. Como ainda tinhamos pouca gente para accommette-los á viva força, aproveitei a vantagem de estarmos da parte do vento, que estava fresco, e mandei deitar fogo ao matto, mesmo porque receei que o Chimancata, ficando desamparado, recebesse algum insulto do rei do deserto. Como a palha era alta e estava sêcca, foi n'um momento que o fogo deu logar a ver-se a caça, que julgavamos achar assada, e com bastante magoa só vimos um esqueleto, e tão limpo que parecia terem os ossos sido raspados. Era de um Chefo, pequeno quadrupede da familia das Antilopes, do tamanho do veado.

Como a expedição se demorasse, formou-se o acampamento n'este mesmo sitio. Ella chegou tarde, porque tendo visto bandos de Mugoras em diferentes partes, os negros partiram para os logares onde appareciam, a fim de procurarem alguma carne.

Havendo n'esta terra muita caça e muitos leões, estão estes continuamente a fazer presas, e logo que isto ocorre apparecem os Urubús, os quaes, em quanto os leões comem, estão de largo, pousados sobre as arvores, ou esvoaçando por cima das presas; e quando os leões se retiram, vão então comer os despojos. A experientia do sertão tem feito conhecer estas particularidades, de sorte que em se vendo estas aves no ar e nas arvores, tem-se a certeza de que ha alli animaes ferozes que ainda estão devorando as presas; porém quando elles se levantam do chão e tornam a descer para elle, é signal de que as feras se retiraram e que só as Mugoras estão de posse da caça. Estas aves avistam-se de muito longe, e por elles se guiam os viajantes ao logar em que está a presa, e elles com facilidade afugentam os leões, que aqui não accommettem o homem, nutrindo-se somente de quadrupedes, de que ha grande abundancia. Hoje, porém, a nossa gente não foi mais feliz do que eu, porque acharam apenas os ossos sem carne alguma.

V.

Agosto 15. — Pela manhã achou-se fora do acampamento o esqueleto de um Chefo, que, durante a noite, havia sido devorado pelos leões; e estando a quinze passos da trincheira as sentinelas não deram notícia do caso, sendo certo que não dormiam.

Continuámos a marcha para SE. legoa e meia, e passámos por uma pequena povoação de Cundas, e tomado o rumo de SSE., uma legoa avante passámos o rio Pamaze, á quem do qual acampamos a duzentos passos a L. do campo que ocupámos em 10 de Setembro do anno passado.

Desde a primeira Mui de Cundas continuámos a encontrar pequenas povoações dos mesmos povos, porém insignificantes e sem culturas. Elles alimentam-se de caça e pesca e já os havemos mencionado na nossa ida. Esta terra pertence aos dominios do Mambo Cazembe-Muiza.

Pelas nove horas e meia da noite mandaram-se os quatro soldados europeus, o commerciante Paulo Leonardo e alguns negros ao logar onde foi sepultado o nosso companheiro Joaquim dos Santos Montalvo, para recolherem os seus ossos, a fim de serem conduzidos para Tete. As onze horas e meia chegaram com elles, e foram acondicionados n'um caixote para serem assim transportados.

Agosto 16. — Pela manhã continuámos a marcha para SSE., e feitas tres legoas passámos o rio Duroéca, que corre para SSO. com quarenta braças de largo e oito de alto, mas agora tem a agua estagnada; e tomámos o rumo do S.: e caminhando legoa e meia chegámos á margem do rio Aruângoa, que atravessámos no mesmo logar da ida. Elle leva presentemente mais agua do que quando o passámos anteriormente, mas não tanta que possa ser navegavel senão por almadias. Acampámos na margem d'elle, no territorio portuguez de Marambo.

De Lunda ao rio Chambeze gastámos vinte e nove dias de

marcha, em que andámos noventa legoas e meia; d'este rio ao Aruângoa gastámos vinte e dois dias, e caminhámos oitenta e oito legoas, o que tudo faz o total de cincoenta e um dias de marcha e de cento setenta e oito legoas de caminho, sendo geralmente deserto o paiz que atravessámos.

O commandante da guarda da retaguarda deu parte de ter encontrado um dente de marfim abandonado no caminho; este dente era conduzido por um dos carregadores da Real Fazenda, o qual fugiu. Era este o unico escravo que existia dos que saíram de Tete com a expedição, e que eram pagos pela mesma Real Fazenda. Agora apenas restam alguns dos que João Pedro mandou ao Missale.

29
The author wishes to thank Dr. J. R. G. Williams for his help in the preparation of this paper.

C A P I T U L O X.

Descripção dos usos costumes, etc,
dos povos Muembas, Auembas, ou
Moluames.



и вижу я в твоем

тих движеньях лица и в выражении
твоих глаз, как будто бы ты
вспоминаешь



I.

Pouco posso dizer com exactidão d'estes povos, porque só de passagem transitei pelo territorio que ocupam, o qual conquistaram aos Muizas, e que está reduzido a um deserto. As noticias que obtive de uns, sendo combinadas com as obtidas de outros, sempre me apresentaram contradições. A força, porém, de muito trabalho e considerações conclui que o que mais se aproxima da verdade é o seguinte:

Estes povos vieram, segundo elles dizem, dos sertões situados ao ONO. do territorio do Cazembe; sendo notável que ha n'essa direcção um paiz conhecido pelo nome de Moluas, e que os Muembas se chamam a si mesmos Moluanes. Estes ocupam hoje todo o territorio que era dos Muizas até ás abas da serra Muxinga, onde ainda não se estabeleceram. Passam uma vida nómada.

Têm um Mambo a quem geralmente obedecem, ao qual dão o nome de Chiti-Muculo.

Os seus costumes são totalmente selvagens. Vivem da pilhagem e da caça. Parece que não têm religião alguma; nem mesmo se lhe conhece aferro aos usos supersticiosos, como entre

os mais cafres. Entretanto perseguem-se mutuamente por feiticeiros quando d'ahi lhes pode resultar interesse ou esperança de pilhagem. Os seus Mambos e Fumos vivem em toda a familiaridade com o resto da povoação. As armas de que se servem são arcos, frechas, machadas, e alguns tambem trazem aza-gaias, porém d'estas pouco uso fazem (¹). Nas suas guerras procuram sempre atacar por surpreza, em tumulto e sem tactica alguma. A povoação que vimos é pouco consideravel, mas dizem e confirmam os Cazembes que ella é numerosa na sua terra primitiva. A sua lingua é mui similhante á de Lunda; isto é, á lingua Messira ou Messila; ella é gutural, e por isso mais difficil de comprehender. Não observei entre eles industria alguma: e os instrumentos e utensilios de que usam, ou são roubados, ou comprados aos outros povos. Não fazem commercio. O seu caracter moral reune tudo quanto pode caracterisar um povo selvagem, faltando-lhes só serem anthropophagos. As suas mulheres são completamente escravas. Os filhos vivem em perfeita liberdade com os paes, porém as mães são tratadas por seus proprios filhos como escravas. Os Muembas são geralmente caracterisados pela sua má fé, ferocidade e espirito de rapina.

II.

Não têm hora certa de comer. Em qualquer hora e logar da povoação em que se acha um Muemba, ahi vae a mulher apresentar-lhe a comida, a qual elle reparte com os que estão presentes, e elle come tambem do mesmo modo que todos os outros cafres, fazendo-o com as mãos, e quando acabam limpam-nas á cabeça primeiramente, depois ao peito, braços e pernas.

Os Muembas são, em geral, de estatura regular e bem pro-

(¹) Veja-se a estampa XVIII.

porcionados, côn algum tanto fula, cabello encarapinhado, e comprido, que trazem todo cheio de bolas pendentes da catapinha, as quaes são feitas com o cebo e gordura que a ella estão limpando continuamente. A estas bolas dão uma côn escarlate com pós de pão Mucula, pela mesma maneira que o fazem os Muizas. A cabeça é oval, testa saliente, olhos encovados, faces proeminentes, nariz chato, beiços reversos, posição do corpo inclinada. Usam as orelhas furadas na extensão de tres a quatro linhas, e no buraco de cada uma d'ellas introduzem um cannudo de canna de milho ou de marfim. O seu vestuario consta de um pedaço de Nhanda segura á cintura por um fio ou corda mais ou menos grossa.

As mulheres têm os mesmos caracteristicos e vestem-se da mesma forma.

Os seus divertimentos favoritos são toques de tambores, danças guerreiras, e tambem cantigas, com que celebram as victorias que ganharam nos combates.

III.

Por mais diligencias que fiz para obter esclarecimentos sobre a historia primitiva d'este povo, não me foi possivel conseguir cousa alguma que tenha verosimilhança, além do que deixo transcripto.

Combinando eu o que me disseram os Muembas com o que ouvi aos Muizas sobre o modo como elles se apoderaram do territorio Muiza, tirei das duas versões o seguinte:

Foi em 1826 que principiou a guerra entre os dois povos, a qual teve por origem um roubo que fizeram os Muembas aos Muizas limitrophes. Estes tomaram vingança; mas aquelles, reunindo-se depois em força maior, caíram sobre os Muizas, tomaram e queimaram as primeiras povoações, mataram quantos encontraram, e no saque que deram acharam fazendas, mis-

sangas, etc. Attrahidos por estes despojos e animados pela primeira vantagem, e por saberem que os Muizas, como negociantes, possuam boas fazendas, juntaram-se em maior numero e começaram a invasão; e como ao principio, e na fronteira, acharam pouca resistencia, foram conquistando o paiz e destruindo quanto encontravam; ao passo que os Muizas, que estavam desprevenidos, se foram retirando, até que, tendo-se concentrado, começaram a resistir; mas então já os conquistadores se haviam tornado bastante fortes, de forma que em diversos combates ficaram os Muizas destruidos, e os restantes não podendo resistir, deixaram o seu vasto territorio inteiramente abandonado aos vencedores, que estão hoje de posse d'elle até á serra Muxinga, á qual ainda não subiram, talvez pelo pouco interesse que alli julgam achar.

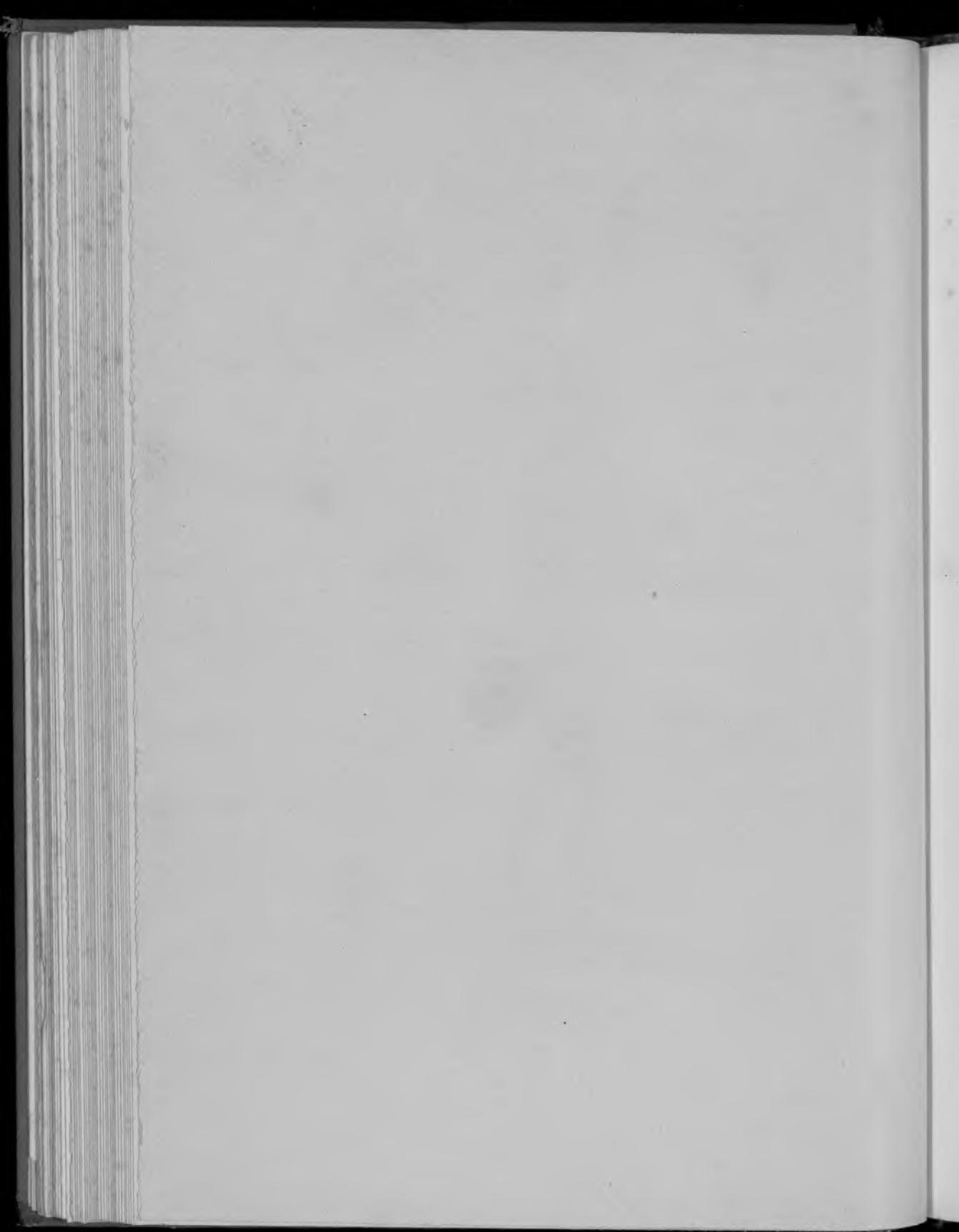
Os Muembas enterram os seus mortos sem apparato nem ceremonial algum. Não pude saber com individuação como celebram os seus casamentos; mas nas povoações que temos visitado observei que as mulheres dos Muembas são tidas e havidas como suas escravas, e são elles que fazem todo o serviço, ainda o mais grosseiro e penoso: julgo que não praticam ceremonial algum n'este acto, ou, quando o haja, não terá grande diferença com o que se faz entre os mais cafres. As suas habitações e alfaias são iguaes aquellas de que usam os mais povos vizinhos. Os Muembas fazem notável contraste com os Muizas, que lhes são muito superiores pela sua actividade commercial e caracter.

Farei agora algumas breves observações sobre o que se acha escripto a pag. 298 e seguintes das Memorias de Fêo, sobre Angola, etc. Tratando este auctor do governo do capitão general Saldanha da Gama, diz:

«Foi no seu tempo que se estabeleceu a communicação directa com a nação dos Moluas, por cujo intermedio se veiu a ter conhecimento da contra-costa. O projecto da comunicação das duas costas, oriental e occidental, da Africa, já tinha exis-



MUEMBA ARMADO E EM MARCHA





tido no tempo do governo de D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho (no meado do seculo ultimo), mas havia sido abandonado.»

E fallando do projecto principiado a executar em 1798, diz:

«Duas expedições deviam partir ao mesmo tempo para aquelle fim, de Moçambique e de Angola, a encontrar-se no sertão. A de Moçambique, dirigida pelo naturalista Lacerda, partiu com effeito do Rio de Sena, mas aquelle sabio portuguêz succumbiu á insalubridade do clima, etc.»

E referindo-se ao tenente coronel de milicias Francisco Honorato da Costa, que, residindo no presidio de Pungo Andongo, fôra encarregado pelo dito capitão general de abrir a comunicação de Angola com Moçambique atravez do sertão, o que efectivamente praticaram dois Pombeiros, ou agentes commerciaes, do mesmo tenente coronel, que partindo de Angola em 1806, e demorando-se entre os Moluas e Cazembes, chegaram a Tete em 1811, d'onde voltaram pelo mesmo caminho; continua o mesmo auctor, dizendo: «Que por via do dito tenente coronel se soube que o Jaga Cassange, o mais oriental dos potentados vassallos da corôa portugueza, confinava com outro maior, ao qual impedia todo o trafico directo com os portuguezes, para conservar o monopolio, de que tirava grandes lucros, usando de varios ardis para conter o Muata Yambo (nome d'aquelle potentado), cujas forças temia.»

Mais abaixo continua:

«Logo que o governador soube estas particularidades ordenou a Francisco Honorato de se informar da posição da nação Molua.»

Fallando mais adiante dos embaixadores Moluas, mandados a Loanda em 1808 pelo Muata, diz:

«Aquellos negros tinham as barbas compridas, a cabeça adornada com uma grande trunfa de pennas de papagaio pardas e encarnadas, os braços e as pernas cobertos de anneis de cobre, de ferro e de latão; ao tiracol, pendente de uma pelle

torcida de macaco feroz ('), um largo Mucuale ou facão ('), assaz bem trabalhado; na mão esquerda uma azagaia, na direita um rabo de cavallo, etc., etc.»

Mais abaixo acrescenta:

«Os Pombeiros disseram que a nação dos Moluas era já algum tanto civilizada; que a Banza do Muata era arruada, e borridada no tempo do verão para mitigar a ardencia do sol e evitar a poeira; que tinha uma especie de terreiro publico para guarda e distribuição regular dos mantimentos, e muitas praças ou largos consideraveis, etc., etc.

Mais abaixo lê-se:

«Soube-se mais pelos Pombeiros que a nação do Cazembe, onde tinha falecido o naturalista Lacerda, era feudataria do Muata Yambo, e lhe pagava em signal de vassallagem, um tributo de sal marinho, que lhe vinha da costa oriental, etc., etc.

A vista d'estas notícias é para mim claro que os Moluas são povos diferentes dos Muembas. O que n'este extracto se diz relativamente ao Muata dos Moluas tem toda a analogia com o que existe entre os povos do Muata-Cazembe. Porém entre os Cazembes e os Muembas ha uma grande diferença. O motivo de se suppôr que os Muembas e Moluas eram a mesma nação, provém de que os Muembas se tratam a si proprios pelo nome de Moluanes. O que disse o tenente coronel Honorato da Costa era fundado nas informações que lhe deram os seus Pombeiros, que para commerciarem haviam penetrado muito pelo sertão. Ora, é cousa certa que os negros de ordinario costumam fazer as suas descripções segundo julgam ser o desejo de quem lh'as pede, e que por isso alteram muitas vezes a verdade. Se eu descrevesse as cousas de que tinha cabal conhecimento, segundo as informações que d'ellas me deram os negros, teria frequentemente feito narrações falsas. — E, pois,

(¹) Talvez a Imperumba. (*Nota do A.J.*)

(²) O Poucué. (*Idem*)?

para mim evidente que os Muembas são um povo differente dos Campocolos, ou gente do Muatiania, assim como dos Cazembes. É facto que o Cazembe rende vassallagem ao dito Muatiania, ou Muata-Hianvo, ou Muata-Yambo; e eu não questiono sobre o modo de pronunciar este nome, porque pode ser que o erro proceda da minha parte; mas esta vassallagem é mais uma formalidade de grandeza do que realidade de domínio.

Segundo o que o Calúua me disse, existe outro potentado, que, pela sua informação, parece residir nas proximidades do Congo, e cujo título disse ser o de Muene-Puto, que em português significa =dono de espingardas.= E perguntando-lhe eu se elle era branco ou preto, respondeu que era preto. Questionando-o depois sobre o titulo, e se os povos sujeitos ao dito potentado faziam espingardas, respondeu que as compravam, e que não usavam de outras armas. Pode, pois, acontecer que, posto que os negros vizinhos de Angola dêem o título de Muene-Pnto aos soberanos de Portugal, e por extensão aos governadores d'aquelle colonia, que haja um potentado que adoptasse este nome. Entretanto não insistirei n'isto, mesmo porque esta parte da narração do Calúua pode ser alheia da verdade; e esta, considerando as distancias respectivas, melhor se poderá saber em Angola do que no Cazembe.



C A P I T U L O X I .

Continuacão da marcha. Território portuguez nas margens do rio Aruan-goa.

f

anordnet. Jellemzően azonban minden
szövegben a könyvnek van említése



Agosto 17. — Pela manhã continuamos a marcha para ESE., duas legoas pelo nosso territorio de Marambo, e passámos por uma pequena povoação, cujos habitantes se retiraram por causa dos successos que ocorreram na nossa ida; á frente d'ella meia legoa passámos o rio Rucusuzi no mesmo logar em que o anno passado o fizemos; e mais adiante uma legoa chegámos ao sitio onde outr'ora foi o centro do estabelecimento portuguez, e em que estava o quartel do commandante e do destacamento, quando aqui se veiu estabelecer a feira, e de que ainda se ve a madeira das barracas e o pão da bandeira, mas tudo está damnificado pelo fogo. A meia legoa adiante d'este ponto, chegámos á margem do riacho Muita, que está secco, e limita pelo Sul o districto da nossa feira com o Mambo Muasse. Este territorio portuguez de Marambo, tem desde o rio Aruângoa até aqui, quatro legoas de largura, mas ha sitios em que é mais largo, e o seu comprimento, que é de Leste a Oeste, é muito consideravel, e sempre banhado pelo rio Aruângoa, que vae desaguar no Zambeze acima da nossa feira do Zumbo, que hoje se acha invadida; é navegavel no tempo das cheias, mas agora no

estio somente o é por pequenas almadias. O nosso territorio é tambem banhado pelo rio Rucusuzi, porém, este pouca utilidade pode dar quanto á navegação, mas muita pela abundancia que tem de peixe. O terreno é esteril por ser geralmente arenosos; é todo coberto de bellas madeiras.

Na margem do mesmo riacho Muita, sendo meio dia, fizemos alto para esperar que passasse a força do calor, que é excessivo, e a sede insupportavel.

Pelas tres horas continuamos a marcha para SSE., e tendo caminhado legoa e meia chegámos ao sitio Chimutondo que fica proximo ao rio Monguroze, e de uma pequena povoação da Fumo-acaze, irmã do Muasse, e alli formámos o campo. Faltou um negro do commandante, que carrega um dente de marfim.

Agosto 18. — Mandaram-se dois soldados em procura do negro. Continuando a marcha para SSE. uma legoa, passámos o riacho Inhansungo, que está sécco, e à vante d'elle uma legoa passámos outro por nome Inhafodea, tambem sécco, e a uma legoa d'elle passámos o rio Caza-caza com agua estagnada, e mostra que a direcção da sua corrente é para NE., com doze braças de largo e oito de altura de barreiras. Este rio é abundante de peixe.

São dez horas, o sol está ardentissimo, e por isso fizemos alto para esperar que passe a maior força do calor.

A uma hora e cincuenta e cinco minutos da tarde principiou a refrescar, pelo que seguimos para ESE. duas legoas e meia, e chegámos á margem do rio Maturi, que aqui apenas conserva uma profunda lagoa: o rio corre para O., tem umas vinte braças de largo e quinze de alto; e na margem d'elle acampámos.

Desde que saímos da Mossumba do Mambo Calavica até este sitio, temos vindo sempre por um arido deserto; e posto que antes de chegar ao rio Aruângoa mencionassemos o encontro de algumas pequenas povoações, todavia estas, pela sua

insignificancia e falta de culturas, não podem prestar auxilio algum importante.

Nós acampámos em uma collina que está na margem do rio. Aqui vimos uma pequena arvore chamada Muti-Afundo, cujo tronco sae de uma fenda da rocha: ella tem de altura uns cinco palmos; e compõe-se de um grande numero de ramos, mas não tem, nem mesmo mostra vestigios de ter tido, uma só folha; e a sua casca tem muita similitudine com a da ameixeira. O seu nome significa = arvore de nós: = e com effeito todos os seus ramos e varas estão cheios de nós enlaçados, e alguns já soldados entre si em todas as voltas, e tem uma flexibilidade incrivel. Todos os passageiros que por aqui transitam têm o costume ou superstição de n'ella fazerem um nó; e não houve ninguem da expedição que o não desse, enchendo d'elles todos os ramos nas suas diversas grossuras, e nem um só d'estes se partiu, nem mesmo se fendeu; de forma que com o fio mais flexivel não se faria melhor. Eu, para melhor observar, dei-os em ramos de varias grossuras, puchando-os quanto podia, e nunca me foi possivel partir nenhum d'elles. Ainda que todos os ramos estejam cheios de nós não mostra ter sido alterada a sua vegetação.

Agosto 19. — Pela manhã seguimos a nossa derrota para SSE., e tendo avançado uma legoa passámos o rio Inhaxerímo, secco, mostra a direcção da corrente para L., com doze braças de largo e quatro de alto.

Os soldados da guarda da frente deram noticia de terem visto cinco quadrupedes, que, pela descripção que d'elles fizeram, parece que seriam camellos. Eu mal os vi, e não pude conhacer qual era a especie a que pertenciam; o seu vulto era grande e a cõr escura; corriam na direcção de NE.

A quatro legoas do rio passámos pelo sitio onde havia estando a povoação do Tumbuca Cinguengue, quando estivemos aqui na nossa marcha para o Cazembe; ella está hoje totalmente abandonada.

Continuando a marcha, um pouco adiante, chegámos á nova povoação do mesmo Tumbuca Chinguengue, e proximo a ella acampámos. Esta é a primeira povoação de Tumbucas que encontramos, mas de nada nos serve, porque os habitantes estão padecendo fome.

As nove horas da noite chegaram os soldados que foram em procura do negro e martim que faltou, mas nenhuma noticia trouxeram d'elle.

Agosto 20. — Pela manhã continuámos a marcha para SSE., e depois de havermos andado tres legoas, principiámos a encontrar pequenas povoações de Tumbucas; e tendo avançado meia legoa chegámos ao Zimbáoé da Fumo-acaze Capinda-Imbire, a qual é irmã do Fumo-Muasse; e acampámos perto d'esta povoação.

Agosto 21. — No mesmo sitio.

Graças á Providencia, pois que já nos julgamos livres do terrivel flagello da fome. Hoje temos tido muito trabalho e vigilancia, especialmente com os negros que vem presos, para não accometerem e arrancarem das mãos dos Tumbucas os mantimentos que trazem para vender; sendo preciso assistir á distribuição da comida, porque, posto não seja demasiada abundancia, contudo, já apparece em sufficiente quantidade.

Deliberámos enviar d'aqui as primeiras participações officiaes para o governador de Rios de Sena.

Agosto 22. — No mesmo sitio.

II.

Agosto 23. — De tarde despediram-se um soldado e quatro negros com officios para o dito governador, e levaram tambem a correspondencia particular. Mandou-se outro soldado com cartas para o Bar do Mano, ao coronel Botelho, e ambos os soldados foram pagos do mez de Fevereiro.

Agosto 24. — Pela manhã continuámos a marcha para

SSE., e tendo andado tres legoas e meia, acampámos proximo a uma povoação de Tumbucas.

Todo o caminho que fizemos hoje tem sido por paiz povoados.

De tarde apresentou-se o dono da povoação com um negro de Candido Cardoso, e representou que este fôra tirar lenha a uma Macia, que é uma palhota, ou casa, em que foi sepultado o ultimo dono da mesma, e que fica intacta e inhabitada, até que o tempo a consome. Em consequencia da queixa, e provado o facto, pagou-se-lhe, por conta do mesmo Cardoso, um quarto de Zuarte e meia braça de Samater, segundo o costume.

Agosto 25. — No mesmo sitio.

Agosto 26. — Continuámos a marcha para ESE. meia legoa, depois andámos para o S. outra meia legoa, e passámos o riacho Goza com agua estagnada, e que mostra correr para O. com tres braças de largo e uma de alto; e a duas legoas e meia á ante d'elle passámos o riacho sêcco, Macanga, que indica correr para O., com quatro braças de largo e duas de alto; e mais adiante uma legoa passámos o rio Rucuzi, que agora tem grandes lagoas, e corre para SSE. com oito braças de largo e duas de alto; d'aqui andámos para SSO. duas legoas, e tornámos a passar o dito rio no mesmo sitio em que o fizemos á ida; e a meia legoa á ante d'elle passámos pela povoação, ou Zimbóoé, do Mambo Caprimera, e a uma milha ao S. d'ella acampámos.

O caminho de hoje tem sido menos povoados que o de hontem, todavia temos visto povoações e culturas, mas em distancia, assim como rebanhos de gado vaccum.

Agosto 27. — No mesmo sitio.

Pela manhã veiu o Mambo ao nosso campo, dando parte de que ha tempos viera aqui gente de Tete em procura de notícias da expedição, e que voltara sem nenhuma haver obtido.

Agosto 28. — No mesmo sitio.

Tornou o Mambo ao acampamento, e trouxe-nos de presente um vitello e um cabrito. De tarde fomos ao Zimbãoé. A noite mandou-se-lhe um quarto de Zuarte de despedida.

Agosto 29. — Pela manhã proseguimos a marcha para SE. meia legoa, depois mudamos para SSE.; caminhámos legoa e meia, sempre por terras povoadas de Tumbucas, o qual pediu para ficarmos hoje aqui; e nós, para o satisfazer, acampámos.

Agosto 30. — Pela manhã proseguimos a marcha para SSE., e tendo andado tres legoas e meia passámos pelo Zimbãoé do Fumo Chimombo, e a duzentos passos ao S. d'elle formou-se o campo. Este Zimbãoé é grande, está assombrado por um copado arvoredo, e tem muita gente.

O caminho de hoje tem sido por um contínuo povoado.

Agosto 31. — No mesmo sitio.

Setembro 1. — Pela manhã veiu o Fumo ao acampamento, e de tarde voltou outra vez, e perguntando-se-lhe se tinha algumas fazendas d'aquellas que trazem os Anguros para trocar pelas nossas, respondeu: que tinha panno Berne, mas que era para comprar marfim; e nos, para examinarmos que sorte de negocio poderíamos fazer com os Chevas, mostrámos-lhe um dente de marfim do peso de vinte e um arrateis, o qual elle viu e examinou bem, e depois convidou-nos para vermos as suas fazendas, o que fizemos seguindo-o ao Zimbãoé, onde nos mostrou um bocado de panno Berne bastante fino, mas alguma cousa enxovalhado, e por isso dissemos-lhe que não nos fazia conta, e elle disse tambem que o marfim não lhe agradara, e que se fosse bom, daria tambem mais alguma cousa por elle.

Desde que os Muizas emigraram do seu paiz, espalhando-se por entre estes povos introduziram o costume de venderem o marfim aos Anguros, que são Maraves habitantes das margens do rio Nhanja; e estes vão vendê-lo aos Arabes na costa de Zanzibar; os quaes depois o passam principalmente aos comerciantes ingleses e americanos que têm feitorias abundantemente sortidas na ilha de Zanzibar .

Este é o motivo porque o nosso commercio de Tete tem diminuido, não podendo competir com aquelle, de modo que os commerciantes portuguezes que percorrem o sertão tem interesse em vender o marfim aos mesmos Anguros; porque as fazendas com que o compram são finas, e reputam-se por muito mais valor nos nossos estabelecimentos de Rios de Sena, do que valem no sertão no poder dos Anguros.

O illustre Dr. Lacerda, respeitavel por tantos titulos, diz que os Arungos habitam as margens do rio Chire, o que não me parece exacto.

O rio Chire que desagua no Zambeze, faz no seu curso uma grande curva pelo lado occidental da serra Murrambala, e vae recebendo as aguas de diferentes rios, e principalmente das vertentes da mesma serra, as quaes o tornam caudaloso, e tambem vae desaguar por outra boca no rio Mutu, acima de Quelimane. As margens d'este rio são povoadas pelos Borôros, povos Maraves que tomam aqui esta denominação, e este rio não vem de tão longe que os habitantes das suas margens não sejam completamente conhecidos. É fora de toda a duvida que o Chire não tem communicação alguma com o Nhanja, do qual os mesmos Borôros não dão noticia senao por fama. Dos Chevas poucos são os que o tem visitado pela grande distancia em que está para L. do seu territorio, ou antes pelo pouco costume que estes povos têem de viajar. Os Muizas, porém, todos concordam em que não é um lago, mas sim um rio. Estes povos todos os annos vão ás suas margens vender marfim, e por isso este paiz lhes é muito conhecido e familiar.

Na época em que o referido viajante foi ao Cazembe, isto é, em 1798, ainda os Muembas estavam nos seus primitivos domínios ao ONO. do Cazembe, e por conseguinte muito além do territorio que n'aquelle tempo occupavam os Muizas. Entretanto no seu interessantissimo Diario lê-se: «Que entre as margens do rio Chire ou Nhanja e os Muizas medeia a nação Muemba.» Já disse que aquelles dois rios nada tem de com-

mum: agora quanto á posição relativa daquelles povos, o que alli se lê é tão pouco exacto como seria dizer-se, que entre a Extremadura e a Beira medeia a provincia do Minho.

Rendendo ao sabio viajante o devido tributo de veneração e respeito, não posso com tudo conceber como elle escreveu tal descrição, o que julgo proceder, ou de demasiada confiança n'uma informação superficialmente dada, ou em engano de redacção.

A serra Murrambala fica, talvez, vinte legoas a L. do rio Zambeze, que por largo espaço corre paralelo á mesma na direcção, com pouca diferença, de N. S. Esta serra, pela sua altura, vê-se de muito longe; e quem navega pelo dito rio acima enfada-se de a observar sempre á sua direita, parecendo-lhe que se não affasta do mesmo ponto, que começou pela manhã a ver, e que vira na vespera e na ante-vespera. E regularmente de Maio até Outubro dura este enfado cinco dias, nos quaes o viajante parece permanecer no mesmo ponto da partida, perto das abas da mesma serra.

Entre esta e o rio acha-se o territorio do Fumo Mussucuma, o qual é Borôro, assim como o seu povo, mas este foi considerado como uma nação diversa, o que é um erro.

O presente Diario está mui longe da belleza e boa dicção do Diario do illustre viajante, comtudo, ainda que escripto em linguagem commun, tenho tido muito em vista referir sempre a verdade, o que estou bem persuadido de haver conseguido, tanto pelo estudo práctico que fiz durante nove annos que habitei em Rios de Sena, cujos pontos visitei todos, menos os do Zumbo e Manica, porém, mesmo d'estes ultimos logares eu recebia quasi diariamente correspondencia e noticias, como pelo conhecimento que tenho da lingua do paiz, e das relações em que geralmente estava com as pessoas de quem havia informações, e sobre tudo dos Muizas, que são, de todos estes povos, aquelles que mais conhecem os sertões.

Eu já disse que em 1824 o governador Barbosa comprou o

terreno de Marambo, situado na margem do Aruângoa, para n'elle estabelecer uma feira. Nos tempos anteriores a esse anno o commerçio do marfim com os Muizas era muito vantajoso para a gente de Tete; mas depois foi-se abandonando pelo trafico da escravatura; até que este trafico diminuiu. Foi então que se fez o estabelecimento para a feira, na esperança de restaurar o commerçio do marfim; mas n'essa época já os Muizas tinham tomado o caminho do rio Nhanja, que pelas vantagens que alli acharam para as suas trocas, nunca mais deixaram de seguir.

Assim foi o trafico da escravatura que nos fez perder o commerçio do marfim. Hoje é ainda possível restabelece-lo, mas para isso é necessário alterar o sistema commercial existente na província de Moçambique. Ha também para isso um outro obstáculo importante que previamente será preciso remover, e consiste em terem os cafres invadido alguns dos nossos principaes estabelecimentos commerciaes, taes como o de Manica e o do Zumbo, que não é possível reconquistar senão por meio de grandes despezas, e boa direcção no regimen governativo da colonia. Logo que esta restauração se consiga, convirá então estabelecer feiras, mas nunca com o mesmo sistema até aqui praticado. Como esta materia faz o objecto de um outro trabalho meu, procurarei expo-lo largamente, em uma memoria particular, se para isso fôr animado, a fim de procurar que o Governo se resolva a aproveitar os grandes recursos que em si encerram aquellas ricas possessões.

Setembro 2. — Pela manhã proseguimos a marcha para SSE. quatro legoas e meia, e chegámos á margem do rio Ruarize; onde acampámos a cem passos ao S. do Zimbáoé do Mambo Mucanda.

Setembro 3. — No mesmo sitio.

Pela manhã veiu o Mambo ao acampamento, havendo sido antes comprimentado com dois quartos de Zuarte; e depois de conversar sobre diferentes objectos, concluiu pedindo um panno

para si, e deu-se-lhe um quarto de peça de chita portugueza, que alli mesmo vestiu; convidou-nos para ir ao seu Zimbáoé, o que fizemos acompanhando-o; voltámos pouco depois sem novidade.

III.

Na nossa ida para o Cazembe, no Zimbáoé do Mugurura, encontrámos o Fumo Somba, irmão do Mucanda, o qual, depois de muitas impertinencias, nos propôz a troca de um bom porco que tinha, por um casal de carneiros, escolhidos d'entre uns poucos que havíamos trazido de Tete. A proposta foi aceita, e elle mesmo os escolheu no rebanho, e deu-nos um portador seu para nos entregat o porco quando chegássemos perto da sua povoação, onde devíamos deixar os carneiros; o que tudo se fez fielmente. Dias depois, quando a expedição chegou ao Zimbáoé do Capriméra, apareceu um Mutume (portador) do Somba, e disse da parte d'elle: «Que os carneiros tinham fugido, e que queria que se lhe pagasse o seu porco». À vista d'esta exigencia acreditámos que o roubo já estava premeditado: e por isso respondeu-se que na volta fallariam. Hoje pela manhã apareceu um mensageiro do referido ladrão, e disse que vinha cobrar o tal Milando; e apoz elle apresentaram-se outros dois, mandados pelo mesmo Somba, com o fim de ficarem vigiando o acampamento: e quasi ao sol posto apresentou-se elle em pessoa, e declarou que não queria fazenda em pagamento, mas sim um bom dente de marfim. Recusando nós satisfazer a sua cubica, houve altercação, que chegou a ponto de o ameacarmos de lhe pagar com as armas. Ouvindo elle isto, levantou-se irritado, dizendo: «Que já era noite, e que pela manhã voltaria para ver o efecto que faziam as armas.»

O Mucanda mostra-se indiferente n'este negocio, indica ter receio do irmão, e claramente disse: «Que este não tem



outra razão senão a força, contra a qual elle Mucanda nada pode fazer.”

Setembro 4. — No mesmo sitio.

Às nove horas e trinta minutos da manhã apresentou-se novamente o ladrão acompanhado pelo Mucanda; e logo requereu um dente de marfim como pagamento do Milando. Consultando entre nós o que mais nos convinha fazer, achamos ser mais útil dar-lhe o dente de marfim, ficando por este meio desembaraçado e franco este caminho, que é por onde todos os dias transitam mercadores de Tete para o sertão, por não haver outro conveniente, do que deixar pendente um pretexto para se fazerem grandes roubos aos nossos comerciantes. Considerámos também que o melhor resultado que poderíamos obter de um conflito n'este logar, seria limitado a abrirmos o nosso caminho para Tete com as armas na mão, não salvando senão a gente, porque as cargas necessariamente se haviam de abandonar, ficando além d'isto o pretexto para novos roubos. Entregámos por isso ao tal Somba um dente de marfim do peso de quarenta arrateis, um quarto de Zuarte, um Carlanganím e duas braças de chita portuguesa; com o que terminou o roubo pelas onze horas da manhã. E não houve mais novidade.

Setembro 5. — No mesmo sitio, por causa da gente que foi em seguimento de um boi que fugiu, e que só veiu de tarde.

Setembro 6. — Pela manhã proseguimos a nossa derrota para SSE., e com tres legoas de marcha passámos o riacho Mualize no mesmo logar da ida. Daqui mandámos um quarto de Zuarte de despedida a Fumo-acaze, irmã do Mucanda, e continuámos a marcha com o rumo de S.; e tendo feito duas legoas passámos pelo Zimbáoé do Fumo Muponda, que está na margem do riacho Russa, que atravessámos no mesmo logar da ida, e tomámos o rumo de O., com que caminhámos meia legoa para chegar á margem do mesmo riacho, onde acampámos.

O caminho continua a ser por paiz povoado e cultivado.

Setembro 7. — Antes da marcha, e conforme a pratica do sertão, mandou-se de despedida ao Fumo Muponda um quarto de Zuarte; e seguindo para SSE. duas legoas, chegámos á margem do riacho Mavuzi, e antes de atravessa-lo, formou-se o campo á vista do Zimbáoé do Fumo Mugurura.

Hoje chegou o soldado que foi despedido para o Bar do Mano a João Pedro, o qual não estava alli, mas sim o seu feitor: e foi este que escreveu ao commandante, dando-lhe parte da ausencia de seu amo, e do falecimento do governador de Rios de Sena, Vasconcellos e Cirne; e de ter tomado posse do Governo, tanto por lhe pertencer, como por pedido geral dos povos, o benemerito coronel José Francisco Alves Barbosa.

Setembro 8. — No mesmo sitio.

Pela manhã veiu a Mussâano, ou primeira mulher do Fumo, trazer de presente ao commandante um Quitundo de farinha de milho, e outro de Mendobim com casca, e disse: «Que o Fumo estava doente dos pés, e que por isso não podia vir, mas que desejava muito ver-nos.»

Em attenção a este cumprimento fomos lá; e achámo-lo com um ataque degota; e quando lhe perguntámos pelo sal e por uma vacca que se lhe deixou para guardar até á nossa volta, respondeu: «Quanto ao sal, que os negros que vieram fugidos lhe disseram que traziam ordem para o receber, o que certificaram por um papel que lhe mostraram de signal, e que por isso lh' o entregara; e quanto á vacca, como já era velha tinha cegado, e que por isso a matara, e com a carne comprara milho, o qual entregava», o que fez apresentando uns cinco alqueires.

Por este facto se pode fazer idéa da pouca segurança em que ficam as fazendas que se deixam em poder d'estes negros, para com ellas se fazerem depositos de viveres; o que, com particularidade, nos havia sido recommendedo. Devendo advertir-se que este Fumo é um dos melhores que temos encontrado.

Setembro 9. — Mandou-se um quarto de Zuarte de despedida ao Fumo, e proseguindo a marcha para SSE. atravessámos o riacho Mavuzi, no mesmo lugar da ida, e a meia legoa do campo passámos pelo Zimbácé do Fumo, e a duas legoas e meia mais adiante passámos o riacho Bua, que corre para L., com seis braças de largo e cinco de alto; e a tres legoas ávante transpozemos o riacho Mando no mesmo lugar da ida, e a meia legoa d'elle na borda do Dambo Navirapo, a trinta passos para L. da povoação do Tumbuca Cayere formou-se o campo.

O caminho continua a atravessar um paiz povoadíssimo, principalmente por Muizas emigrados. Faltaram recolher ao campo alguns negros do commandante.

Setembro 10. — Mandou-se uma escolta em procura dos que faltaram; e proseguindo a marcha para SO. por uma legoa, mudámos para OSO. e tendo feito legoa e meia atravessámos a cordilheira, que desde 24 d'Agosto temos vindo costeando, e nos ficava a oeste, a qual é chamada Pire-a-Missale; isto é, Serra do Missale. E meia legoa ávante chegámos ao Bar do Missale, e á povoação do negro Acunhanja, o qual é Muana-mambo da escravatura do mesmo Bar, e abi acampámos.

Desde que atravessámos a cordilheira tem sido o caminho por outeiros e valles, e temos seguido no rumo de OSO. A noite chegou a escolta que tinha ido em procura dos que faltaram, e deu parte de terem achado um d'elles morto, o qual vinha doente, e que do outro não havia noticia. Mas recolheram todos os mais, dando por desculpa o terem-se demorado para não desampararem, em quanto esteve vivo, aquelle que morreu.

IV.

Setembro 11. — No mesmo sitio.

Expediram-se dois soldados, um para o Bar da Capata, ao capitão mor dos sertões, Manoel Caetano Pereira, e outro para

o Bar do Chindundo, ao capitão mórmor do Zimbáoé do Monomotapa. Domingos Marianno do Rosario Osorio, a fim de pedir a cada um d'elles as correspondencias de Rios de Sena para a expedição, que consta estarem em seu poder.

Em Tete ha um funcionario que tem o titulo de capitão mórmor do Zimbáoé do Monomotapa, que é nomeado pelo governador geral da provincia, e tem de ordenado annual quatro Bares de fato pagos aos quarteis, que em moeda fraca fazem 800\$000 réis, a razão de 500 réis o panno, e que reduzidos a réis fortes são 330\$000 réis, a 150 por cento. Estes pannos são pagos pela feitoria de Tete, onde elle é obrigado a residir, e alli faz as vezes de consul e defensor dos Munhaes, nome porque se designam os vassallos do Monomotapa. Ha mais na villa de Tete uma força de sessenta praças e os officiaes respectivos, chamada companhia de caçadores do Zimbáoé, que nos tempos antigos foi creada para guarda de honra do imperador, a qual marchava ás ordens do capitão mórmor, quando annualmente elle ia levar-lhe um Saguate, ou presente, em nome do Soberano de Portugal; e entao demorava-se no Zimbáoé todo o tempo que o Monomotapa queria, o que ordinariamente nunca excedia a quinze dias.

Em 1807, sendo governador de Rios de Sena A. J. N. de Villas-Boas Troão, o qual tendo vindo da Europa, ignorava inteiramente os usos e costumes do paiz; e era dotado de muita austerdade de carácter propenso ao rigor, suscitararam-se desintelligencias com aquele potentado, a quem declarou guerra. E tratando com desprezo as armas dos cafres, marchou em pessoa commandando a força que entrou em campanha. Consta que tendo elle atacado os Munhaes, acontecera que no calor da acção cessara o fogo da nossa parte; e que elle examinando a causa d'isso conhecera que estava trahido, porque havendo encarregado a officiaes, filhos do paiz e de Goa, o fornecimento da expedição, e não tendo tido o cuidado de inspeccionar por si os petrechos de guerra, em lugar de caixotes de polvora achá-

ra os caixotes cheios de biscotto. O resultado foi o ser elle morto pelos Munhaes, e desbaratada a nossa força.

Depois d'esta época esteve interceptada toda a comunicação official com o Monomotapa, até que, em 1823, este exigiu, como obrigação, o Saguate annual. Sendo, porém, governador dos Rios de Sena o benemerito Coronel J. F. Alves Barbosa, que havia já muitos annos habitava a Africa, e que estava ao facto de toda a intriga que produziu a traição que tinha havido contra o governador Troão, respondeu, como bom político e experiente, aos mensageiros daquelle potentado: «Que elle estava prompto a continuar a antiga amisade logo que o Monomotapa lhe mandasse o seu irmão Troão que lá tinha.» E apesar das embaixadas e desculpas que o potentado lhe mandou, nunca obteve d'elle o que queria. Porém, em 1826, havendo sido despachado de Moçambique um capitão mór do Zimbáoé, foi este com a companhia levar um Saguate ao imperador, sendo então governador interino dos Rios de Sena F. Henriques Ferrão, que havia sucedido ao benemerito brigadeiro M. J. de Avelar Brotero, fallecido em Tete.

Não me consta que desde aquelle anno até 1841 se tornasse a mandar o presente, porque os governadores que succederam a este recusaram fazê-lo, apesar de existir sempre o dito capitão mór, cujo cargo é hoje um beneficio simples com que o governador geral pode agraciar um afilhado, e uma verba de mais nos interesses de um funcionario venal; e o mesmo se pode dizer do emprego de coronel do militar que ha em Sena, e que vence quinze pannos de ordenado por mez; sendo para notar que a existencia d'este posto foi confirmada pela corte.

O Monomotapa, ou imperador da Chedima, que assim se chama o territorio de que é soberano, e que em outro tempo foi poderosissimo, hoje está decaído, mas não tanto que não seja ainda respeitável. O seu territorio, que é de consideravel extensão, fica ao poente do rio Zambeze, e começa na margem do rio um pouco acima de Tete, e passa além do Zumbo. Este

territorio é todo dividido em districtos governados por principes que lhe obedecem; e quando elle morre todos elles se fazem mutuamente cruenta guerra para obterem o Quite da Chedima, até que um d'elles, depois de ter supplantado os mais toma posse; e então manda uma embaixada a Tete para participar ao governador a sua instalação. Este manda-lhe sempre um bom presente, mas sem apparato.

Setembro 12. — No mesmo sitio.

Deu parte o commerciante Paulo de que os seus negros o queriam desamparar e ir para diante. E entendendo o commandante que elle pedia providencias para obstar á sua partida, eu fui de opinião: «Que o meio de evitar a fuga era segura-los.» A isto o mesmo Paulo respondeu com altivez: «Que o commandante não tinha autoridade de prender os seus escravos.» O que nos fez ver com evidencia que era elle quem queria abandonar a expedição. Foi pois reprehendido pelo commandante, o qual o fez responsavel pela fuga dos negros e pela sua.

Setembro 13. — No mesmo sitio.

Pagou-se ao destacamento o pret vencido no mez de Fevereiro.

Setembro 14. — No mesmo sitio.

Setembro 15. — Pela manhã continuámos a marcha para o S., e a pouca distancia passámos o riacho Cámirávi, que corre para L. com tres braças de largo e uma de alto, e pouco avante passámos outro por nome Ritongúe que corre para o mesmo rumo do outro, com tres braças de largo e duas de alto; e depois de ter andado uma legoa passámos o riacho Caminhanga, que tambem corre para L. com tres braças de largo e duas de alto; e a uma legoa d'elle passámos outro por nome Chifussa, que corre para o N. com duas braças de largo e meia de alto.

Este riacho faz aqui os limites dos dominios do Mambo Chéva, Mucanda, e do primeiro Marave, Carahire, cujo distrito ou terra se chama Misso.

Daqui andámos para SSO. duas legoas e atravessámos o riacho Muaraze, que corre para O. com quatro braças de largo e uma de alto; e tomámos o rumo de SSE., com que caminhámos legoa e meia até passar o riacho Sassassa, que corre para O. com oito braças de largo e tres de alto, e á quem d'elle formou-se o campo.

O caminho continua a ser por serranias e povoado.

A uma hora e trinta minutos da tarde chegaram quatorze negros enviados pelo capitão mór do Zimbáoé com refrescos para os brancos da expedição.

É inexplicavel a sensação de jubilo que produziu em todos nós a vista de pão, vinho, chá e assucar; cousas estas de que ha quinze mezes estavamos privados, e em que nem ao menos podíamos pensar sem que d'ellas sentissemos uma viva saudade.

Posto que o pão seja um dos artigos de primeira necessidade para os europeus, comtudo, em quanto viajámos por terras povoadas, suppriamo-lo bem com biscotto ou com arroz, farinha de milho, etc., e por isso nao era sensivel a sua falta; porém quando quasi nada encontravamos, nem as cousas que, por insignificantes, estão ao alcance de toda a gente, mesmo d'aquelle que pertence ás ultimas classes da sociedade, foi então que appareceram em nós recordações mais vivas do passado, ainda mesmo d'aquelle que tinhamos tido mais trabalhoso, pois que, comparado com o presente, se nos figurava um tempo de felicidade, ou porque realmente o tivesse sido, ou porque, como já distante, nos parecia melhor do que realmente fôra.

No mesmo instante em que recebemos o pão, assim mesmo sêcco o entramos a comer, e a mim pareceu-me que nunca tinha provado uma melhor comida. Não nos esqueceu, no meio da nossa satisfação, de fazer uma saude ao nosso amigo e benfeitor.

Deimos um pão e um copo de vinho aos quatro soldados europeus, o que julgámos sufficiente para matarem a saudade, nem podíamos ser mais liberaes de tão rico thesouro: demais, a falta

de pão não lhes era tão sensível como a nós, porque n'esta parte da África os soldados europeus não estão habituados a comer pão, que se lhes não abona em razão da carestia; pois que na capital da província, onde o ha de venda, cada pão, que tem uma quarta de arratel de peso, custa 100 réis fracos, ou 42 réis fortes, que agora, 1832, correspondem a 168 réis fortes por arratel.⁽¹⁾ E o soldado europeu não vence mais do que 120 réis fracos por dia.

Nos outros portos da província não se vende pão. Quem tem meios compra o trigo, se o não tem da sua lavra, e amassa em casa para seu próprio uso. O soldado, além de 120 réis diários, tem cada mez, em lugar de pão, dois alqueires de arroz, e na falta d'este recebe milho ou legumes.

Todas as terras da África oriental produzem bem o trigo, mas apenas é cultivado em Quelimane, Tete e Soíala, e isso em ponto tão pequeno que, à excepção de Tete, todas as povoações da província o importam de Goa.

Setembro 16. — Pela manhã seguimos a marcha para SSO., e andando uma legoa atravessámos o regato Achassassa, que corre para O., sem largura nem altura notável; e a meia legoa passámos outro, de que ignoro o nome, e corre para O. com tres braças de largo e meia de alto, e à frente d'ele uma legoa passámos o rio Ruui, que corre aqui para SO. com dez braças de largo e tres de alto; d'aqui seguimos para o S., e tendo caminhado meia legoa passámos o rio Mofe, que corre para O. com doze braças de largo e quatro de alto.

Este rio serve de limites entre a terra Misso, do Carahire e a terra Cassenga, do Mambo Parabungo.

¹ Posteriormente a este anno um governo provisório d'esta província alterou o valor nominal da moeda, de sorte que no anno de 1852, 100 réis fortes, ou de Portugal, valem 410 réis fracos de Moçambique. Em 1853 o Governo de Portugal decretou a extinção da moeda fraca de Moçambique e ordenou que ali tivesse sómente curso o dinheiro do reino e algumas moedas estrangeiras pelos valores correspondentes a este dinheiro.

Avante do rio legoa e meia passámos o riacho Meorare, que tambem corre para O. com duas braças de largo e tres de alto; e a meia legoa mais adiante passámos outro, de que ignoro o nome: corre para o mesmo rumo com duas braças de largo e meia de alto, e àvante meia legoa chegámos ao Luane do Bar da Capata, do capitão-mór dos sertões Manoel Caetano Pereira, e aqui acampámos.

O Pereira não estava aqui, e disseram os seus escravos que fora para o Bar de Sengueresi, e que n'este Bar apenas deixara pouca gente para guarda da povoação.

Apresentaram-se sete Cazembes, e disseram que estavam aqui já ha mezes, tendo sido mandados pelo seu Muata com marfim para irem a Tete comprar polvora, e que quando saíram de Lunda entrava esta expedição nas suas terras; que a maior parte da sua gente morrera de bexigas pelo caminho, e que por isso se viram obrigados a abandonar o marfim; e que agora, sem elle, não podiam ir a Tete, nem voltar para a sua terra. Isto foi o que disseram, não sei se com verdade.

Este sitio chama-se a Capata, e estas montanhas por onde temos caminhado, que todas são povoadíssimas, são as serras da Capata.

Setembro 17. — Anciosos já de noticias, e de fallar portuguez com outra gente que não fosse a da expedição, e estando certos de que deixavamos esta em segurança, nós os commandantes, resolvemos ir para o Luane do Bar de Chindundo, encarregando o commando da expedição ao interprete, o sargento mór de ordenanças, José Vicente de Aquino.

Pelas cinco horas e vinte minutos da manhã pozemo-nos em marcha simplesmente com os negros que o dito capitão mór Osorio nos mandou para nos guiar; e andámos para SSE. uma legoa, e depois tomámos o rumo ESE. com que andámos uma legoa, e passámos um pequeno riacho de que ignoro o nome, que corre para O. com duas braças de largo e uma de alto; e a uma legoa ávante d'elle passámos o rio Caruzupire, que corre para O. com

quinze braças de largo e quatro de alto, d'aqui andámos para SSE. meia legoa; e n'este rumo encontrámos o soldado que foi despedido a 11 do corrente para a Capata e Chindundo; e tomámos então a direcção SO. com que marchámos meia legoa, e passámos o riacho Chingamoquira, que corre para O. com dez braças de largo e quatro de alto, e a duas legoas àvante d'elle passámos um riacho de que ignoro o nome, que também corre para O. com duas braças de largo e uma de alto, e a pouca distancia d'elle passámos pela Muzi do Marave Chavatâma, onde tomámos o rumo de SSE., com que marchámos meia legoa, e passámos o riacho Báre, que corre para O. com quatro braças de largo e duas de alto, e a pouca distancia d'elle chegámos ao Luane do Bar do Chindundo, onde fomos recebidos e hospedados magnificamente pelo capitão-mór, que agora aqui reside com a sua familia.

O caminho continua a ser por entre serras e povoado.

Setembro 18. — Às quatro horas e quarenta minutos da tarde chegou a expedição, e o interprete deu parte de não ter havido outra novidade mais do que terem desapparecido quatro negros de João Pedro, que deixaram as cargas, e de ter faltado a recolher ao campo o commerciante Paulo, que ficara no sitio Inhamosseta, na margem do rio Caruzupire, com licença do commandante.

A expedição foi hospedada com generosa profusão.

Setembro 19. — Pela manhã chegou o comerciante Paulo. Apresentaram-se tres negros, mandados por C. J. de Costa Cardoso, com uma carta d'elle para o commandante, em que diz que está em marcha para as margens do rio Aruângoa com a sua familia, e que por isso pede os seus escravos que estão n'esta expedição. O commandante respondeu-lhe que muito convinha que elle viesse aqui fallar-lhe por seu proprio interesse; e quanto aos escravos que só em Tete os podia entregar depois de receber as ordens do governador para a dissolução da expedição; acres-

centando que desde já o fazia responsável pela fuga dos mesmos escravos.

Setembro 20. — Pela manhã deu parte o Muanamambo de terem fugido de noite todos os escravos do dito Cardoso, ficando só tres com todas as cargas que carregavam. Este acontecimento não nos deixou dúvida alguma de terem desertado por ordem d'elle. Officiou-se-lhe logo para o Bar de Capata, onde está, pendendo-lhe os desertores, e fazendo-o responsável por elles e pelo extravio que possam ter as cargas que carregavam; e n'este sentido lavrou-se um termo.

Setembro 21. — Voltou o soldado com a resposta do Cardoso ao officio: n'ella dizia que remettia os escravos, e que responsabilisava o commandante por elles.

Setembro 22. — De tarde apresentaram-se os negros desertores, e entregaram outra carta, em que o mesmo individuo insistia na responsabilidade do commandante pelos ditos escravos.

Lavrhou-se um termo d'esta occorrência, em que se mencionou a apresentação dos escravos, e o mais que a carta continha.

Setembro 23. — O commandante teve febre, e julgamos que soffre sesões terçãs, porque ante-hontem tambem a teve á mesma hora, porém menos forte.

Setembro 24 e 25. — Sem novidade.

O capitão-mór Osorio obrigou-nos a demorarmo-nos além dos tres dias que tencionavarmos fazê-lo. Elle tratou a expedição o melhor possível, mantendo-a com a maior abundancia.

V.

Setembro 26. — Pela manhã continuámos a marcha para SSE. meia legoa, passámos o riacho Chindundo, que corre para O. com oito braças de largo e tres de alto; e ávante d'elle legoa e meia, passámos o rio Aruângoa-Posse ou Aruângoa-Jáua, que corre para O. com vinte braças de largo e quatro de alto; e continuando a marcha meia legoa, passámos um riacho, de que

ignoro o nome; corre para O. com seis braças de largo e cinco de alto; e prosseguindo a jornada meia legoa, passámos outro, de que ignoro também o nome; corre para O. com seis braças de largo e duas de alto; a pouca distância d'elle chegámos á Muizi do Marave Bzissuzo, e a duzentos passos a L. d'ella formámos o campo.

Faltaram a recolher ao campo nove negros com cargas de marfim.

O caminho continua a ser por entre serras e desfiladeiros; mas o terreno é cultivado e povoadão.

Setembro 27. — Antes de levantar o campo enviou-se um soldado ao capitão-mór para pedir-lhe que mandasse procurar os negros que por lá ficaram com as cargas: continuámos a marcha para SSE. legoa e meia, e passámos um pequeno riacho, de que ignoro o nome; corre para o S. com quatro braças de largo e duas de alto, e a legoa e meia d'elle passámos o rio Aruango-Pire, que corre sobre rochas para SO. com vinte e cinco braças de largo e seis de alto.

É n'este rio que ha os mais altos Uraros, ou pontes, que tenho visto.

Começámos aqui a subir e a atravessar a serra Maribiza, a qual corre NS., e tendo avançado meia legoa chegámos á sua maior altura: caminhámos então pelo meio de duas montanhas da mesma cordilheira, e meia legoa adiante entrámos na Lupata do Chindundo, e na margem do riacho Cazambue formámos o campo.

O caminho continua a ser povoadão.

Chegou o soldado que foi em procura dos negros, e disse que os encontrára no caminho, e que não chegaram ainda por virem estropiados.

Setembro 28. — Continuámos a marcha para SSE. meia legoa, e passámos o regato Cazambue, que corre para L. com uma braça de largo e uma de alto. Mais à ante meia legoa descemos a serra que hontem subimos, em cuja descida andá-

mos meia legoa. Tendo avançado fora d'ella meia legoa passámos pelo sitio Chumbi, e a meia legoa adiante d'elle, o riacho Xerire, que corre para O. com cinco braças de largo e tres de alto; e a legoa e meia d'elle andámos para o S.; e meia legoa adiante passámos o regato Camanceta, que corre para O., com braça e meia de alto, e àquem d'elle formámos o campo.

O caminho continua a ser por desfiladeiros, e é menos povoados.

Ainda não recolheram os negros, que faltaram, mas vêm na retaguarda.

Setembro 29. — Pela manhã continuámos a marcha para SSE. tres legoas, e passámos o riacho Mussanjama, que corre para N. com quatro braças de largo e tres de alto; e andando d'aqui para o S. meia legoa, atavessámos o regato Mussara-Umua, que corre para O. com uma braça de largo e meia de alto: pouco distante d'elle passámos o riacho Inhamedima, que corre para o S. com cinco braças de largo e duas e meia de alto, e a meia legoa d'elle o Rocongödue, que corre para O. com sete braças de largo e tres de alto; e tomado o rumo de SSO. e marchando por espaço de meia legoa, entramos na Lupata do Matontora, e com meia legoa de caminho, por ella passámos o riacho Xuare no mesmo sitio da ida, e a meia legoa à frente o mesmo riacho, e pouco adiante chegámos ao sitio Cora-Angombe, onde formámos o campo.

A marcha de hoje tem sido por paiz despovoado. E até chegarmos à Lupata foi por um espaçoso valle, situado entre serras, que distam muito entre si: porém da Lupata até aqui tem sido por desfiladeiros formados pelos montes proximos.

Setembro 30. — Continuámos a marcha para SSE., e pouco havíamos andado quando repassámos o Xuare, e a uma legoa de marcha o mesmo Xuare, e pouco à frente o mesmo riacho; mais à frente o mesmo riacho, e a legoa e meia da segunda passagem outra vez o mesmo riacho; e andando para SO. uma legoa, tornámos a passar o mesmo Xuare, sempre no mesmo

sítio da ida; e a legoa e meia d'elle passámos o ria Mavuzi no mesmo sitio da ida, e andando para SSE. mais uma legoa, formámos o campo na margem do riacho Maze-Aiere.

O caminho continua a ser despovoado e pelo meio de serranias.

Outubro 1. — Seguimos a jornada para SSE. legoa e meia, e fizemos alto proximo ás Mundas do salteador Nhanga, a fim de reunir a expedição. Continuando depois a marcha em ordem por legoa e meia, chegámos ao Bar da Machinga, e tomámos então o rumo de SSO., com que caminhámos meia legoa, e passámos o rio Inhancanzo, no mesmo sitio da ida, e d'aqui seguindo para SO. uma legoa, atravessámos o riacho Càmuancuco no mesmo lugar da ida, e na sua margem formámos o campo.

Outubro 2. — Continuando a marcha para o S. uma legoa passámos o riacho Cazaranhungoe, e pouco à ante outro por nome Chiconcumure, e tomado o rumo de SSO., depois de tres legoas e meia de caminho desde o primeiro riacho, passámos o Inhambia, todos no mesmo lugar da ida, e à ante duas legoas o repassámos; e depois caminhando no rumo do S. duas legoas e meia, passámos pela Muzi do Marave Canamander, e pouco à ante o riacho Inharumpué; e àquem d'elle acampámos.

Outubro 3. — Continuando a marcha para SO. duas legoas, passámos o riacho Mucacamue, que faz o limite entre as terras Maraves e as portuguesas de Tete; e a meia legoa d'elle o riacho Carume, e andando para SSO. meia legoa o riacho Mossôro-Anhatim. Todos estes riachos foram atravessados nos mesmos lugares da ida. Proximo a este ultimo encontrámos um Luane de Joao da Silva Lage, e à ante meia legoa chegámos ao principal Luane, onde é a habitação ordinaria em que reside o mesmo Lage; e aqui acampámos.

Apresentou-se o soldado que foi mandado com as primeiras participações para Tete.

Outubro 4. — No mesmo sitio.

Mandou-se para Tete um soldado com officios do commandante, em que participava ao governo d'aquelle villa o ter entrado a expedição no territorio portuguez.

Outubro 5. — Enviou-se um soldado ao Prazo Soxe para chamar os negros do Cardoso, pertencentes á expedição, que foram a suas casas com licença que o commandante lhes deu, por nos acharmos perto do dito Prazo; mas elles, abusando d'isso, não quizeram vir. E nós partimos, deixando as cargas, que elles conduziam, entregues a João da Silva Lage.

Este hospedou a expedição, e deu-lhe fornecimento de viveres com abundancia, e a nós, os commandantes, tratou-nos com profusão.

VI.

Como n'este Diario tenho fallado por muitas vezes em Prazos da Coroa, acho conveniente dar uma breve noticia d'esta instituição antes de terminar este escripto.

A possessao portugueza de Rios de Sena, que mais apropiadamente se denominaria Zambezia, estende-se por umas cento e oitenta legoas ao longo do Zambeze, desde a foz d'este rio até além do Zumbo: é dividida nos tres grandes districtos de Quelimane, Sena e Tete, além de varias dependencias, que estão agora ocupadas pelos cafres, como Manica, ao Sul; Zumbo, ilha na confluencia do Zambeze e do Aruângoa; e Marambo, nas margens d'este ultimo rio.

Os tres districtos são subdivididos em territorios, muito desiguais em grandeza, que se denominam Prazos da Coroa, os quaes sao mais ou menos extensos, mas não ha nenhum que tenha menos de meia legoa de comprido, e alguns ha que têm mais de dez legoas.

Entre estes ha alguns Prazos fateosins, que foram comprados aos possuidores cafres.

Os Prazos da Coroa são dados por sesmaria em tres vidas: devem ser concedidos ás filhas de officiaes portuguezes, que, tendo servido na Africa, casem com portuguezes da Europa ou de origem europea, com certas condições, sendo uma das principaes o habitarem n'elles, e com o direito de nomeação de immediato successor, excluindo varão em quanto houver femea: e ninguem podia accumular dois Prazos.

Este uso caducou, porque se deram a quem mais offereceu por elles, sem distinção de sexo, e accumularam-se muitos Prazos em uma mesma pessoa, sem nunca já ir, disfrutando os seus pingues rendimentos: e é esta uma das causas principaes de estarem hoje invadidos.

Os de Quelimane e Sena são geralmente consideraveis, tanto em extensão, como em rendimento, que consta de marfim, cera, mel, mantimentos, sal e escravos.

Cada um d'estes Prazos é governado por seu Fumo, o qual é livre ou forro, e é o chefe dos colonos ou habitantes negros livres, e quem responde pelos tributos que ao emphyteuta uso-fructuario do Prazo pagam os mesmos colonos. Junto a cada Fumo ha um Chuanga, que é um escravo do emphyteuta, e da sua confiança: elle é o fiscal e vigia do Fumo e dos colonos: e na occasião do pagamento dos tributos, a que chamam Maprere, é elle e o Fumo que juntos fazem o recenseamento, operação que se verifica dando elles tantos nós em uma corda, quantos são os individuos que devem pagar tributo. Esta corda fica em poder do Chuanga, para os nós serem verificados pelo emphyteuta, se o exigir; porém poucas vezes o exige, e o mesmo Chuanga com o Fumo fazem a cobrança, sendo aquelle quem guarda o recebido.

Regularmente os tributos são pagos em Agosto ou Setembro, tempo em que já se tem feito e debulhado as colheitas. Cada casal de colonos paga um Quitundo de milho, que nunca tem menos de tres alqueires. O Fumo paga pela sua povoação, ordinariamente cinco Manxilas, que são os pannos de algodão

feitos pelos negros, e que já ficam descriptos; paga mais um determinado numero de gallinhas, segundo a extensão do Prazo, em logar das Insuas.

Estas são uma especie de formigas que, unidas em numerosissimas familias, habitam debaixo da terra. Ellas formam grandes montes em forma de pyramides conicas, d'onde na estação chuvosa saem para fora em grande quantidade, já então aladas: são do comprimento das vespas, porém mais grossas. N'esta época os cafres de noite vão com fachos accessos, e pondo-os diante das saídas ou buracos, as apanham em panellas, porque, á vista da luz, todas saem para fora. Estes insetos são para elles um delicado manjar; e eu mesmo os comi com appetite, não os achando máos sendo torrados com sal.

No Brasil chamam-se estes insectos Cupim; e n'esta parte da Africa, quando alados, têm o nome de Insua, e quando não têm azas, o de Muxern. N'este estado fazem muito estrago, e são de cor branca; mas quando têm azas são da cor da abelha. Tanto em um como em outro estado não têm ferrão, como a vespa, e sim uma fortissima torquez como a formiga, mas muito maior e de uma rijeza incrivel.

Os Fumos pagam as gallinhas em logar das formigas, que comem.

De dois em dois annos paga o Fumo um escravo com a denominação de Mafupa; o que significa = os ossos da carne da caça que comeu.

Quando morre no Prazo um elephante ou um Mirú (antilope similhante á gazella, mas da grandeza de um bom novilho, e de saborosissima carne) ou um porco montez; quer o animal seja morto por um caçador, laço, fera, ou por acidente, não pode o Fumo aproveitar-se de alguma parte da sua carne sem que o participe immediatamente ao Chuanga, o qual vae logo tomar conta d'elle, como pertencente a seu amo: e se elle não dá parte, e se utilisa de qualquer d'estes quadru-

pedes, incorre em um Milando de cabeça rapada; isto é, de ficar escravo com toda a sua família. Chama-se Milando de cabeça rapada, ao que tem por pena a escravidão, e isto porque, quando se compra um escravo, a primeira cousa que se lhe faz é mandar-lhe rapar toda a cabeça.

De todas as mais especies de caça pode dispôr o Fumo, sem dar participação alguma, porque para isso paga a Ma-fupa.

Quando um Fumo Fruca, isto é, quando muda de terra, não é obrigado senão a despedir-se do Chuanga, o qual dá parte a seu amo; e este providencia esta falta procurando substitui-lo por outro, para o que manda um Chuabo de Mis-sanga de boca para convidar um dos colonos mais ricos a aceitar o emprego, ou mesmo um Fumo que esteja em outra terra, mas que sabe que está descontente; e se o convidado aceita a boca, logo que se acabam de fazer as colheitas, Fruca, ou muda para o Prazo para onde foi convidado, e então o emphyteuta dá-lhe uma peça de Zuarte, um lenço e um frasco de aguardente, como signal de ser reconhecido e investido no logar de Fumo; ao que elle corresponde, passados dias, e ainda mesmo mezes, com uma Manxila, ao que se chama bater palmas, ou agradecer.

Nas fronteiras dos Prazos ha escravos postos em diferentes pontos, os quaes têm a denominação de Mucazambos: elles ordinariamente têm escravos seus e mulheres, com que formam boas povoações; não pagam tributo algum, e são uns segundos fiscaes.

O colono não pode vender o producto da sua cultura sem licença do emphyteuta, o qual nunca a concede sem que primeiro lhe tenha mandado distribuir, no principio da colheita, más fazendas para compra de generos agricolas, negocio que sempre é feito contra vontade dos vendedores, porque estes pagam os preços que o seu emphyteuta estabelece, o que absorve quasi tudo quanto o colono colhe, com o prejuizo, muitas

vezes, de quatrocentos por cento, não lhe restando recurso algum. A esta extorsão dá-se o nome de Inhamucangamiza.

N'estes domínios portuguezes é prohibido o uso do Muave: todavia não se faz caso muitas vezes d'esta proibição; e quando isto sucede, o Fumo do Prazo em que se deu o Muave, paga um escravo, e o mesmo é obrigado a fazer quando acontece morrer algum colono de desastre.

O que deixo dito é suficiente para se conhecer o que são Prazos da Coroa. Instituição pessima, que tambem existe nos territorios de Sofala, e que é incompativel com o melhoramento da agricultura, e desenvolvimento permanente e seguro do commercio e da industria fabril; e inteiramente opposta á liberdade civil, á segurança individual e ao direito de propriedade dos habitantes negros dos mesmos territorios, motivos estes pelos quaes deverá ser completamente abolida.

Este objecto foi tão minuciosamente tratado pelo erudito S. X. Botelho, na sua Memoria sobre os Dominios Portuguezes na Africa oriental, que n'esta parte pouco ha a accrescentar.

VII.

Outubro 6. — Continuámos a marcha para o S. tres legoas e meia, e chegámos ao Luane do Prazo Inhasingere, onde acampamos por causa da excessiva força do sol.

As tres horas e trinta e cinco minutos da tarde, seguindo para SO. duas legoas e meia, atravessámos pelo districto do Fumo do mesmo Prazo Chimsampa; e à vante d'elle legoa e meia passámos pela povoação do cafre Chinguambo, Muca-zambo do Prazo fateosim Chimambe; d'aqui andámos para o S., e com legoa e meia n'este rumo chegámos ao Luane da mesma terra Chimambe, onde acampámos.

Apresentou-se o soldado que tinha ido a Tete com a parte de ter entrado a expedição no territorio portuguez, o qual trouxe

recambiada a mesma parte, e referiu que achara alli como commandante interino da villa, o capitão de commissão A. J. Lamego Cabral, e que este abrira o officio e o lera, e que, mettendo-lhe dentro um bilhete, o tornara a fechar e o entregara ao mesmo soldado para este o levar ao commandante da villa, J. P. X. da Silva Botelho (sempre a má sorte nos apresenta um Botelho), que anda visitando as suas propriedades.

Esta resposta deixou-nos a adivinhar onde estaria o commandante da villa, e o motivo por que o interino se não julgava com auctoridade de dar providencias para que a expedição passasse o Zambeze para entrar em Tete, e tambem a causa por que elle não respondeu ao officio dirigido àquele comando.

Assim, a expedição, depois de dezasete mezes de trabalhosa e ardua digressão, tem de esperar que se procure, em parte incerta, a auctoridade militar, para se lhe dar parte da sua chegada, e para se lhe pedir que dê providencias para que possa passar o Zambeze e recolher á sua praça.

A vista d'isto resolveu o nosso commandante demorar aqui a expedição até que haja em Tete auctoridade competente para dar as ordens precisas. E abrindo depois o mencionado officio, achou dentro um bilhete do interino da villa, escripto ao commandante Botelho, no qual lhe dava satisfação de ter aberto a mencionada parte; e em que lhe rogava que lhe mandasse dizer a quem devia pedir as embarcações mencionadas para a passagem da expedição.

Sendo impraticável mandar em procura do dito commandante, pela incerteza do logar em que se achava, tornou o commandante a officiar ao mesmo interino, fazendo-lhe as reflexões que ficam expendidas.

Chegando aqui, achámos a familia do commandante da expedição, que o estava esperando, e tambem o Feitor da Fazenda da villa de Tete, João da Costa Cardoso, com toda a sua familia, que vieram para o mesmo fim.

Este Prazo pertence a D. Balbina Joaquina Nunes de Andrade; é uma das boas terras que ha no distrito da villa de Tete; produz com abundancia trigo, canna, de que se faz muito e bom assucar, algodao, tabaco, legumes, milhos, etc., e tem grande quantidade de arvores de fructos dos Tropicos.

Outubro 7 a 10. — No mesmo sitio, sem novidade.

Outubro 11. — No mesmo sitio.

Recebeu-se um officio do interino, em que procura desculpar-se por ter recambiado o primeiro officio do commandante, dizendo que fizera isto por nao ser effectivo, e não se julgar com poder de dar as providencias que n'elle se pediam. E agora não dá providencia alguma.

Foi o commandante accomnetido de uma dôr em um lado do corpo, e de uma febre fortissima.

Outubro 12. — Apresentou-se um soldado vindo de Tete com officios do governador da capitania para os commandantes. Despedimos logo o portador, accusando ao interino de Tete a recepção dos officios, e dando-lhe parte da molestia do commandante, que dá cuidado.

Outubro 13. — O commandante vae peior.

Outubro 14. — O commandante está peior, e a molestia é muito grave. Em consequencia d'isto reunimo-nos em conselho, e assentámos em marchar ámanhã para Tete; pelo que mandei logo um soldado para a villa, com communicação ao interino de que o commandante da expedição se acha perigosamente doente, e que por isso resolvemos chegar amanhã á margem do Zambeze, onde esperamos achar embarcações para passar para a villa, pois que não é possivel demorar-nos aqui mais tempo.

VIII.

Outubro 15. — Pela manhã continuámos a marcha para o S., e a uma legoa passámos o riacho Panjôvo, que corre para O. com quatro braças de largo e uma de alto; e a uma legoa adiante o repassámos, mas aqui está secco, e tem seis braças de largo e quatro de alto, e ávante legoa e meia chegámos á margem oriental do rio Zambeze, onde achámos embarcações para a passagem da expedição. Esta começou logo, e pelas quatro horas e dez minutos da tarde já toda ella estava na villa de Tete.

Em cumprimento de uma promessa que havíamos feito no Cazembe, foi o destacamento e os mais christãos em direitura á capella de Nossa Senhora da Assumpção do Marangue, e de lá á igreja de S. Domingos e de S. Antonio, para fazer oração.

Quando acabámos este dever religioso fomos cumprir com as etiquetas militares; e depois, recolhendo o destacamento ao forte de S. Thiago, onde a guarnição tem os seus quartéis, ali destroçou: havendo-lhe eu dado ordem de ámanhã de tarde se reunir para revista, a fim de que a gente regresse ás companhias a que pertence; e tambem lhe participei que o sr. governador concederá licença por dois meses a todos aquelles que a quizerem.

O commandante veiu entregue ao cuidado da sua familia e com todas as possíveis commodidades; mas apesar d'isso a agitação causada pela jornada, posto que esta fosse pequena, produziu tal efecto que chegou a Tete com as extremidades frias e quasi morto. Entretanto o muito cuidado que se lhe prestou e alguns remedios que se lhe applicaram, tornaram-no á vida; mas acha-se em muito perigo.

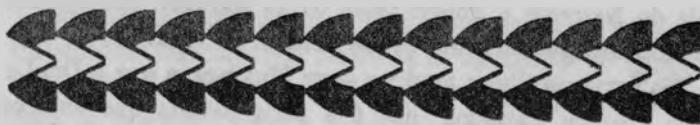
Outubro 16. — De tarde passei revista ao destacamento, e entreguei os homens ás suas respectivas companhias, ficando assim dissolvida a força da expedição ao Cazembe.

CAPITULO XII.

Conclusão

\int





De Lunda ao rio Chambeze contámos vinte e nove dias de marcha, nos quaes andámos noventa legoas e meia. Do Chambeze ao rio Aruangoa, vinte e dois dias, oitenta e oito legoas e meia. Do Aruangoa a Tete, vinte e cinco dias, cento e quatro legoas e meia. O que faz o total de setenta e seis dias de marcha, e de tresentas e tres legoas e meia.

Do Cazembe até ao rio Aruangoa caminha-se por um continuo deserto, onde não encontrámos recurso de qualidade alguma; porém desde aquelle rio até Tete, exceptuando poucas legoas, todo o paiz é povoadíssimo, e abundante de viveres, e por isso a marcha por elle torna-se facil, e mesmo agradavel.

SERRAS.

As possessões portuguezas de Tete e o paiz dos Maraves são excessivamente montanhosos: o territorio Cheva ainda tem algumas elevações, mas pouco a pouco vai-se aplanando.

As principaes serras que conheço n'esta parte da Africa são as que formam a Lupata do Zambeze, chamada Cavrantenga (se bem me recordo), as quaes atravessam grande extensão do

paiz do Nascente a Poente pelas terras Maraves, portuguezas, do Monomotapa, etc., até que se perdem de vista.

No territorio Cheva avulta a serra Muxinge, a que o Dr. Lacerda chamou Carlotina, que é a mais elevada que observei n'este territorio; a sua direcção é de Nascente a Poente.

No paiz que outr'ora pertencia aos Muizas, além do Aruângoa, eleva-se sobre todas a serra Muxinga, a que o referido viajante portuguez chamou Antonina, a qual atravessa o mesmo territorio. É de todas a mais alta que tenho visto. Tem a mesma direcção de Nascente a Poente, e é a unica que encontrámos n'esta parte, porque o resto do territorio que pertencia aos Muizas é uma continuada planicie.

DAMBOS.

Como já disse em outro lugar, os cafres chamam Dambos a uma extensão de terreno maior ou menor, mas totalmente plano, sem arvores nem arbustos de especie alguma, sendo a sua superficie toda coberta de relva viçosa que não excede a palmo e meio de altura. Em uma grande parte d'estes Dambos correm arroios com muita e limpida agua; outros ha que são pantanosos, e outros, finalmente, onde se não encontra agua alguma, porém estes são raros.

Principia-se a encontrar os Dambos nas terras dos Chevas, mas estes não são de desmarcada extensão. É, porém, além do Aruângoa que os encontrámos extraordinariamente grandes. Alguns vimos que, deixando-se uma das suas bordas e caminhando para a outra, se andam largos espaços em que parece estar-se no meio do Oceano, porque em toda a circumferencia até ao horizonte não se vê arvore nem arbusto algum. Quando os cafres atravessam estes Dambos fazem-no sempre pela sua menor largura, não perdendo nunca de vista o arvoredo que os orla; e quando têm que andar no comprimento o fazem sempre pelas suas extremas.

Magnificos e pingues pastos são estes terrenos, capazes de sustentarem innumeraveis manadas de cavallos e de bois como os campos dos dois lados do Rio da Prata, ou immensos rebanhos de ovelhas, como a Austrália; porém hoje sómente são desfructados por animaes sylvestres.

RIOS.

Os principaes rios que passámos foram o Zambeze, no territorio portuguez; o Mavuzi, no paiz dos Maraves; o Aruângoa do Norte, entre os Chevas e Muizas; e o Chambeze e Ruanceze, no territorio outr'ora Muiza. Todos elles na estação chuvosa são caudalosos, porém no estio são pobres para serem navegaveis; e posto que tenham sitios com muita profundidade, ha outros, porém, onde estão quasi secos. O Chambeze é aquelle que, depois do Zambeze, tem em maior extensao mais altura de agua, e que parece ser aquelle que com mais facilidade se poderia tornar navegável em todas as estações. Não sei com certeza onde desemboca, mas julgo provavel que vá lançar as suas aguas no Zambeze.

LAGOS.

Os lagos principaes que vimos foram o Luêna e o Mofo, ambos nos dominios do Cazembe. Dou-lhe o nome de lagos por assim o dizerem os indigenas, mas inclino-me a julgar que este ultimo é antes um rio; é verdade que não tem corrente sensivel, e o seu comprimento de N. a S. fica a perder de vista, e os Cazembes dizem que elle não despeja as suas aguas em nenhum outro. Tem peixe com abundancia, cavallos-marinhos e crocodilos. Vi dois rios abundantes d'agua que vão despejar n'elle, os quaes são ao Sul o Canengue, e ao Norte o Lunde: outros provavelmente o devem enriquecer, o que nos não foi possivel verificar pela prohibiçao que tivemos do Cazembe. Se o Mofo

fôr ria, e aquelle em que desaguar fôr tão rico de aguas como elle, poderia ser navegavel por embarcações de um grande lote.

Além dos que deixo mencionados debaixo da epigraphe lagos, existem varias lagoas, cujos nomes se acham notados n'este Diario, e que não repito aqui porque são de pouca importancia; mas todas ellas abundam em pescado e crocodilos.

POTENTADOS.

Os principaes potentados, por cujos territorios transitámos, foram o Unde, imperador dos Maraves; o Mucanda, rei dos Chevas; o Chiti-Muculo, rei dos Muembas; e o Muata-Cazembe, imperador dos Lundas ou Cazembes, o qual é entre todos estes potentados o que ostentava maior grandeza, poder e barbaridade.

Ha outros muitos chefes sujeitos a estes, dos quaes alguns dispõem de grande força; porém, como são subordinados, constituem parte do poder dos soberanos respectivos.

Também os Muembas ou Moluanes são hoje poderosos, e temidos pelo seu carácter feroz, que a posição territorial que ocupam lhes facilita exercitar.

ANIMAES DOMESTICOS.

Em toda a digressão que fizemos, os animaes domesticos que encontramos foram gallinhas, pombos, vaccas, carneiros, cabras e caes. De todas estas espécies usam os cafres como alimento. Vimos mui poucos gatos, e d'estes não tiram proveito algum. Vimos um porco sómente, que foi o da troca, que tão cara nos custou; em todo o sertão não observámos outro.

Desde que passámos o rio Aruângoa para o Norte, encontramos, nos logares onde havia gente, muita abundancia de pelles de lontra, a que os cafres chamam Catumbo, e de outro animal, que supponho ser alguma especie de martha, porque o

pello é curto, preto, muito fino e lustroso, a pelle é do tamanho, ou pouco maior do que a de uma lebre, e tem a mesma consistencia que a pelle de lontra, e não a de pergaminho, como a de coelho. Não vi animal algum d'estes, nem vivo nem morto, e dizem os cafres que elles habitam nos bosques proximos aos Dambos.

O preço regular de uma pelle de lontra é de cinco a dez fios de missanga, segundo o tamanho: e o das pequenas do outro animal é de dois a quatro fios, e quanto mais finas são as pelles tanto mais baratas custam. Acham-se estas peles até ao Cazembe.

Antes de terminar este escripto, direi que nenhuma nação da Europa tem estado em melhores circumstancias do que a portugueza, para com mais facilidade e menor despeza poder fazer a exploração de uma grande parte do interior da Africa, d'onde ainda hoje nada sabemos. Não posso atribuir a falta de o fazer senão á pouca importancia, e mesmo ao despreso e abandono em que os Governos, já desde tempos remotos, têm tido estas possessões ultramarinas, do que é prova o acharem-se ainda hoje os mananciaes da sua riqueza physica inexplorados, e ainda mesmo ignorados.

Da costa oriental da Africa para a occidental quasi todos os annos ha correspondencia por via dos navios de guerra que regressam da Asia, e que tocando em Moçambique, fazem escala por Benguella e Loanda, porém d'esta cidade para Moçambique não há meio de communicação com que se possa contar.

Para obter-se a passagem de um a outro ponto acho que o meio mais adequado de o conseguir consistiria em combinar a saída de uma expedição de Tete e de outra de Loanda, ambas com o principal destino a Lunda, de forma que se encontrassem alli. Reunidas as expedições, deveria procurar-se que, com todo o segredo, e em uma das primeiras noites do encontro, passasse parte da gente de cada uma para formar corpo com a outra.

No caso do Muata-Cazembe annuir á passagem da força de Tete para Angola, e da de Loanda para Tete, o que duvido, cada uma marcharia, servindo-lhe de guias os individuos que voltavam; e quando não consentisse, conseguir-se-ia comtudo o mesmo fim, porque cada uma das forças levaria consigo quem dirigesse a sua viagem.

Tambem se poderia tentar a passagem de uma á outra costa, subindo pelo Zambeze até ao Zumbo, e navegando d'ahi para cima, em quanto isso fosse praticavel: e se o Chambeze é um dos afluentes d'aquelle rio, talvez que por elle se podesse continuar a viagem, para a qual conviria empregar almadias ou canoas leves, proprias para navegar em pouca agua, e para serem transportadas por terra todas as vezes que os rios se achassem obstruidos por cachoeiras ou outros obstaculos.

A communicação entre as duas costas nao só traria um augmento de conhecimentos geographicos das regiões internas da Africa austral, mas faria conhecer novas vias de commercio, e permitiria a correspondencia das authoridades governativas e de outros habitantes das duas provincias.

As viagens de exploração d'estes sertões africanos têem sempre soffrido oposição, promovida por individuos residentes na província, interessados no trafico da escravatura, cujo espirito de intriga, ambição e rapacidade os tem determinado a suscitem toda a sorte de contrariedades a quem tal pretendia emprehender, a fim de que, desanimando, desistisse do seu intento. Estes individuos, vivendo na indolencia e na preguiça, que lhes proporcionavam os lucros adquiridos quasi que sem trabalho seu proprio, têem sido incansaveis em procurar entorpecer todas as medidas governativas, e as emprezas tentadas por particulares, que elles imaginavam poderem influir, directa ou indirectamente, para desarranjar as suas especulações; e como meio adequado para conseguirem este objecto, têem constantemente cuidado em empregar todos os esforços ao seu alcance para introduzirem a desconfiança e a discordia entre as diversas auctor-

ridades superiores, na idéa de que este estado produziria circumstancias que elles poderiam aproveitar para o unico fim que tinham em vista. Estes homens são a causa principal da decadencia da província de Moçambique, a qual não poderá entrar no caminho da prosperidade em quanto o trafico da escravatura não fôr de facto completamente extinto nos territórios que a constituem. (')

FIM DO DIARIO.

¹ Veja-se o Appendix V.

the first time in the history of the country, the number of deaths
from smallpox in a single year exceeded one thousand. The disease
was introduced into the country by a party of Indians who had
been trading at the fort of St. Louis. The Indians were
accused of having introduced the disease into the country, but
the Indians denied the charge, and the disease was attributed
to the want of knowledge of the Indians in regard to the
disease, and the want of knowledge of the white men in regard
to the disease.

The disease was introduced into the country by a party of Indians
who had been trading at the fort of St. Louis. The Indians were
accused of having introduced the disease into the country, but
the Indians denied the charge, and the disease was attributed
to the want of knowledge of the Indians in regard to the
disease, and the want of knowledge of the white men in regard
to the disease.



APENDICES

250145162

APPENDICE I.

A

**MAPPA DEMONSTRATIVO DA SORTEACAO REGULAR DE UM
BARE, OU FUMBA, DE FAZENDA DE LEI EMPREGADA
NO COMMERCIO DE RIOS DE SENA, EM 1852.**

| N.º das Peças | DESIGNAÇÃO DAS PEÇAS | Valores Em Panos * | | Total Em Panos | |
|---------------|----------------------|-----------------------|----------|-------------------|----------|
| | | Intrínseco | Fictício | Intrínseco | Fictício |
| 4 | Zuartes | 8 | 12 | 32 | 48 |
| 4 | Dotins | 8 | 12 | 32 | 48 |
| 4 | Botians | 8 | 8 | 32 | 32 |
| 12 | Carlanganins | 2 ^{1/2} | 8 | 5 | 16 |
| 4 | Xalles | 2 ^{1/2} | 4 | 10 | 16 |
| 40 | Ardjans | 2 ^{1/2} | 4 | 100 | 160 |
| 40 | Capotins | 2 | 2 | 80 | 80 |
| 98 | Sominas..... | | | 291 | 400 |

* O Pano é uma porção de fazenda d'algodão de uma braça de comprimento, cujo valor, que nos ultimos tempos andava por 120 réis fortes, servia, até á reforma monetaria de 1852, de unidade nas transacções comerciaes, e pagamentos aos empregados do estado.

A sorteação dada n'este mappa variajava segundo os portos portuguezes da Africa oriental onde se deviam fazer as transacções.

Deade que o auctor deixou Moçambique tem-se alterado consideravelmente esta sorte de commercio, sendo hoje (1853) preferidas as boas fazendas d'algodão de fabrica ingleza e americana aos tecidos da India.

Este mappa servirá para esclarecer alguns pontos do Diario da Expedição.

B

MAPPA DEMONSTRATIVO DAS ESPECIES DE FAZENDAS DE ALGODÃO, CHAMADAS DE LEI, TECIDAS NA INDIA, COM QUE REGULARMENTE SÃO FORNECIDAS AS FEITORIAS DA AFRICA ORIENTAL PORTUGUEZA, PARA PAGAMENTOS DE SOLDOS E MAIS ENCARGOS DO ESTADO, EM 1832.

| Designação das peças de Fato de Lei | Valor em Braças | | Valor em Réis | | OBSERVAÇÕES |
|-------------------------------------|-----------------|----------|---------------|--------|--|
| | Real | Ficticio | Fracos | Fortes | |
| Zuarde | 8 | 12 | 6\$000 | 2\$400 | E' uma fazenda d'algodão finta d'azul; a melhor é da Jambaceira. |
| Dotim..... | 8 | 12 | 6\$000 | 2\$400 | E' da mesma especie do Zuarde, mas sem tinta alguma. |
| Boftiam, ou Xella | 8 | 8 | 4\$000 | 1\$600 | E' riscado de alvadio e branco, mas mui ralo. |
| Carlangamin | 2 1/2 | 8 | 4\$000 | 1\$600 | E' riscado de encarnado e varias côres. |
| Tocurim | 2 1/2 | 8 | 4\$000 | 1\$600 | E' similarante ao Boftiam, mas muito inferior a elle. |
| Samater..... | 8 | 8 | 4\$000 | 1\$600 | E' branca, mui estreita, grossa, rala e ordinaria. |
| Cobra..... | 5 | 6 | 3\$000 | 1\$200 | E' riscada em listas largas ao comprido, mas muito ordinaria. |
| Coberta..... | 5 | 6 | 3\$000 | 1\$200 | E' toda pintada de ramagens, mas muito rala e ordinaria. |
| Gétim..... | 3 | 6 | 3\$000 | 1\$200 | E' igualmente pintada de côres, mas depreciada por má. |
| Xaile | 2 1/2 | 4 | 2\$000 | \$800 | E' pintada de encarnado, e estimada sendo boa. |
| Ardian | 2 1/2 | 4 | 2\$000 | \$800 | E' da mesma especie de Zuarde, com a diferença do tamanho. |
| Capotim,..... | 2 | 2 | 1\$000 | \$400 | Idem. Tanto a quella como esta são apreciaveis sendo boas. |

Além d'estas fazendas, vão missangas, que devem ser de massa e não de vidro, e redondas em vez de compridas. As côres e grossuras são segundo os pontos para onde vão. Para Quelimane devem ser brancas, pretas, verdes e cinzentas ; Sena, brancas e pretas ; Tete, brancas, pretas e côr de tijolo, mas grossas ; Sefala, brancas, côr de tijolo e cinzentas, grossas ; Inthambane e Lourenço Marques, de todas as côres e grossuras sorteadas : se forem de vidro, camutihio, ou vidrilho, nem de graça os caffres as querem aceitar.

APPENDICE II

Ofício do governador geral de Angola, de 30 d'Abri
de 1839, ao Ministro da Marinha e Ultramar,
em que participa haver recebido o officio dos
commandantes da expedição do Cazembe, datado
de Lunda em 10 de Maio de 1832.

III.^{as} e Ex.^{mo} Sr. — 1.^a Tenho a honra de expôr a V. Ex.^a
que na noite do dia 25 de corrente se me apresentou Manuel
Antonio Pires, alferes da companhia movele de Pungo-Andongo,
e alli negociante, o qual me entregou, no estado em que se
acha, o papel, que do mesmo modo remetto a V. Ex.^a, di-
zendo-me haver-lh'o trazido um dos seus Pombeiros, que pene-
trara no sertão até Lunda, Banza do potentado Cazembe, onde
lhe fora dado por um gentio d'aquelle nação, e de quem o havia
confiado o major José Manuel Correia Monteiro, que alli viera
em uma expedição explorativa, cuja narrativa faz o contexto
do mesmo papel, que é datado de Lunda, em 10 de Maio
de 1832. — 2.^a O dito alferes não podia, ou sabia explicar a
marcha que deveria ter seguido o mesmo major vindo de Tete
àquelle ponto (o que não era preciso, porque isto se acha bem
declarado na Memoria de Lacerda); mas até mesmo se con-
fundia a respeito dos caminhos, ou sua direcção desde Pungo-
Andongo até Luanda, caminhos que frequentavam algumas ve-
zes os seus Pombeiros; mas deixou perceber que as suas mar-
chas seguiam em muitas partes o curso do rio Quanza, dando

assim a entender que deixavam á esquerda as terras de Cassange, o que elle não sabia decidir, ou por atarantado, ou por ignorante. Entretanto aquelle papel (posto que eu por ora lhe não dê todo o credito) combina em grande parte com o resultado de outras anteriores pesquisas; e se houver em Pungo-Andongo, ou, melhor, no Duque de Bragança, por mais avançado no interior, uma colonia possante, como digo no meu officio n.^o 11, que ponha em respeito todo o sertão, estarão vencidas todas as maiores difficuldades, que offerece o commercio com a costa occidental; pois do Duque de Bragança para o Norte seguem terras de Hoholo, e logo os Moluas, que já deram provas de querer o nosso trato: além d'estes segue o Cazembe seu tributario, e logo estao os nossos aliados da fronteira do Rio de Sena. — 3.^o Talvez que partindo de Pungo-Andongo, e deixando os Cassanges á esquerda, o caminho seja mais curto e os povos intermedios sejam trataveis; mas o primeiro indicado já é conhecido. — 4.^o Eu, contudo, não descançarei na diligencia de communicar, o mais francamente que seja possivel, com as provincias da costa oriental d'esta regiao, a fim de ver se obtenho o commercio da Asia atravez do sertão, se a intriga e interesses estrangeiros não fizerem nascer obstaculos taes que sejam superiores a toda a energia e zelosa diligencia. — 5.^o Logo que eu tenha uma escuna á minha disposição, espero com ella explorar a embocadura (e curso até onde fôr praticavel) do rio Cunene; mas este objecto deve, por circumstancias que em outro tempo direi a V. Ex.^a, ser reservado. Esta exploração é de summa transcendencia para o objecto; porém a minha posição é tal que achando-me rodeado sempre das maiores intrigas; não vendo senão obstaculos, talvez postos por aquelles de quem eu esperava, e me deviam prestar os maiores auxilios nos meus projectos, vejo-me reduzido a faltar-me o tempo para escrever uma carta, mesmo apesar das minhas vigilias, e de não ter esperado o restabelecimento de duas grandes molestias, de que tenho sido atacado. — Deus

guarde a V. Ex.^a. — Loanda, 30 de Abril de 1839. Ill.^{mo} e Ex.^{mo}
Sr. Vinconde de Sá da Bandeira, Presidente do Conselho de
Ministros, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Estran-
geiros, e encarregado dos da Marinha e Ultamar. — *Antonio
Manuel de Noronha.*

NOTA DO AUCTOR.

A carta que escrevemos em Lunda foi recebida em Loanda quasi sete
annos depois da sua data. Foi por acaso que tive conhecimento d'esta
occorrência, lendo o relatório do ministro da marinha apresentado ás
Cortes em 1841.

O sr. vice-almirante Noronha diz no seu officio ao ministro que fôra
informado de que os Pombeiros, que faziam o caminho de Angola para
Lunda, seguiam por muitos dias o curso do rio Quanza, parecendo por
isso que deixavam ao norte as terras de Cassange. E, porém, certo que
entre este ultimo paiz e o Cazembe ha um commercio constante. Nada
mais direi sobre o conteúdo do mesmo officio. Refiro-me, porém, ao Diá-
rio da Expedição quanto a alguns pontos, que por elle poderão ser escla-
recidos.



APPENDICE III

Vocabulario de alguns termos da lingua cafrial do distrito
da villa de Tete, que é entendida nos territorios
Marave e Cheva.

A

| Portuguez | Cafrial |
|--|---------------------------------|
| Abelha | Arume. |
| Abóbora | Matanga. |
| Abrir | Fungúra. |
| Abrir (qualquer cousa) | Tumbúra. |
| Acabar | Da-pera. |
| Accender | Gaça. |
| Achar, ou vêr | Uónéca. |
| Adivinhar | Ombéza. |
| Adivinho, curandeiro, sorte de sacerdote | Ganga. |
| Aqua | Mazi. |
| Ahi mesmo | Icôco. |
| Ajuntar | Cóxéra, ou Iréca, ou Sequetiza. |
| Alicerce | Cabôco. |
| Almadia | Garáua. |
| Alisar, endireitar | Curanga. |
| Aljava, carczaz | Mutumba. |
| Amanha | Manguana. |
| Amarrar | Manga. |
| Amigo | Chicovera, ou Chamuar. |
| Amolar | Noca. |

Portuguez

Cafrial

| | |
|-------------------------------|-----------------|
| Andar | Famba. |
| Animal (fera) | Chirombo. |
| Anno | Gulóri. |
| Ante-hontem | Zana. |
| Apagar | Tuna. |
| Apalpar | Pata. |
| Apanhar | Lucóta. |
| Arco, ou qualquer curva | Uta. |
| Armazem | Churro. |
| Arrancar | Zuria. |
| Arroz | Umpunga. |
| Assentar (se) | Cara. |
| Assim mesmo | Dimômo. |
| Assoprar | Furiza. |
| Atirar | Ponha. |
| Atraz | Cumbáio. |
| Aves | Baràme. |
| Avô ou avó | Táta. |
| Azagaia | Tungo, ou Dipa. |

B

| | |
|----------------------|---------------------|
| Bala | Chipólo — polo. |
| Barba | Devo. |
| Barriga | Mimba. |
| Bater | Menha, ou Quapúra. |
| Bebado | Darêzera. |
| Beber | U — amua. |
| Bem | Abuhino. |
| Boca | Murômo. |
| Bocado | Chipande. |
| Bofes | Maçapi. |
| Boi | Gombi. |
| Bom | Adíde. |
| Bonito | Uâma. |
| Braços | Zanja. |
| Branco, claro | Chena. |
| Branco (homem) | Mozumgo. |
| Brincar | Urunga, ou Sinzáca. |
| Bufalo | Nhátim. |

C

Portuguez

Cafrial

| | |
|--|------------------------------|
| Cabeça | Mussôro. |
| Cabello | Cici. |
| Cabra | Buzi. |
| Cair | Agua. |
| Calabouço ou prisão | Caboco. |
| Calar | Inhamála. |
| Calcanhar | Chicocuenho. |
| Calor | Caluma. |
| Caminho | Gira. |
| Cançar | Anêta. |
| Cantar | Imba. |
| Cão | Imbuia. |
| Caracol, ou marisco | Cono. |
| Carne | Nhama. |
| Carneiro | Bira. |
| Casa | Nhumba. |
| Casar | Revorar. |
| Cavalo marinho, hippopotamo | Vúo. |
| Cavar | Cumba. |
| Cedo | Machibési. |
| Cemitério | Tengi. |
| Chamar | Uchaméra. |
| Chave (de ferro ou de páo) .. | Funguro. |
| Chegar | Cáfica. |
| Cheio | Azára. |
| Cheirar | Unca. |
| Chorar | Ríra. |
| Chover | Vumba — Vula. |
| Chupar | Uaama. |
| Chuva | Vura, ou Vuña. |
| Cobra | Nhóca. |
| Cobre | Safure. |
| Coçar | Cacózi. |
| Coche, embarcação grande de i só peça | Mucondo. |
| Coitadinho | Masquine. |
| Colxão | Godarim (palavra indiatica). |
| Com efeito | Ganga. |

Portuguez

Cafrial

| | |
|--|---------------------------|
| Comer | Adia. |
| Commerciante ambulante dos sertões | Mossambaz. |
| Como se chama? | Zina-ráco? |
| Comprar | Ugúra. |
| Comprido | Uatarimpa. |
| Comprimento (saüdaçao) | Dáo, dau Chicóvera. |
| Conhecer | Uneziva, ou Dezimdequira. |
| Contar | Verenga. |
| Coração | Metima. |
| Corda | Cambála. |
| Corpo | Manungo. |
| Correr | Ruvíro. |
| Cortar | Tima, ou Guata. |
| Coser (com agulha) | Sóna. |
| Cosinar | Pica. |
| Costas | Buió. |
| Cotovelos | Cunondo. |
| Couro | Parâme. |
| Creança | Muana. |
| Crocodilo | Inhacôco. |
| Cunhado | Murâmo. |
| Curto | Urrécama. |
| Cuspo | Echenhe. |
| Custar | Anénessa. |

D

| | |
|----------------------------|-----------------------|
| Dar | Uanina, ou Dipacé. |
| Dar pancadas | Quâpura. |
| Dar tiros | Eriza - futi. |
| Debaixo, ou em baixo | Pansi. |
| Dedos | Minue. |
| Deixar | Dacia. |
| Deixe vêr | Tinôna. |
| Dentes | Manu. |
| Depois d'ámanha | Mecucha. |
| Depressa | Flumira, ou Culumiza. |
| Desamarraçar | Sizúra. |
| Descançar | Tipuma. |

Portuguez

| |
|-------------------|
| Descer |
| Desmanchar |
| Despejar |
| Destapar |
| Deus |
| De vagar |
| Dever |
| Dia |
| Doente |
| D'onde vem? |
| Dormir |
| Duro |

Cafrial

| |
|-----------------|
| Sica. |
| Gúrira. |
| Catura. |
| Guanura. |
| Mutungo. |
| Famba Abúhino. |
| Mangáva. |
| Uachená. |
| Anduálla. |
| Abuhera - cupe? |
| Dagona. |
| Uma. |

E

| |
|---------------------------|
| Elephante |
| Embarcação |
| Embigo |
| Em cima |
| Emprestar |
| Encarnado (côr) |
| Enchada |
| Encher |
| Encontrar |
| Enganar |
| Ensinar |
| Entrar |
| Escarlate vivo |
| Escolher |
| Esconder |
| Escravo |
| Escrever |
| Escuro (noite) |
| Esfolar |
| Esfregar |
| Espelho |
| Esperar |
| Esperto, ou velhaco |
| Espingarda |
| Zou. |
| Garáua. |
| Chombo. |
| Pazuro. |
| Buéréca. |
| Cafuhira. |
| Páza. |
| Zuza. |
| Sangana. |
| Anamiza. |
| Nerúzi. |
| Pita. |
| Chipire - vire. |
| Sancura. |
| Ubissa. |
| Muzacázi. |
| Nemba. |
| Medima. |
| Cafende. |
| Pécussa. |
| Chiringueriro. |
| Vetéra, ou Chévé. |
| Uáchengéra. |
| Futi. |

Portuguez

Cafrial

| | |
|---|----------------------|
| Espinhaço de homem ou quaudrupede | Mussâna. |
| Espinho | Minga. |
| Esquecer | Óduára. |
| Esquerdo | Mazere. |
| Estar acordado | Adapenca. |
| Esteira de canna | Lupássa. |
| Estender, espalhar | Pambura, ou Eanique. |
| Estrella | Nheze. |

F

| | |
|-----------------------------|----------------|
| Faca | Xisso. |
| Fallar | Réva. |
| Farinha | Ufa. |
| Fazer ponta, aguçar | Songa. |
| Fazer | Chita. |
| Fechadura | Funguro. |
| Fechar | Funga. |
| Feder | Nunca. |
| Feijão | Nhemba. |
| Feio | Uaípa. |
| Ferir | Lássa. |
| Ferro | Utári. |
| Figado | Chirôpa. |
| Filho | Muana. |
| Fio (linhas e outros) | Ussálo. |
| Fogo | Môto. |
| Fome | Jára. |
| Formiga | Nherêre. |
| Formiga | Muxem. |
| Francisco (nome de homem).. | Fancico. |
| Frecha | Misséve. |
| Frio, adj. | Acuzizira. |
| Frio (tempo) subst. | Pepo. |
| Fugir | Táua. |
| Fumo | Ussi. |
| Furtar | Cuba, ou Uába. |

G

| | |
|----------------------------|-----------|
| Galinha | Cuco. |
| Gallo | Zongue. |
| Gamella | Diro. |
| Gamella de minerar | Zamba. |
| Garganta | Cóci. |
| Golpelha de palma | Fumba. |
| Gordo | Uanénépa. |
| Gordura | Futa. |
| Governador (cafre) | Fumo. |
| Governador de Rios de Sena | Geral. |
| Grande | Mucuro. |
| Gritar | Cúa. |
| Grosso | Uacúra. |
| Guardar | Vica. |
| Guerra | Condo. |

H

| | |
|--|----------|
| Hoje | Réro. |
| Hombros | Mapêna. |
| Homem | Mamuna. |
| Homem amancebado | Rafião. |
| Homem de raça branca ou parda | Mozungo. |
| Hontem | Zuró. |

I

| | |
|------------------|---------|
| Ilha | Sua. |
| Inveja | Véja. |
| Inverno | Mainza. |
| Ir | Uaenda. |
| Irmão | Bare. |
| Isso mesmo | Izobzi. |

J

| | |
|--------------|----------|
| Joelho | Mabôndo. |
| Jogo | Juga. |

Portuguez

Cafrial

| | |
|----------------------------|-------|
| José (nome de homem) | Zuze. |
| Jugo (legume) | Zama. |

L

| | |
|-------------------------|-----------------------------|
| Ladrão | Báva. |
| Lamber | Anguta. |
| Largar | Réca. |
| Lavar | Câsfura. |
| Leão | Pondóro. |
| Lebre | Suro. |
| Leite | Mocáca. |
| Leito | Cataló (palavra indiatica). |
| Lembrar | Diuála, ou Cumbuca. |
| Leva rumor | Ó réva - réva. |
| Levar | Tacúra. |
| Leve, sem peso | Darúra. |
| Limpar | Pecuta. |
| Lingua | Lelime. |
| Livre, ou liberto | Furro. |
| Longe | Patári. |
| Lua | Muceze. |

M

| | |
|---|-----------|
| Macaco | Conu. |
| Machado | Bázó. |
| Madrugada | Cíachéna. |
| Mãe | Mama. |
| Magro | Uonda. |
| Maior | Mucuro. |
| Mais | Teniza. |
| Mal | Uadaipa. |
| Mama | Maibeli. |
| Mandar | Catúma. |
| Mão | Manja. |
| Mão de pilão | Mussi. |
| Marfim (toda a qualidade de pontas) | Minhangá. |
| Massa (pão cafrial) | Sima. |



Portuguez

| |
|-------------------------------------|
| Matar |
| Matto |
| Mau |
| Medir |
| Medo |
| Meia-noite |
| Mel |
| Menor |
| Menos |
| Mentira |
| Mentiroso |
| Metter, dentro (para) |
| Meu |
| Meu amo |
| Milho |
| Milho grosso, ou de Guiné |
| Misturar |
| Moer |
| Mole |
| Molhar |
| Morter |
| Moscas |
| Mosquito |
| Mostrar |
| Motim |
| Muito |
| Mulher |
| Mulher amancebada |
| Mulher de raça branca |
| Mulher mulata ou parda |
| Mulher preta livre amancebada |

Cafrial

| |
|-------------------|
| Cupa, ou Báia. |
| Metengo. |
| Udaipa. |
| Pima. |
| Gópa. |
| Pacatepa ussico. |
| Uxe. |
| Pangono. |
| Pangura. |
| Cúnama. |
| Magunca, ou Boza. |
| Paquira. |
| Ango. |
| Buiá. |
| Mapira. |
| Macáca. |
| Sequetiza. |
| Péia. |
| Feva. |
| Tota. |
| Uáfa. |
| Chenge. |
| Buibidue. |
| Lenga. |
| Révaréva. |
| Bseninge. |
| Mucázi. |
| Rancáia. |
| Dona. |
| Senhára. |
| Nhánhe. |

N

| |
|--------------------|
| Nadegas |
| Não |
| Não conhecer |
| Não poder |
| Não quero |

| |
|----------------------|
| Matácu. |
| Ahi - ahi. |
| Senaziva. |
| Daúmariza - nái. |
| Dacana, ou Dinhônho. |

| | |
|---------------------|-----------------|
| Não saber | Senaziva. |
| Não ter | Apána. |
| Nariz | Puno. |
| Nascer | Uaméra. |
| Nascer do sol | Choca-Zua. |
| Negar | Aconda. |
| Noite | Ussico. |
| Noite clara | Cuchena. |
| Nosso | Atum. |
| Novo | Ipsa, ou Xipsa. |
| Nuvem | Tambo. |

| | |
|----------------------------|------------------------|
| Offender | Daparamura. |
| Olhos | Másso. |
| Onde vae? | Uaenda - cupe? |
| O pôr do sol | Uadóca Zua, ou Zua Xó. |
| O que quer? | Ningi, ou Bzinhe. |
| O que quer por isso? | Unifunange. |
| Orelhas | Macúto. |
| Ossos | Fupa. |
| Ourina | Metundo. |
| Ourinar | Tunda. |
| Ouro | Darama. |
| Outro | Inango. |
| Ouvir | Obziva. |
| Ovos | Mazai. |

P

| | |
|-------------------------------|--------------|
| Padre (eclesiástico) | Cacisse. |
| Pae | Bába. |
| Pagar | Préca. |
| Palha | Ussua. |
| Palito | Mute a manu. |
| Panela | Calango. |
| Panno tecido (qualquer) | Guó. |
| Papel | Crata. |
| Parar | Emira. |

Portuguez

Cefrial

| | |
|--|---------------------|
| Parir | Uabára. |
| Passar | Pita. |
| Patos | Marrata. |
| Pau | Miti. |
| Peça (bôca de fogo) | Mezinga. |
| Pedaço | Chipande. |
| Pedir | Pampa. |
| Pedra de moer | Peio. |
| Pedras | Mencala. |
| Pegue | Pata. |
| Peito | Combe. |
| Peixe | Somba. |
| Pelle | Paráme. |
| Pendurar | Manica. |
| Penna | Mantenga. |
| Pequeno | Pangono. |
| Percevejo | Sequize. |
| Perder | Utáia. |
| Perdiz | Chicuáre. |
| Perguntar | Vunza. |
| Pernas | Múendo. |
| Perto | Fupi. |
| Pés | Minhendo. |
| Pescoço | Cóssi. |
| Pesar | Datéméra. |
| Pilão | Banda. |
| Pintar | Nemba, ou Namavára. |
| Piolho | Savava. |
| Pleito, questao | Milando. |
| Polvora | Unga. |
| Pombe (bebida de milho fermentada) | Bádua. |
| Pombos | Gangaíva. |
| Pôr | Tira. |
| Porco | Incumba. |
| Pôr direito (parallello) | Lungama. |
| Porta | Messua. |
| Pouco | Pangono. |
| Povoaçao | Muzi. |

Portuguez

Cafrial

| | |
|-------------------|-----------------------|
| Praia | Goombe. |
| Prenhe | Adacúta, ou Anamimba. |
| Preto (cor) | Ocupipa. |
| Principiar | Atôma. |
| Pulga | Uvavani. |

Q

| | |
|-----------------------|-----------|
| Quebrar | Tióra. |
| Queimar | Dápsa. |
| Queixar | Quaquira. |
| Quente | Datenta. |
| Querer | Funa. |
| Quizumba (fera) | Tica. |

R

| | |
|------------------------|-------------------|
| Raiz | Mizi. |
| Rapar | Pára. |
| Rapaz adulto | Bixo. |
| Rapaz não adulto | Muãni. |
| Rasgar | Parára. |
| Rato | Macoso. |
| Rebentar | Dapuquira. |
| Receber | Tambira. |
| Rede | Uconde. |
| Remar | Chápa. |
| Remos | Gombo. |
| Repartir | Pambuca, ou Gíva. |
| Responder | Tavira. |
| Rijo | Uaumma. |
| Rir | Séca. |
| Róla | Gíva. |
| Rosto | Cópe. |

S

| | |
|---------------|------------|
| Saber | Dáziva. |
| Sacudir | Concumura. |
| Sair | Chóca. |

Portuguez

Castril

| | |
|--------------------------|------------|
| Sal | Munho. |
| Sangue | Murópa. |
| Sanguesuga | Sunguno. |
| Saudé | Móio. |
| Sede | Nhóta. |
| Segurar | Sunga. |
| Semeiar | Cábzára. |
| Serviço (ocupação) | Bássa. |
| Seu | Anum. |
| Sim | Inde. |
| Só | Eca. |
| Sogra | Mábzála. |
| Sogro | Tátábzála. |
| Sol | Zua. |
| Somno | Turo. |
| Sonho | Róta. |
| Subir | Quira. |
| Suspender | Sangica. |

T

| | |
|--|----------------|
| Tabaco | Fódea. |
| Tamarineiro (árvore e a sua fruta) | Ussica. |
| Tapar | Guanira. |
| Ter | Eripo. |
| Terra | Mataca. |
| Testa | Cúma. |
| Teto (e toda a cobertura da casa) | Sombreiro. |
| Tigre | Nharugué. |
| Tirar | Chóssa. |
| Tocar a rebate | Inban - condo. |
| Tocar (instrumento) | Riza. |
| Tolo | Uapussa. |
| Tomar | Tambira. |
| Torcer | Riza. |
| Tossir | Chifúa. |
| Travesseiro | Samiro. |

Portuguez

Cofrial

| | |
|--------------|------------|
| Trazer | Zana - aú. |
| Tripas | Buio. |
| Trocár | Sinta. |
| Trovão | Murungo. |

U

| | |
|------------|--------|
| Unha | Chára. |
|------------|--------|

V

| | |
|---------------------|--------------------|
| Vae | Simuca. |
| Valha-me Deus | Boianga-a-Murungo. |
| Varrer | Chipsaira. |
| Vasar | Cutura. |
| Veiu? | Bueré? |
| Velho | Caramba. |
| Vende? | Maronda? |
| Vender | Ugurissa. |
| Venha | Buéra. |
| Verão | Cherimo. |
| Verde (cor) | Massambadimo. |
| Vergonha | Manhazo. |
| Vestir | Válla. |
| Vida | Penia. |
| Voar | Bruca. |
| Voltar | Buhéréra. |

Z

| | |
|-------------|-------|
| Zebra | Bize. |
|-------------|-------|

As pessoas dos verbos distinguem-se só por si pela fórmula seguinte:

Portuguez

Cofrial

| | | | |
|------------|------|-------------|-------|
| Eu | Iné. | Nós | Ifé. |
| Tu | Iué. | Vós | Imué. |
| Elle | Ié. | Elles | Ii. |

Mas quando se falla, já estes pronomes se não distinguem nos verbos, como por exemplo:

Portuguez

| | |
|--------------------|--------------|
| Eu quero | Unifuna. |
| Tu queres | Funa. |
| Elle quer | Ufuna. |
| Nós queremos | Ufuna - ife. |
| Vós quereis | Ufuna imue. |
| Elles querem | Unifuna. |

Cafrial

| | |
|----------------|-----------|
| Vou | Dinienda. |
| Vae | Dócó. |
| Vamo-nos | Tiendi. |
| Vão-se | Dócóne. |

Todo o nome precedido de *che* é aumentativo, como por exemplo: um pau grande — che-muti; um homem grande — che-mamuna.

Todo aquele que é precedido de *ca* é deminutivo, como por exemplo: uma mulher pequena — Ca-mucaze; um peixe pequeno — Ca-sombra.

Estes cafres usam muito de acenos, e têm maneiras de se expressarem por elles de forma que se nao podem escrever.

Por exemplo: Querendo mencionar qualquer objecto que vae fugindo ou desapparecendo, dirigem a vista para elle, estendem o braço direito para o lugar onde elle estava, e dando estalos com os dedos pollegar e index, acompanham com a boca em um som agudo o monosyllabo repetido = Gúiô=Gúiô=Gúiô=

Quando querem dizer que ao sol posto chegaram a um lugar designado, ou que lhes aconteceu tal caso, dizem = Zua-Chó= acompanhando esta ultima palavra com uma passagem da palma da mao pela boca.

Para indicar a hora do dia, fazem um gesto, apontando para a altura do sol.

Usam ainda de outros sons e accionados, pelos quaes se entendem, mas que não é possivel descrever, e que sómente a prática pôde fazer comprehendêr.

Parece-me que seria muito difficult reduzir esta linguagem a regras grammaticaes.

Estes cafres não pronunciam os artigos, nem distinguem o número plural do singular senão pelo sentido da phrase; por exemplo: uma embarcação — Garáua; embarcações — Garáua.

Portuguez

| | |
|--------------------------------|-------|
| O José já foi? | |
| Sim. | |
| Foi por terra ou embarcado? | |
| Foi embarcado. | |
| As embarcações chegaram. | |
| Vem gente | |
| Que gente é? | |
| Um homem | |
| Muitos homens | |
| Uma mulher | |
| Muitas mulheres | |
| D'onde vens? | |
| Venho de casa | |
| Venho do rio | |
| Venho da outra margem | |
| Leva o cacete | |
| Põem-no em cima d'aquela pedra | |
| Poe a toalha na mesa | |
| Traze garfos | |
| Traze facas | |
| Traze o pau | |

Cafrial

| |
|-------------------------------------|
| Zuze naenda? |
| Inde. |
| Uaenda mo garáua? ou Uaenda pansi? |
| Uaenda mo garáua. |
| Garáua uáza. |
| Amiza vantum. |
| Vantum ane? |
| Mamuna umoze. |
| Mamuna bzeninge. |
| Mucaze umoze. |
| Mucaze bzeninge. |
| Abuhera cupe? |
| Abuhera nhumba. |
| Abuhera mo gombe. |
| Abuhera mo lambo. |
| Tueura gronombo. |
| Tira pa zuro pa miara (ou miniala). |
| Tir aguó pa meza. |
| Zana garúfo. |
| Zana chisso. |
| Zana muti. |

Maneira de contar dos cafres das vizinhanças de Tete,
a qual é quase geral em toda esta parte da África,
com pequenas modificações entre alguns povos,
que, contudo, são entendidas por todos.

- | | |
|---------------------------------------|---|
| 1 — Posse. | 27 — Macume a vire na zi- nómué. |
| 2 — Pire. | 28 — Macume a vire na zi- sére. |
| 3 — Tato. | 29 — Macume a vire na fem- ba. |
| 4 — Nái. | 30 — Macume a tátó. |
| 5 — Chano. | 40 — Macume a nái. |
| 6 — Tantáto. | 50 — Macume a cháno. |
| 7 — Chinómue. | 60 — Macume a tantáto. |
| 8 — Séré. | 70 — Macume a nómue. |
| 9 — Femba. | 80 — Macume a sére. |
| 10 — Cume. | 90 — Macume a femba. |
| 11 — Cume na moze. | 100 — Zana. |
| 12 — Cume na zivire. | 104 — Zana na zinai. |
| 13 — Cume na tátó. | 120 — Zana na macume a vi- re. |
| 14 — Cume na zinái. | 138 — Zana na macume a tato na zisére. |
| 15 — Cume na zicháno. | 200 — Zana ma vire. |
| 16 — Cume na tantáto. | 300 — Zana ma tato. |
| 17 — Cume na nómue. | 400 — Zana ma nái. |
| 18 — Cume na zisére. | 500 — Zana ma cháno. |
| 19 — Cume na zifemba. | 600 — Zana ma tantáto. |
| 20 — Macume a vire. | 700 — Zana ma nómue. |
| 21 — Macume a vire na moze. | 800 — Zana ma sére. |
| 22 — Macume a vire na zivire. | 900 — Zana ma femba. |
| 23 — Macume a vire na zi- tátó. | 1:000 — Zana ma cume. |
| 24 — Macume a vire na zinái. | 1:100 — Zana ma cume na zana umose. |
| 25 — Macume a vire na zi- chano. | |
| 26 — Macume a vire na zi- tantálo. | |

Usam, pois, estes cafres, nas suas contas, de um sistema decimal. Cada dezena é contada separadamente, e a ella juntam as unidades que a excedem. Raras vezes contam mil.

Exemplos: Para designar o numero 15, contam primeiro até 10, Cume; e depois de 1 até 5, chano; e dizem: Cume na zichano, isto é, dez e cinco. Juntam tambem a syllaba *zi* a algumas das unidades.

| | |
|---|---|
| 17 — Cume na nómue | Dez e sete. |
| 30 — Macume a tato | Dez vezes tres. |
| 60 — Macume a tantato | Dez vezes seis. |
| 97 — Macume a femba na zinómue | Dez vezes nove e sete. |
| 100 — Zana | Cem. |
| 200 — Zana ma vire | Cem duas vezes. |
| 264 — Zana ma vire na macume a tantáto na zinái | Cem duas vezes, e dez seis vezes, e quatro. |

Quando precisam levar consigo a conta, fazem golpes na ponta de um pau, ou fazem nós em uma corda, que guardam para apresentar. Cada golpe ou nó representa uma dezena, e as unidades são também representadas por golpes ou nós feitos no outro extremo do pau ou da corda. — Se a conta contém centenas, sao estas designadas pelos golpes ou nós de um dos extremos, e as dezenas pelos do outro.

APPENDICE IV

Vocabulario de alguns termos das línguas Muiza e Messilla, que são entendidos desde as terras dos Chévas até ao Cazembe.

Portuguez

Cafrial

A

| | |
|---------------------|------------------------|
| Abrir | Fungúlla. |
| Acabar | Apúa. |
| Accender | Ácia. |
| Achar | Quavissunga. |
| Agua | Emenda. |
| Ahi mesmo | Pencapa. |
| Amanha | Mairo. |
| Amigo | Muanance. |
| Animal (fera) | Filuani. |
| Anno | Muáca. |
| Apagar | Timia. |
| Aquillo | Filia. |
| Assentar-se | Cállea. |
| Assim mesmo | Fenquífio, ou Lecósso. |
| Atraz | Cunuma. |

B

| | |
|---------------|---------|
| Barba | Muevo. |
| Barrar | Culua. |
| Barriga | Munda. |
| Batatas | Chumbo. |

Portuguez

Cafrial

| | |
|------------------------|----------|
| Bexigas (doença) | Peleme. |
| Bôcca | Pacanua. |
| Bois | Gombe. |
| Bom | Uéme. |
| Braços | Mabôco. |
| Branco | Acutóca. |
| Búfalo | Imbôbo. |

C

| | |
|------------------------------|--------------|
| Cabeça | Mutue. |
| Cabellos | Mecisse. |
| Cabrito | Impembe. |
| Cadeira | Utanda. |
| Calcanhar | Cachincillo. |
| Cale-se | Selica . |
| Caminho | Zilla. |
| Cançar | Cunáca. |
| Canella | Miconso. |
| Cão | Cábua. |
| Carne | Inama. |
| Carneiro | Mucôco. |
| Caza | Ganda. |
| Casar | Cupua. |
| Chamar | Muhita. |
| Cheio | Fiâessula. |
| Cobra | Inzóca. |
| Cobre | Cua. |
| Coçar | Cáfuena. |
| Com effeito | Cansi. |
| Comer | Alia. |
| Comprar | Sita. |
| Comprido | Mutáli. |
| Comprimento (saudacão) | Ulongó. |
| Contar | Pendene. |
| Cópos | Lessumo. |
| Corda | Zize. |
| Corpo | Muile. |
| Coser | Cussóca. |

Portuguez

Cafrial

| | |
|---------|----------|
| Cosinar | Cuipica. |
| Curto | Muisse. |

D

| | |
|-----------------|------------------------|
| Dar | Sipa. |
| Descer | Cutentemuca. |
| Deixar | Leca. |
| Dê-me | Nipe. |
| Depressa | Uangluca, ou Suapálla. |
| Despedir | Cutumbucia. |
| Deus | Pambe, ou Lêza. |
| Devagar | Bunquebenque. |
| Diante | Cuntanzi. |
| Dizer | Nibule. |
| Depois d'amanhã | Mulondo. |
| Dores | Uissáça. |
| Dormir | Colálla. |

E

| | |
|-----------------|--------------------|
| Elephante | Jôu. |
| Em baixo | Pansi. |
| Em cima | Péulo. |
| Encarnada (cor) | Acutida. |
| Enchada | Lucásso, |
| Encher | Zuziene, |
| Encontrar | Vácumana, |
| Entrar | Inguila. |
| Enxugar | Filcumile. |
| Escolher | Sancula. |
| Esconder | Fissa. |
| Escravo | Muzia. |
| Esfregar | Cussumuna. |
| Espelho | Chitalilo. |
| Esperar | Pembela, ou Linda. |
| Epingarda | Puto. |
| Espinho | Mungua. |
| Estar acordado | Acólala. |

F

| | |
|----------------|-----------------------|
| Fallar | Sóça. |
| Farinha | Unga. |
| Feder | Uca. |
| Feijão | Incunde. |
| Ferro | Ulenge. |
| Fino | Canixe. |
| Fogo | Mulilo. |
| Fome | Zalla. |
| Fora | Cuissonde. |
| Formigas | Unhenene. |
| Fraco | Táualicóza - mufisso. |
| Frasco | Muimplêto. |
| Fugir | Fiuca. |

G

| | |
|----------------|---------|
| Gallinha | Incôco. |
| Gordo | Uaina. |
| Grande | Muçúlu. |
| Grosso | Ficúlo. |
| Guerra | Vita. |

H

| | |
|--------------|--------------------------------|
| Hoje | Lello. |
| Homem | Manalume, <i>ou</i> Mucancála. |
| Hontem | Zuló. |

I

| | |
|----------|-------------------------|
| Ir | Uáia, <i>ou</i> Muália. |
|----------|-------------------------|

J

| | |
|---------------------|----------|
| Jugo (legume) | Catório. |
|---------------------|----------|

L

| | |
|-----------------|-------------|
| Lagartixa | Malenguéua. |
| Largar | Léca. |
| Lavar | Sanfia. |
| Leão | C lamo. |
| Levar | Tuála. |
| Lingoa | Lulime. |
| Longe | Paláti. |
| Lua | Gondo. |

M

| | |
|--------------------------------|------------------------------|
| Machado | Catêmo. |
| Magro | Uálionda. |
| Mandar | Mutume. |
| Mão de pilao | Muinse. |
| Mãos | Chicassálla. |
| Marfim | Jôvo. |
| Massa (pão cafríal) | Buáli. |
| Matar | Muipáia. |
| Matto | Panga. |
| Mau | Uaifia. |
| Mendobim | Isuama. |
| Menstruação | Cumazembe, ou Cumuáca. |
| Milho | Massaca. |
| Milho grosso ou de Guiné | Cunga, ou Cavaca, ou Matáva. |
| Milho painço | Lupondo. |
| Missanga | Tunseco. |
| Moer | Cupélla. |
| Molhar | Caombanamenda. |
| Moscas | Valunci. |
| Mosquitos | Tubuibué. |
| Mostrar | Nilangue. |
| Muito | Finge. |
| Mulher | Manacazi. |

N

| | |
|----------------------|----------------|
| Não há | Tátuquate. |
| Não presta | Chinangua. |
| Não querer | Sicófáia. |
| Não saber | Tachizicúsiva. |
| Não ler | Tapáli. |
| Nariz | Miôna. |
| Náxemim (grão) | Catiai. |
| Novo | Chúcapua. |

O

| | |
|-------------------|---------------|
| Olhos | Menço. |
| O que quer? | Chindacofáia. |
| Orelhas | Mátuê. |
| Ouvir | Onfúa. |
| Ovos | Matêta. |

P

| | |
|--------------------------------|----------------------|
| Palha | Chane. |
| Panella | Nongo. |
| Panella de carregar agua | Mulondo. |
| Panella pequena | Insápa. |
| Parar | Emelila. |
| Passar | Inguila. |
| Pau | Chiti. |
| Pedir | Lomba. |
| Pedra de moer | Libueluacupélla. |
| Pedras | Mábue. |
| Pegue | Múicáte, ou Muquate. |
| Peixe | Maçavi. |
| Pelle | Impápa. |
| Perder | Toa. |
| Pernas | Matanta. |
| Pescoço | Mucósi. |
| Pilão | Chino. |
| Pilar | Utua. |



Portuguez

Cafrial

| | |
|-------------------|-------------|
| Pôr | Pôza. |
| Porco | Chibondo. |
| Porta | Muliango. |
| Pouco | Finine. |
| Povoação | Mui. |
| Prato | Chicampilo. |
| Preto (cor) | Acufita. |

Q

| | |
|--------------------------|-----------------|
| Que diz? | Chindocolavila? |
| Quente | Dapía . |
| Querer | Cópáia. |
| Quissáve (conduto) | Munani. |
| Quitundo (cesto) | Impulpo. |
| Quizumba (fera) | Chimbue. |

R

| | |
|------------------------|-------------|
| Rapaz adulto | Songualume. |
| Rapaz não adulto | Muanixe. |
| Receber | Póqué. |
| Rijo | Uacóssa. |
| Rotim indigena | Camama. |

S

| | |
|------------------------------|-----------|
| Saber | Uáissiva. |
| Sair | Fuma. |
| Sal | Mungua. |
| Serviço (occupaçao) | Melimo. |
| Solla do pé | Lucóssa. |
| Sobreiro (chapéo de sol) ... | Chisêche. |
| Subir | Cunina. |

T

| | |
|--------------|----------|
| Tabaco | Fuanca. |
| Ter | Épófile. |

Portuguez

Cafrial

| | |
|-------------------------|------------|
| Terra | Maloua. |
| Testa | Chilunge. |
| Tigre | Chissumpa. |
| Tirar | Fumica. |
| Tocar instrumento | Cólisia. |
| Tolo | Uápunama. |
| Trazer | Léta. |

V

| | |
|---------------------|----------|
| Vá | Cávié. |
| Varrer | Pianga. |
| Vazar | Tamuli. |
| Velho | Chacota. |
| Vender | Sita. |
| Vida | Muéio. |
| Vir, ou venha | Issa. |

A maneira de contar é a mesma que na lingoa do districto da villa de Tete e no Marave, etc.

Todos os povos cafres usam da mesma forma de accionados para se fazerem entender.

Não têm declinação de nomes, nem conjugação de verbos.

Quem conhece esta lingoa pode transitar desde o território Marave para os vastíssimos sertões do Norte, e fazer-se entender pelos povos que os habitam.

Nota do Editor

Tendo-se feito a comparação dos termos que contêm os dois precedentes vocabulários com os correspondentes dos dicionários impressos em Lisboa, das linguas Bundá e Congueza, as quaes são falladas em Angola, no Congo e outros vastos paizes da Africa occidental, acharam-se tão poucas relações

entre elles, que apenas foi possível formar a pequena collecção que adiante vae transcrita. Sendo, porém, digno de notar-se que esta falta de affinidades é menor entre as palavras que dizem respeito à numeração, como se poderá observar na taboada que se acha no fim d'esta nota.

COLECCAO DE ALGUNS TERMOS DAS LINGUAS ABAIKO DESIGNADAS.

| PORTUGUEZ | TETE | MUIZA | CONGUEZ | BUNDO |
|-----------------------|-----------|-----------|----------------|---------------------|
| Abrir | Pungura. | Funguita. | Juguita. | Cagincula. |
| Agua | — | Emenda. | — | Menha. |
| Boca | — | Pacanua. | Nunúa. | Macanu. |
| Bracos | — | Mabóco. | Cóco. | Mácu. |
| Cabeca. | — | Muttue. | Nitti. | Mútue. |
| Caminho. | Gira. | Zilia. | Ngilla. | Ngilla. |
| Deus. | Murungo. | Pambe. | Zambi-ampungu. | Zambi. |
| Elephantie, | Zon. | Jou. | Nzau. | — |
| Espinagada. | Futi. | Puto. | Tampitú. | Huta. ⁴⁴ |
| Escolher. | Sancuta. | Sancutia. | Sola. | Cuóla. |
| Escravo. | Muzacazi. | Muzila. | Moái. | — |
| Filho. | Mutana. | — | Moana. | Móna. |
| Fome. | Iára. | Zalla. | Nzala. | Nzalla. |
| Galinha. | Cíco. | Irêoco. | Nsissu. | — |
| Guerra. | Vica. | Vita. | Ita. | Ita. |
| Lingua. | Lelime. | Lulime. | Ririmí. | Ririmí. |
| Luta. | — | Gondo. | Gonde. | — |
| Mãe. | Mâna. | — | — | — |
| Milho. | Mucaca. | Massaca. | Mâma. | Mâma. |
| Orelhas. | Macuto. | Matue. | Massa. | Massa. |
| Potentado. | — | Mambo. | Mátui. | Mátui. |
| Sacerdote ou adivinho | Ganga. | Fuanca. | — | Nemnto. |
| Tataco. | — | — | Tabaco, Fumu. | Nganga, Jinganga. |

Na lingua bunda a partícula «Ca» significa diminutivo, e «Quinene» aumentativo; assim Ca-mona significa filho pequeno; e Riala-quinene, homem grande.

* H aspirado.

TABOADA DE NUMEROS.

| Número | CONGUEZ | BUNDO |
|--------|-------------------------|---------------------|
| 1 | Móchi. | Móchi. |
| 2 | Sóle. | Yéri. |
| 3 | Tátu. | Tátu. |
| 4 | Maia. | Uána. |
| 5 | Tánu. | Tánu, |
| 6 | Samánu. | Samenu. |
| 7 | Samboári. | Samboári. |
| 8 | Nane. | Náqui. |
| 9 | Eóua. | Vvua. |
| 10 | Cumi. | Cunhi. |
| 20 | Macu móle. | Macunhi maiári. |
| 30 | Macu matétu. | Macunhi matátu. |
| 40 | Macu méia. | Macunhi mauána. |
| 50 | Macu maténu. | Macunhi matenu. |
| 60 | Macu massamánu. | Macunhi masamánu. |
| 70 | Loe Samboári loemcáma. | Macunhi masamboári. |
| 80 | Lo náne lancáma. | Macunhi náqui. |
| 90 | Lo éoua luncáma. | Macunhi ivua. |
| 100 | Ncáma. | * H'ama |
| 200 | Ncáma sóle. | H'áma luiári. |
| 300 | Ncáma tétu. | H'áma utátu. |
| 400 | Ncáma máia. | H'áma luána. |
| 500 | Ncáma tánu. | H'áma lutánu. |
| 600 | Ncáma samánu. | H'áma samánu. |
| 700 | Lusamboari quianculági. | H'áma samboári. |
| 800 | Lunáne quianculági. | H'áma náqui. |
| 800 | Loéoua quianculági. | H'áma ivua. |
| 1:000 | Lunculági. | H'ulucágí. |
| 2:000 | Ncúla sóle. | H'ulucágí siári. |

* A aspirado.



APPENDICE V

Noticias varias sobre a Africa Austral.¹

I.

Escolha do caminho entre as duas costas.

O auctor indica no fim do seu Diário, paginas 133 a 135 II, o modo que julga mais apropriado para se effectuar a communicação entre as duas costas maritimas africanas do dominio portuguez. Ha, porém, a accrescentar ao que elle diz; que, quando se intente a descoberta de novos caminhos por onde se possam corresponder as duas provincias de Moçambique e Angola, deverá prestar-se muita attenção aos resultados, que já se acham publicados, das descobertas feitas n'estes últimos annos por varios viajantes que, partindo do Cabo de Boa Esperança, têem caminhado para o norte e explorado o paiz na distancia de muitos graus de latitude d'esta colonia, reconhecendo o lago Ngami e varios rios consideraveis, alguns dos quaes são indicados como affluentes do Zambeze: circumstancia esta que, atendendo á posição dos paizes em que foram observados correr os mencionados rios, se considera ainda duvidosa. E tambem

¹ Ao Editor pareceu conveniente juntar ao Díario este Appendix.

convirá ter em vista as descobertas feitas recentemente nos sertões de Angola, de Benguela e de Mossamedes.

No estado presente dos conhecimentos geographicos d'estas regiões, parece que, pretendendo-se tentar a passagem da costa oriental para a occidental, o mais acertado seria que os descobridores partissem do districto de Tete, entre 15° e 16° de lat. sul, e que subindo o Zambeze até Zumbo, e d'ahi até onde fosse possível navegar, procurassem aproveitar as aguas de algum dos rios que correm para o Zambeze, ou que d'elle se aproximam, e que parecesse terem as suas fontes ao Noroeste do Zumbo: e que, quando não pudessem continuar a navegar, seguissem caminho por terra para o occidente pelos países situados entre 16° e 12° de latitude, de modo que entrassem na província de Angola por algum dos territorios das jurisdições de Mossamedes ou de Benguela. E talvez que, na sua marcha, pudessem reconhecer o curso do grande rio Liambege, ou o do Cubango ou do Cunene, o que seria muito interessante para o adianitamento dos conhecimentos geographicos.

II.

Commercio do Cazembe com Moçambique e com Angola.

Notícias relativas a Lunda.

Entre o Cazembe e a villa de Tete, na província de Moçambique, tem havido, desde longo tempo, mas com interrupções, algumas relações commerciaes, apresentando-se em Tete mercadores de Lunda, e n'esta cidade gente de Rios de Sena.

Entre Lunda e Cassange, na província de Angola, existe, desde muitos annos, um commercio activo, sendo muitos dos generos que saem do porto de Loanda os mesmos que em Cassange foram vendidos pelos Lundas.

Assim, os Lundas têm comunicação com as ditas províncias portuguezas da Africa oriental e occidental. E se bem

que, até ao presente, esta communicação tenha sido quasi inutil para os europeus, pois que é como excepção que se nota a existencia em Loanda de um portuguez da Europa, que affirma haver regressado ha pouco tempo de Lunda, onde residira durante um anno; contudo deve merecer toda a attenção para que se torne mais frequentada, parecendo possivel aproveita-la dentro de pouco tempo, se se souber tirar partido das occorencias seguintes:

O Jága Cassange, vassallo da corôa de Portugal, querendo conservar para a sua gente o monopólio do commercio do interior, impedia que os Lundas tratassesem directamente com os brancos feirantes, ou mercadores de Loanda, que fiam comerciar, ou que tinham os seus armazens em Cassange.

Havendo o Jága reinante em 1850, D. Pascoal, praticado alguns actos dignos de castigo, mandou o governador geral d'Angola marchar, do presidio de Pungo-Andongo, sobre Cassange uma força de cinco mil homens; a qual, tendo batido a gente do Jága, e penetrado até á margem do rio Quango, que é o Zaire, ou um grande affluent seu, e que é o limite de Cassange, fez fugir o rebelde para o Quembo, paiz situado na margem direita d'este rio.

E havendo o major Ferreira, commandante da força, deposto o dito D. Pascoal, e feito eleger, segundo o estylo, outro Jága para o substituir, retirou-se, deixando tudo em socego, o qual só por curto espaço de tempo foi perturbado pelo expulso potentado, que, por este motivo, soffreu nova e total derrota, ficando o novo Jága D. Fernando no pacífico exercicio do governo.

O mesmo commandante, estando em 1852, no logar da feira de Cassange, recebeu aviso de que além do Quango, que d'alli dista tres dias de jornada, se achavam uns embaixadores que a elle mandava o Muata Hianvo, da Lunda, e que pediam licença para se lhe apresentarem.

Concedida esta, vieram. E o commandante, acompanhado

do novo Jága, o qual se achava vestido com o uniforme de official portuguez, e achando-se as tropas em parada, recebeu os enviados com salvas de tres peças de artilheria, o que muito os espantou, porque nunca tinham visto canhões nem ouvido o estrondo dos seus tiros.

Depois de fazerem as suas saudações ao commandante, os enviados disseram:

«Que o Muata Hianvo, tendo noticia de que elle commandante havia entrado com um exercito em Cassange e deposto o antigo Jága, determinará mandar os seus embaixadores para o cumpreimtarem da sua parte, e para lhe proporem que se mantivessem boa amizade entre os portuguezes e os Lundas; e para pedirem que as auctoridades portuguezas dessem aos Lundas, que viesssem commerciar a Cassange, toda a segurança para elles e para as suas mercadorias.»

O commandante, depois de agradecer e retribuir os cumprimentos, respondeu aos enviados em nome do governador geral de Angola:

«Que este queria que existisse amizade perfeita entre os portuguezes e o Muata Hianvo, e que assegurava completa segurança aos Lundas que entrassem em Angola para commerciar, e que elles podiam, d'aquelle dia em diante, ir, não sómente a Cassange, mas a Loanda, ou a qualquer outro logar do territorio portuguez.»

E havendo depois o mesmo commandante dado aos enviados uma carta sua e alguns presentes para o Muata, entre os quaes se comprehendia uma caixa de musica, que haviam admirado, e varios objectos para elles mesmos, despediram-se, mostrando-se muito satisfeitos, e dizendo que voltariam no anno seguinte.

Esta communicaçao directa entre Lunda e Loanda, e Lunda e Tete, poderá talvez para o futuro servir para facilitar a comunicaçao regular entre Angola e Moçambique. Já em 1853 os feirantes, ou commerciantes europeus, estabelecidos em Cas-

sange, despacharam para Lunda aviados, isto é, agentes commerciaes seus, com fazendas.

Quanto ao titulo d'aquelle potentado, o major Salles Ferreira chama-lhe Mathianvo; e o major Gaminho, no seu Diario (paginas 38 II), diz: «Que os palacianos de Lunda, dão ao Mambo, por lisonja, de que elle gosta, o titulo de Muatianfa», e a paginas 91 II, referindo que o Cazembe rendia uma sorte de vassallagem d'etiqueta ao Muatianfa, ou Muata Hianvo, ou Muata Yambo, accrescenta: «E eu não questiono sobre o modo de pronunciar este nome, porque pode ser que o erro proceda da minha parte.»

Será bom, entretanto, recordar que o auctor do Diario, escrevendo em Lunda, diz o seguinte: «Como nos consta que está para sair para os dominios do Muatianfa ou Murôpue, o enviado que aqui mandou, e que aquelle potentado não dista muito das possessões portuguezas da Africa occidental, e que continuamente vão á sua corte mercadores d'aquellas partes, assentámos em escrever ao general d'Angola.»

Ora, a carta que então foi escripta parece ter ficado em Lunda desde 1832, sendo recebida em Luanda sómente em 1839. E como, o potentado de Lunda estende os seus dominios até à fronteira dos regulos vassallos de Portugal, que habitam na margem direita do rio Quango, parece provavel que as terras do Murôpue, ou primeiro Muata Hianvo, ficam a NE. d'Angola.

O mesmo major Ferreira diz que dos embaixadores do Muata Hianvo, aos quaes dá a denominação de Caquatas, e de varios pretos Cassanges, que residiam em 1853 com elle major, obtivera as noticias seguintes:

Que em Lunda se recebem, para negocio, fazendas vindas de Tete.

Que o Muata Hianvo é muito poderoso, e que d'elle são tributarios todos os regulos do Loval ou Lubal.

Que ha um outro grande potentado inimigo do Muata

Hianvo, o qual não tem podido ser vencido por este, por habitar em posição muito forte e ter a sua grande Quimbaca (povoação fortificada com estacada) cercada por um fosso.

Que a Banza (povoação capital) do Muata Hianvo fica a leste de Cassange.

Que os rios principaes, além de muitos outros que ha a passar, indo d'este ultimo logar para Lunda, são: o Quango, o Luachamo, Lombe, Quizemba, Luhí, Lueze e o Luhua, que é o ultimo.

Que lhe parece que alguns d'estes denominados rios são grandes lagoas, porque o informaram serem de aguas sem corrente, e terem estas muitas plantas.

Que o caminho desde o rio Quango até Lunda é quasi todo plano, havendo mui poucas montanhas.

Que se encontram muitas mattas.

Que o paiz por onde se passa é muito povoado e abundante em mantimentos e gados.

Que passando em Cassange o rio Quango, entra-se nas terras do Soba Capenda-Camulemba, vassallo de Portugal, o qual tem o titulo, dado pelo governador geral d'Angola, de capitão-mór dos portos do Quango. Estas terras são no Chinge. E que desde a Libata do Capenda até á do Soba Manzáza ha seis dias de marcha.

Que o Soba Manzáza é, n'esta região, o primeiro subdito do Muata Hianvo que se encontra, e que da sua Libata á Banza de Lunda se gastam quarenta e cinco dias na jornada.

Assim, as fronteiras dos dominios do Muata chegam ás dos territorios portuguezes da Africa occidental.

Para que se combinem estas informações com as que dá o major Gamitto, recordar-se-ha aqui que este diz: «Que tinha colhido, que de Lunda ao rio Lualáo, limite do Cazembe e do Murôpue, ha um mez de viagem; e do Lualáo á corte do grande potentado, dito Muatianfa ou Murôpue, a quem o Muata Cazembe rende vassaliagem, são dois mezes; que os Cazembes

chamam Angola aos domínios do Murôpue: e que d'alli para diante não tinha mais notícias, dizendo-se apenas que até ás terras portuguezas havia dois potentados: o primeiro, limitrophe do Murôpue, chamado Muenenputo, e o immediato Mos-sungo Congo. E que aos estados do Murôpue iam commerciar escravos dos Muzungos ou brancos. E tambem diz que o territorio do Cazembe é plano e cortado de rios. (Vejam-se páginas 396 I e 15 II).»

FIM.

POST SCRIPTUM

POST SCRIBTUM

Depois d'esta obra se achar impressa, veio á mão do editor um manuscrito assignado por J. Rodrigues Graça, datado na Banza o Matianvo, em 20 d'Outubro de 1847, que contém o Díario das viagens por elle feitas nos annos de 1843 e seguintes; de Loanda a Ambaca, ao Songo, ao Bihé, e d'alli ás terras do Matianvo.

Ainda que este manuscrito haja, provavelmente, de ser publicado no Boletim do Conselho Ultramarino, pareceu com tudo acertado imprimir aqui um curto extracto da parte que se refere à viagem desde Bihé até á Banza do Matianvo, pois que, ainda que não se achem n'elle mencionados os rumos das marchas feitas, nem por isso deixará de ser interessante a noticia das terras e dos chefes que se encontram entre aquelles dois logares, assim como o que alli se diz relativamente ao dito potentado e aos seus tributarios.

O editor teve tambem em seu poder a copia de um officio dirigido ao Governador de Benguela por Ladislau Amerigo Magyar, datado nos Gambos em 21 e Março de 1853, e julgou ser util publicar o pequeno extracto do mesmo Officio que adiante se achará.

E, attendendo ao estado de obscuridade em que ainda se acha a geographia das regiões de que tratam estes extractos, pareceu tambem acertado imprimir, em seguida aos mesmos, algumas confrontações do que se encontra nas notícias dadas sobre esta parte da Africa, por Salles Ferreira, Rodrigues Graça, Ladislau Magyar, e por Botelho de Vasconcellos, que governou Benguela no fim do ultimo século.

A viagem de B. I. Brochado ás terras do Humbe e a outras, das margens do rio Cunene, com a descripção que faz d'alguns povos das margens do rio Cubango, cujo mappa deverá publicar-se com brevidade, concorrerá tambem para o adiantamento dos conhecimentos geographicos d'esta parte da Africa.

I.

**DERROTA DESDE O BIHÉ ATÉ A BANZA DO MATIANVO
FEITA EM 1846.**

| Meses e dias | Lugares | LOGARES |
|--------------|---------|--|
| Maio 4 | 3 | Caquenha |
| 5 | 3 1/2 | Boa-vista |
| 9 | 4 1/2 | Quítice |
| 10 | | Soba Lucata — Ganguellas. |
| 12 | | Calongo |
| 13 | | Cassa Cabuelo |
| 14 | 7 | deserto. Camochito |
| 15 | | Soba Gombe, irmão do regulo Sinde, inimigo dos Ganguellas, margem do rio Quanza. (1) |
| 17 | 4 | Porto do rio Quanza, pertencente ao dito regulo. |
| 18 | 4 | Soba Caconde, obedece ao Sinde. |
| 21 | 5 | Banda do regulo Quiengo, de nação Bunda e Ganguellas, inimigo do Sinde. |
| 22 | 6 | Riacho Benedicta. Deserto, pantanos. |
| 23 | 5 1/2 | Rio Colia, entra no Cuiba, e este no Quanza, deserto. |
| 24 | 6 | Riacho Caluembá, corre para O., para o Cuiba, deserto. |
| 25 | 4 | Mona Cuquia, deserto. |
| 26 | 5 1/2 | Della Guenga, deserto, pantanos. |
| | | Rio Muangôa, corre para o rio Cassaby. |

(1) Soba, chefe de uma ou mais povoações.
Regulo, chefe mais poderoso.

| Mezes e dias | Legasas | LOGARES |
|--------------|---------|---|
| Maio 27 | 8 | Camussamba, na margem do rio Muangôa, fronteira do Quiôco. |
| 28 | 5 1/2 | Cassango, a tres legoas da Banza do regulo Canhica-Catembo, no Quiôco. |
| 30 | 4 1/2 | Bossohi, regulo Muana-Angana, sobrinho do Canhica-Catembo. |
| 31 | 3 1/2 | Muana-Angana, irmã do dito regulo. |
| Junho 1 | 6 | Muala Macuto. Paiz esteril. |
| 2 | 6 | Riacho Lumegi. Matos altos. |
| 3 | 5 1/2 | Luachi, Sobeta (¹) do Muana-Angana Donge, paiz montanhoso. |
| 4 | 3 | Regulo Moma; na margem do rio. Montanhas. |
| 5 | 4 1/2 | Muquinda, sitio na margem de um riacho que corre para o Luague. Montes. |
| 6 | 5 | Massange, sitio plano. Pantanos. |
| 7 | 4 1/2 | Lussagi, sitio plano. |
| 8 | 5 | Margem do rio Loangrico que entra no Cassaby. Planicies. |
| 9 | 4 | Quissano, terra plana. Pertence ao Donge. |
| 11 | 5 | Rio Catuibi. Paiz plano, esteril. |
| 12 | 6 | Riacho Ruli, planicie fertil do regulo Cangonga. |
| 14 | 5 | Rio Luachi, do regulo Muana-Angana Tanga. Pantanos. Fim do domínio do regulo Cabita-Catembo, que é a província do Quiôco, a qual está no centro das terras dos regulos Bomha, Bunda, Ohagy, Minungo, Loena e Cassaby. Clima frio: há aqui muita cera. Os povos do Quiôco são errantes. Dista do Bihé doze dias de viagem. |
| 15 | 5 | Rio Lueli. Planicie, deserto. |
| 16 | 6 1/2 | Rio Cassaby (tributário do Sena?) (²) não se pode vadear. Nasce ao N., corre em todo este território e no do Matianvo. |
| 17 | 5 1/2 | Marcha pela margem d'este rio; acampamento no Mucu, perto da Banza do Muana-Angola Diaubamo, sobrinho do poderoso Catende, que vive na margem do rio. Paiz monluoso. O regulo Catende |

(1) Sobeta, isto é, Soba pequeno ou embalzeiro.

(2) O Zambeza.

| Mezes e dias | legens | LOGARES |
|--------------|--------|---|
| Junho 20 | 4 | veio ao acampamento, e disse ser sujeito do Matianvo. |
| | | Marcha pela margem do Cassaby, terras do Muana-Angana Namelambo. Paiz montuoso. |
| 21 | | Marcha pela margem do Cassaby, Banza do regulo Catende-Mucanzo, avô do que tica mencionado, sujeito ao Matianvo. |
| 23 | 3 | Marcha descendo pela margem do Cassaby. Banza do Muana-Angana Quinhama, sotobrinho do Catende Mucanzo. |
| 24 | 4 1/2 | Marcha pela margem do Cassaby. Riacho Cazona. Planice deserta. |
| 25 | 6 | Marcha com o rumo de L., ficando o rio Cassaby a esquerda. Rios Luana e Cassamba. |
| 26 | 4 | Marcha pela margem do rio Luana, afluente do Cassaby, é caudaloso no inverno. Acampamento junto a uma habitação. Planicie. |
| 27 | 5 | Caanu, sitio esteril. Pouco povoado. |
| 28 | 5 1/2 | Riacho Cauhage: sitio do Muata Cobango. Matlos, planicies. |
| 29 | 6 | Riacho Hixa. Matlos: paiz deserto, esteril. |
| 30 | 4 | Riacho Cassamba. Matlos altos, esteril. |
| Julho 1 | 4 1/2 | Silio Quissambo. Muata do regulo Quibueca. Matlos altos, terreno plano. |
| 2 | 5 | Marcha. Acampamento na margem do Cassaby, perto da Banza do Quibuica, sujeito ao Matianvo. |
| 25 | 6 | Marcha pela margem do Cassaby. Matlo deserto. |
| 26 | 4 | Marcha pela margem do Cassaby. Acampamento junto ao porto. Passagem do rio que pertence ao regulo Sacambunge. Matlos altos, planicie esteril. |
| 27 | | Passagem do Cassaby. Acampamento junto ao mesmo porto. |
| 31 | 6 | Marcha. Acampamento na Banza do regulo Sacambuge. Terreno plano, limpo. |
| Agosto 1 | 3 | Marcha pela margem do Cassaby. Acampamento. |
| 2 | | Passagem do rio. Terras do polentado Defunda. |
| 4 | 5 | Marcha pela margem do Cassaby. Acampa- |

| Mezes e dias | Legas | LOGARES |
|--------------|-------|---|
| Agosto 5 | 5 | mento em terras do Muana-Angana Defunda. Mattos rasteiros, planícies. |
| 7 | 5 | Marcha. Acampamento em terras do regulo Defunda. Mattos altos, paiz, em partes pantanoso, em partes fertil, e muito povoado. |
| 8 | 4 | Marcha. Acampamento na margem de um riacho. Mattos altos fechados, deserto. |
| 9 | 5 1/2 | Marcha. Acampamento em matto deserto. |
| 10 | 6 | Marcha. Acampamento em matto deserto. Terreno plano. |
| 11 | 5 1/2 | Marcha. Acampamento em terra pertencente ao Muata Cabula-Puto. Mattos altos fechados. Paiz plano. |
| 12 | 4 | Marcha. Acampamento na Banza do regulo Muana-Ángana Capegi, parente do Matianvo. Mattos altos, terreno com outeiros. |
| 13 | 6 | Marcha. Acampamento na margem do rio Lurua, que abunda em peixe de boa qualidade. Agoa salitrosa. Corre sobre rochedos, não é navegado. Terreno visinho plano e limpo. |
| 17 | | Passagem do rio Lurua. Acampamento na mesma margem onde se passou. |
| 18 | 6 | Marcha. Acampamento nas terras do regulo Massongo, irmão do regulo Muaza. Terreno montanhoso pela banda do rio Lurua. |
| 19 | 5 1/2 | Marcha. Acampamento em terras do Muata Cadalla. Terreno plano, pantanoso, com varios riachos. |
| 21 | 6 1/2 | Marcha. Acampamento na Banza do regulo Chala. Terreno plano em partes, em outras montuoso e limpo. Este regulo é poderoso. O paiz que domina é fertil e agradavel: n'elle se reunem o caudaloso rio Lurua com o Cassaby, Cabeceiras do rio Sena (Zambeze). Os povos que governa empregam-se muito na agricultura. |
| 30 | 6 | Marcha. Acampamento no matto visinho da povoação, terreno montanhoso. Corre |

| Mezes e dias | Legasas | LOGAROS |
|----------------------|---------|--|
| Agosto 31 | 5 | aqui o rio Quihengo, caudaloso na estação das chuvas. Marcha. Acampamento em terras do regulo Quissende, neto do Matianvo. Terreno com valles e riachos. |
| Set. ^{mo} 1 | | Marcha. Acampamento junto á marcha do rio Luiza. Paiz fertil. |
| 2 | 3 | Marcha. Acampamento em uma malta pertencente ao Matianvo. Terreno fertil. |
| 3 | | Marcha. Acampamento na Banza, ou Quilombo, do Matianvo, onde se chegou antes do meio dia. Terreno limpo, montanhoso, cheio de grandes povoações, e grandes vargeas de palmeiras, cortado de riachos com bellas agoas; fertil em milho, feijão, farinha de mandioca, azeile de palma e de mendobim, carnes secas de animaes silvestres. |

O Matianvo disse que estava em guerra com os potentados Canhica, Canhiquinha e outros, donos de grandes terras, em que ha cobre, marfim, azeite, ferro e escravos; e que os que lhes prestam obediencia são os seguintes regulos: o grande Cazembe-Mucullo, Muzaza, Quimbundo, Catende, Quinhama, Chinde, Canonguessa, Muxima, Mussocadanda, Muene-puto das praias, Luvar, Sacambuge, Quibôco, Cabinza, Chava-hua, Defunda, Challa, Cabo-Caconda, Muata-Mibanda, Zanvi, Cassongo, Catena-Callende, Quiria, Milondo, Massoje, Cagongi, Cha-huta, e outros muitos, todos estes grandes, que possuem muitas terras, e tem muito cobre; marfim, por lhes ficar longe, não o procuram. Os que lhe não obedecem sao Canhiquinha, Muombo-Mucullo, Muene-Calage, etc.

O Matianvo é, por assim dizer, o imperador dos outros que ficam mencionados; é poderosíssimo e muito rico: em todo o seu territorio o maior commercio que hoje se faz é o de marfim, pelo haver em grande quantidade; cada um de seus potentados

Ihe tributa constantemente marfim, ferro, cobre, enchadas, arcos, frechas, zagaia, louça, facões, azeite de palma, viveres, criações, fazendas, pannos de palha, peles de todas as feras, etc., etc.

Diz o viajante, que das terras do Matianvo se vai negociar a Sena (Rios de Sena).

Diz que entre o Matianvo e Sena ha um deserto de quarenta dias de viagem.

Diz que o territorio do Matianvo se acha collocado no interior e a L., ficando-lhe as terras do Cazembe a ESE. Que é cercado pelo caudaloso rio Cassaby, bem como o Luruá ou Ruru, que abunda em bom peixe. Que ha no paiz vastas campinas, e grande povoação. Que a Banza tem ruas largas, alinhadas e muito limpas, que parece um paiz civilisado.

Elle aconselha ao negociante que queira especular n'estes sertões, que tenha um sortimento completo de fazendas, e que para obter bom resultado deve estabelecer feitorias nos seguintes pontos:

1.º Muzaza: d'onde negociará com os regulos Catende, Quiôco, Luena, e todo o territorio do Cassaby; em todos estes pontos é abundante o marfim e a cera, e offerecem vantagens no mercado.

2.º Ponto. No regulo Sacambuge deve fazer feitoria, podendo despachar para as terras dos potentados Quibuica, Cauáu, Musso-Cadanda, Muxima, Quinhama, Canonguessa, Mane Defunda, etc.: todos estes logares tem marfim em grande quantidade, e offerecem vantagens.

3.º Ponto. Deve estabelecer a terceira feitoria nos dominios do rei Cazembe, este ponto é de grande vantagem, porque d'elle pode despachar para o Lubege, Lua, Luvar; toda a posseção de Cazembe é abundante em marfim, e tira-se partido.

4.º Ponto. Luruá, despachando por todos os regulos, que ocupam as margens d'este rio.

5.º Ponto. Challa, optimo ponto, e tem muito logares por onde despachar fazendas.

6.º Ponto. Matianvo.

**RELAÇÃO DOS POTENTADOS VASSALLOS DO MATIANVO,
E ORÇAMENTO DOS TRIBUTOS QUE ANNUALMENTE
ELLES LHE PAGAM.**

| | RÉIS |
|---|--------------|
| Catende tributa marfim, escravos e fazenda | 4:000\$000 |
| Cauau — idem | 800\$000 |
| Cabinda — idem | 600\$000 |
| Quibuica — idem | 2:000\$000 |
| Sinde — idem | 8:000\$000 |
| Canonguessa — idem | 8:000\$000 |
| Quinhema — idem | 8:000\$000 |
| Muxima — idem | 4:000\$000 |
| Quirametondo — idem | 8:000\$000 |
| Catema — idem | 12:000\$000 |
| Musso Candanda — idem | 10:000\$000 |
| Cazembe grande — idem | 8:000\$000 |
| Cazembe pequeno — idem | 4:000\$000 |
| Cacoma Mulonga Libeje — idem | 14:000\$000 |
| Quiaguelle — idem | 12:000\$000 |
| Sacambuge — idem | 4:000\$000 |
| Quibundo — idem | 2:500\$000 |
| Manzaza — idem | 2:500\$000 |
| Zabo-mulondo — idem | 2:500\$000 |
| Cassongo — idem | 12:000\$000 |
| Cabo Catenda — idem | 4:000\$000 |
| Jambo — idem | 4:000\$000 |
| Defunda — idem | 5:000\$000 |
| Defunda pequeno — idem | 800\$000 |
| Chalia — idem | 4:000\$000 |
| Mane Domingas — idem | 6:000\$000 |
| Mane Quilage — idem | 14:000\$000 |
| Mane Quininga — idem | 8:000\$000 |
| Mutembo Muculto — idem | 8:000\$000 |
| Cauande — idem (anthophagos) | 8:000\$000 |
| Comalage — idem | 12:000\$000 |
| Caniquinha — idem | 14:000\$000 |
| Canhoca (o poderso) | 16:000\$000 |
| Cassongo das Praias — idem (Costa Oriental) | 16:000\$000 |
| Cabairundo — idem | 8:000\$000 |
| Caende — idem | 12:000\$000 |
| | 266:500\$000 |

Nota. — O editor conservou a orthographia com que na memoria que teve presente se acham escriptos os nomes proprios. Suspelia entretanto, que alguns d'elles, escritos diversamente, se applicam ao mesmo objecto; por exemplo: Muzaza e Manzaza, Chinde e Sinde (na relação da pagina 494); e Cabinza e Cabinda (na mesma relação).

II.

Extracto de um Officio dirigido ao Governador de Benguela por Ladislau Amerigo Magyar, datado nos Gambos em 21 de Março de 1853.

Depois de uma demora de alguns mezes no Bihé, levantei para seguir na mesma direcção; e passando o caudaloso Quanza, com duas observações astronomicas determinei o manancial d'este rio, pois muito me interessava saber este ponto importante até hoje tão erradamente descripto nos mappas d'Africa.

Daqui, na direcção ENE., n'uma direcção diagonal, atravessei os dilatados reinos de Luchasi e Bunda, notei o curso de muitos rios navegaveis, como são: Vendica, Carima, Cuima, Cambale, todos elles tributarios do grande Quanza. No reino de Cariongo, mudando a direcção para E. nos dilatados e desertos mattos de Quiboque, alcancei o ponto culminante do continente africano no hemisferio do Sul; este ponto debaixo de $10^{\circ} 6'$ lat. S., e $21^{\circ} 19'$ long. E. de Greenwich, com calculo barometrico, achei-o 5,200 pés acima do nível do mar.

Duvido que se ache um ponto mais interessante para um geographo do que este; pois que n'um pequeno perimetro de trinta a quarenta legoas quadradas, aqui tomam origem muitos rios candalosos, deitando uns as suas aguas para O. no mar Atlantico, outros com direcção opposta no Oceano Indico; por tanto com justa razão se pode chamar o reino de Quiboque a

mãe das agoas africanas no hemisferio do Sul. Aqui tomam a sua origem os rios acima mencionados: Vendica, Cuima, Carima, Cambale, o enorme e volumoso rio Cassaby, o qual no seu curso para E. divide os reinos de Lobar e Catema-Cabita do extenso imperio de Lunda, onde, depois de se unir com o rio Luloa, muda a direcção para NE., e com uma largura de uma legoa, entrega as suas agoas ao Oceano Indico, em um lugar por ora desconhecido; os rios Lugebungo, Lutembo, Lumegi, Lume, Luena, Quifumage, todos caudalosos e aptos para navegação, são affluentes do grande Diambege, que supponho ser o mesmo Zambeze ou Sena, que ao pé de Quilimane entra no mar.

Na minha demora de um anno e tres mezes n'estes sertões d'Africa, onde penetrei até $4^{\circ} 41'$ lat. S., e $25^{\circ} 45'$ long. E. nas cabeceiras do rio Diambege; procurei obter os mais amplos conhecimentos possiveis sobre a geographia dos muitos e dilatados reinos até hoje desconhecidos, sobre a estatistica e politica dos seus povos, dos tres reinos da historia natural, e ter em ordem diaria as minhas observações meteorológicas; pois julguei não dever omitir nada que possa illustrar a geographia, até hoje desconhecida, d'estes vastos paizes.

Nas vesperas do meu regresso para Benguella, no fim do mez de Maio de 1851, appareceu-me em Chaquilembe no reino de Lunda, uma carta escripta em arabe, trazida pela minha gente, que tinha fóra na outra banda do Diambege, de uns Mouros com quem lá se encontraram; não sabendo, porém, o arabe, não pude dar solução á dita carta. Estes, depois, unindo-se á gente do Sr. major Coimbra, foram com ella até Quissembo, no reino de Bunda, onde se achava negociando o dito Sr. major, com quem, segundo consta, chegaram até Benguella; tendo tido eu antes de lá chegar uma procedencia de cinco mezes, de maneira que já me achava outra vez no interior, em o Quanhama, quando sube por uma carta particular da chegada d'elle.



III.

Confrontações.

O major Salles Ferreira, como se vê no Appense V, falla do Muata Hianvo da Lunda, e nos Lundas. O viajante Rodrigues Graça, falla sómente no Matianvo, e nunca em Lunda, nem em Lundas.

Salles Ferreira diz que ouvira que todos os regulos do Loval ou Luvar são tributarios do Muata Hianvo. Rodrigues Graça diz que o regulo de Luvar obedece ao Matianvo.

S. Ferreira menciona o rio Lulua. R. Graça falla no rio Lurua.

S. Ferreira diz que o Soba Manzaza é subdito do Muata Hianvo, e que da sua Banza á d'este potentado ha quarenta e cinco dias de caminho. R. Graça menciona Manzaza na relação dos vassallos do Matianvo.

Gamitto diz que os Lundas chamam Angola ás terras do Murôpue. R. Graça diz que em 17 de Junho de 1846 estivera na terra do Muana-Angola Diaubamo; e nem elle nem S. Ferreira mencionam o Murôpue.

Gamitto diz que o Murôpue é vizinho de um potentado denominado Muenenputo. R. Graça diz que o Muenenputo das Praias obedece ao Matianvo.

R. Graça diz que o regulo Quiboco obedece ao Matianvo. Ladislau Magyar falla no reino de Quiboque onde estivera.

R. Graça descreve o paiz do Quiôco, e diz que está a doze dias de viagem do Bibé. S. Ferreira diz que o caminho de Cassange para a Lunda é mais curto passando alli o rio Quango, atravessando o Chinge até Manzaza, e d'allí segnindo para L.; do que indo pelo caminho, antes usado, rodeando o Songo Grande e o Quiôco.

Ladislau Magyar falla no reino de Bunda. R. Graça diz que o regulo Bunda é limitrofe do Quiôco.

Ladislau Magyar falla do reino de Luchasi. R. Graça falla do Sobeta (Soba subalterno) de Luachi.

Ladislau Magyar diz que o rio Cassaby se reune com o rio Lulua. R. Graca diz que o Cassaby se reune com o Lurua nas terras do regulo Challá.

Ladislau Magyar falla nos rios Lumegi e Diambege. R. Graça menciona o Lubege, sem dizer se é um paiz ou um rio.

Botelho de Vasconcellos, falla de um rio chamado Cotia que entra na margem direita do Quanza, e no rio Luena, e no Soba Quinhama, na Libata Grande do Loval, situada quasi nos limites do paiz. R. Graça falla no rio Cotia, em cuja margem estivera no dia 22 de Maio de 1846, e no rio Luana, que vira no dia 25 de Junho; e designa o regulo Quinhama como da obediencia do Matianvo.

IV.

Depois de se achar no prelo este Post Scriptum, foi recebido pelo editor d'esta obra o Boletim d'Angola de 15 d'Abrial do corrente anno, e alguns numeros mais modernos do mesmo periodico, em que se tem publicado um Diario com o tituto de =Uma Viagem á Contra Costa= feita por A. F. F. da Silva Porto.

Este viajante partiu do Bihé em 20 de Novembro de 1853, seguindo o rumo de L. durante os vinte e oito dias da sua marcha de que até agora temos noticia. Ignoramos, porém, ainda qual foi o ponto da Costa Oriental a que elle chegou.

Por outro lado, lê-se em uma carta do Reverendo Dr. Livingston datada em 28 de Setembro de 1853, que na povoação do chefe Sekeletu, proxima de Linyanti, no paiz do Barotze, havia encontrado dois commerciantes portugueses, ambos vindos do Bihé, sendo um d'elles o Sr. Silva Porto, o qual, com uma grande comitiva de mulatos e pretos, havia já alguns mezes que se achava no dito paiz; onde, para segurança do seu commercio, tinha construido uma estacada, em que içara a bandeira portugueza.

O Dr. Livingston diz que recebera d'este comerciante todos os obsequios que era possivel fazer-lhe; e que elle fora o pri-

meiro portuguez que vira o rio Liambege, ou Zambeze, no centro do continente.

Sahindo d'esta terra, o Dr. seguiu viagem para Angola; e tendo chegado a Cassange marchou pouco depois para Loanda. N'esta cidade imprimiu uns Appontamentos da viagem que fez desde o Cabo de Boa Esperança até alli, os quaes foram publicados no Boletim de Angola, elles dão uma noticia summa-mente interessante dos paizes que visitou e das principaes occor-rencias que tiveram lugar.

É de esperar que dentro em pouco tempo se publicará esta sua viagem: e quanto á do Sr. Silva Porto ella será provavelmente reimpressa no Boletim do Conselho Ultramarino.

NOTA ULTIMA.

Varias circumstancias impediram que fosse acabado dentro do prazo de tempo que se esperava, o mappa itinerario de Tete a Lunda; e foi esta a causa que demorou a publicação d'esta obra.

Lisboa. Dezembro de 1854.

FIM.

ÍNDICE DO 2.º VOLUME

| | |
|--|-----|
| <i>Capítulo VIII</i> — Retirada da Expedição até aos limites do Cazembe. Descripção d'este paiz e de seus habitantes | 5 |
| <i>Capítulo IX</i> — Continuacao da marcha de regresso para Tete | 43 |
| <i>Capítulo X</i> — Descripção dos usos, costumes, etc., dos povos Muembas, Auembas, ou Moluames | 83 |
| <i>Capítulo XI</i> — Continuação da marcha. Território portuguez nas margens do rio Aruângua | 93 |
| <i>Capítulo XII</i> — Conclusão | 127 |
| <i>Appendice I</i> — Fazendas de algodão usadas em Rios de Sena em 1832. Fornecimento das feitorias | 139 |
| <i>Appendice II</i> — Officio do governador geral de Angola, de 30 de Abril de 1839, ao Ministro da Marinha e Ultramar, em que participa haver recebido o officio dos comandantes da expedição do Cazembe, datado de Lunda em 10 de Maio de 1832 | 141 |
| <i>Appendice III</i> — Vocabulario de alguns termos da lingua cafrial do distrito da vila de Tete, que é entendida nos territorios Marave e Cheva | 145 |
| <i>Appendice IV</i> — Vocabulario de alguns termos das linguas Muiza e Messilla, que são entendidos desde as terras dos Chevas até ao Cazembe | 163 |
| <i>Appendice V</i> — Noticias varias sobre a Africa Austral ... | 175 |
| <i>Post scriptum</i> | 183 |

BIBLIOTECA CIVICA
N° 182052
VARESE

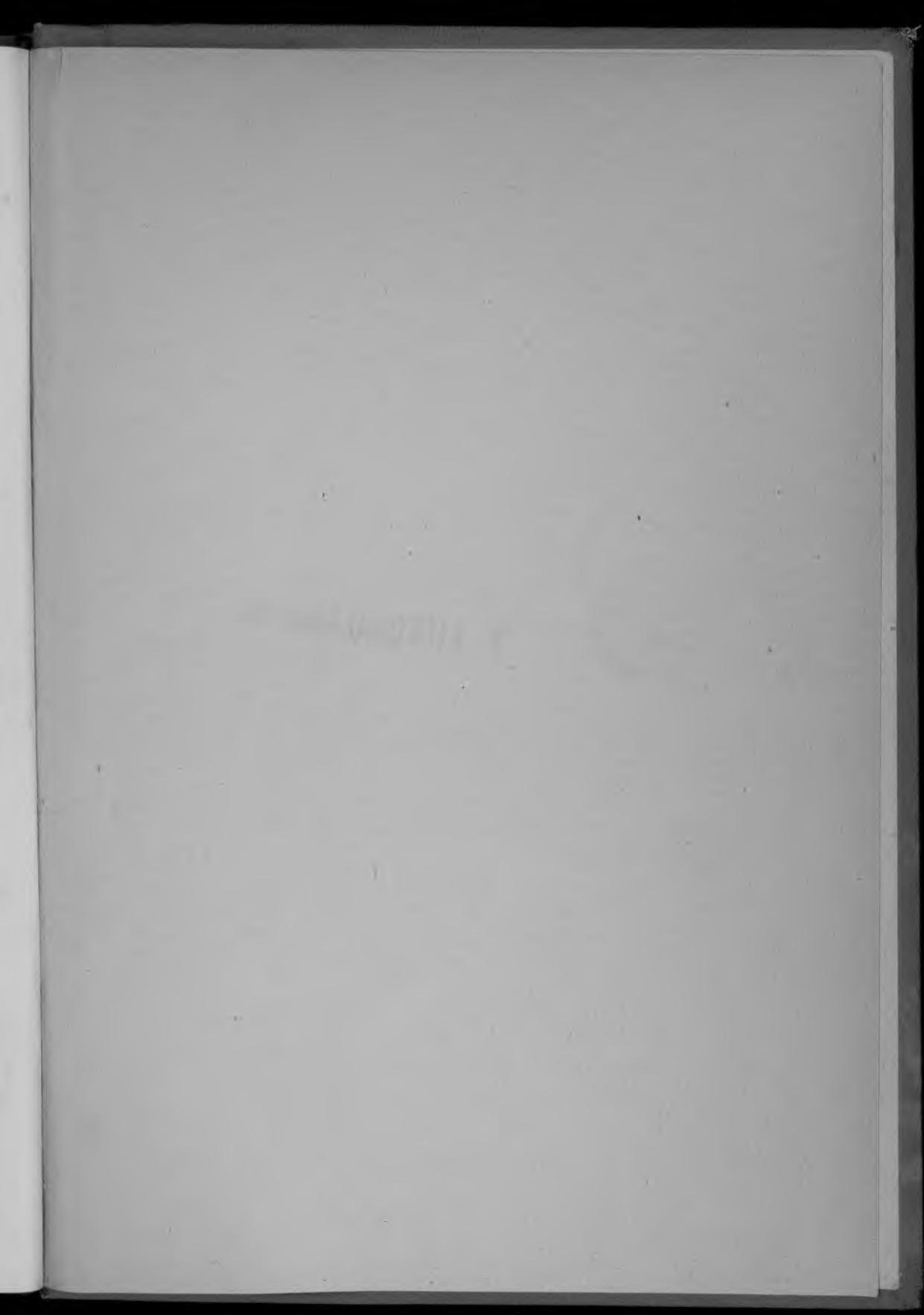
*Este livro, realizado pela
Editorial Atica, Limitada
Rua das Chagas, 23 a 27,
Lisboa, foi composto e
impresso durante o mês
de Dezembro de 1937.*



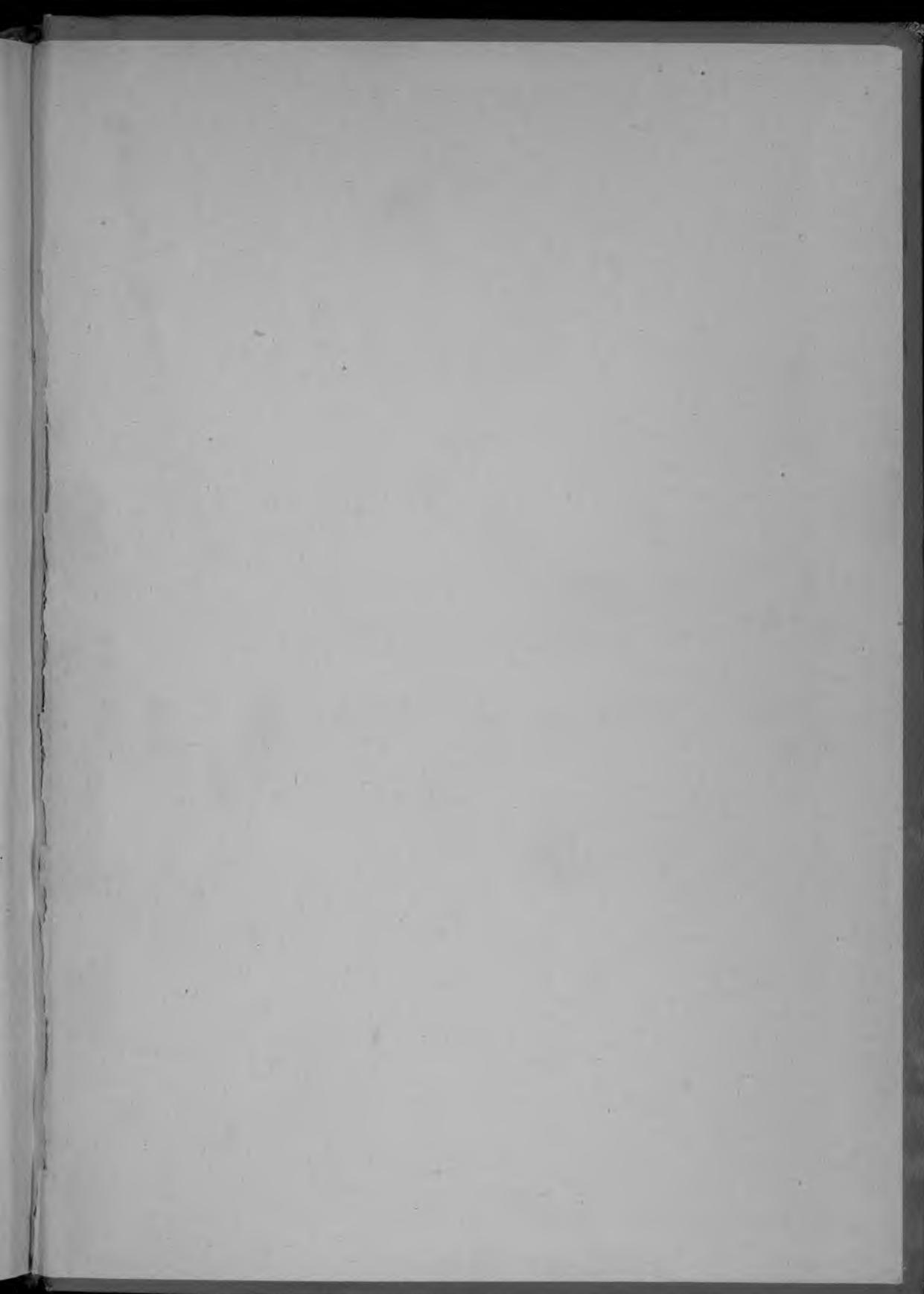
1 LUG 1940 ANNO VIII

522/2

4. 152/3







BIBLIOTE